



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Amanda Moreira Teixeira

**Psicologia Social e Arte: A Experiência de Pessoas em Situação de Rua com o Teatro
e a Cidade**

Florianópolis

2022

Amanda Moreira Teixeira

Psicologia Social e Arte: A Experiência de Pessoas em Situação de Rua com o Teatro e a Cidade

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Psicologia Social e Cultura.

Orientador(a): Prof.(a) Andrea Vieira Zanella, Dr.(a)

Florianópolis

2022

Moreira Teixeira , Amanda

Psicologia Social e Arte : A Experiência de Pessoas em Situação de Rua com o Teatro e a Cidade / Amanda Moreira Teixeira ; orientador, Andréa Vieira Zanella, 2022.

125 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Psicologia. 2. Psicologia Social . 3. Arte. 4. Pessoas em Situação de Rua. 5. Cidade. I. Zanella, Andréa Vieira. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Amanda Moreira Teixeira

Psicologia Social e Arte: A Experiência de Pessoas em Situação de Rua com o Teatro e a Cidade

O presente trabalho em nível de Mestrado foi avaliado e aprovado, em 13 de junho de 2022, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.(a) Eliane Regina Pereira, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof.(a) Kátia Maheirie, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.(a) Neiva de Assis, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof.(a) Andrea Vieira Zanella, Dr.(a)
Orientador(a)

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora e professora Andrea Vieira Zanella, pela sensibilidade e perspicácia na orientação realizada, pelo olhar sensível ao meu trabalho sempre com muita dedicação, atenção e ânimo. Agradeço pelo acolhimento em momentos de angústia e pelas trocas que me inspiram nas relações com a psicologia, com a pesquisa, a arte e a vida.

À Carolina Pommer, Kvera, Omar Jabal, Mario Grillo, Rafael, Jeniffer Becker, Andre Schaffer, Debora da Silva, Jairo de Oliveira, Gordo, Douglas B. dos Santos, Aline Salles, Ricardo, Kelvin da Silva, pela abertura, confiança, disponibilidade e convite diante da minha participação nas oficinas de teatro, bem como pelas trocas afetivas, artísticas e intelectuais que realizamos, sem as quais este trabalho não teria sido realizado.

À professora Kátia Maheirie e ao professor Vicente Concílio pela leitura atenciosa, sugestões e considerações valiosas ao meu projeto de pesquisa no exame de qualificação.

Às professoras Kátia Maheirie, Eliane Regina Pereira, Neiva de Assis e Raquel Barros pelo aceite em compor a banca de defesa da dissertação.

Aos meus pais Gleydson André da Silva Lima e Janeide Maria Farias Moreira pelo amor, apoio e incentivo de sempre.

Ao meu irmão e amigo, Raoni Moreira, Beguiro, pelo amor e conexão que tanto me potencializam para a vida.

Ao Ian Fukushima, companheiro-amor-amigo, pelo afeto que me nutre e pela parceria que nos fortalece.

À Yumi, filha, que no germinar de sua existência me deu forças para os acabamentos finais deste trabalho.

Às/aos amigas/os queridas/os Paola Tuñas, Maria Eduarda Padilha, Lucas Madeira, Raissa Araújo, Helena Maia e Pedro Tobias pelo imenso carinho, apoio e prestígio ao longo deste processo.

Às/aos professoras/es Marcela Gomes de Andrade, André Strappazon e Neiva de Assis pelas parcerias de trabalho em monitoria, estágio docência, organização e participação de eventos que sem dúvida enriqueceram a minha formação e experiência na pós-graduação.

Às/aos colegas pesquisadoras/es do NUPRA, em especial Natália Alves dos Santos e Adriana Barbosa Ribeiro pela amizade, apoio e parceria. Às/aos colegas orientandas/os da professora Andrea Vieira Zanella, pelo calor do partilhar das experiências e escritos de pesquisa, bem como pelas ricas considerações e sugestões feitas ao longo do trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de fomento que possibilitou a realização da pesquisa.

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa-intervenção foi investigar a experiência de pessoas em situação de rua (PSR), consideradas em sua heterogeneidade, com o teatro na cidade. O processo de produção de informações para a pesquisa compreendeu: 1) a participação e acompanhamento, entre março e dezembro de 2019, de uma oficina de teatro oferecida a PSR pelo Instituto Arco-íris, em Florianópolis/SC; a participação e registro do processo de criação de peças teatrais e apresentações no contexto da cidade; 2) a realização de 11 entrevistas com PSR envolvidas com o processo de criação e apresentação das peças teatrais. Os registros das informações foram feitos com gravações, fotografias e em diário de campo. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa construída a partir de pressupostos teórico metodológicos de Lev Vigotski, do Círculo de Bakhtin e de Walter Benjamin, sendo as análises construídas a partir da interrelação entre pesquisadora, sujeitos da pesquisa e o contexto social, histórico e cultural no qual a pesquisa se desenvolveu. A pesquisa e seus resultados são apresentados na forma de três artigos: 1) "Educação Estética e Arte, Pessoas em Situação de Rua e Cidade", revisão sistemática da literatura que discute de que modo as temáticas arte, cidade e pessoas em situação de rua foram relacionadas e debatidas nas produções científicas encontradas; 2) "Pessoas em Situação de Rua, Arte e Cidade: sentidos atribuídos à criação e apresentação de peças teatrais no espaço urbano", cujo principal foco de análise foram as entrevistas realizadas e os resultados apresentados através da criação das categorias: a vida na rua e o olhar sobre si, o fazer teatro e as apresentações e a experiência estética e seus efeitos; 3) Por fim, "Sobre Arte, Cidade e Cicatrizes: a experiência de pesquisar e atuar com pessoas em situação de rua" traz a narrativa da experiência de pesquisa sob a forma de marcas e cicatrizes produzidas pelos encontros que a constituíram e apresenta algumas temáticas que emergiram no processo de pesquisar: a cidade

como potência de encontros, o feminismo que pulsa nas ruas, a relação entre pesquisadora e sujeitos da pesquisa e a criação estética dos figurinos das peças de teatro.

Palavras-chave: Psicologia Social; Pessoas em Situação de Rua; Arte; Cidade.

ABSTRACT

The main goal of this intervention-research was to investigate the experience of homeless people, considered in their heterogeneity, with the theater in the city. The process of producing information for the research comprised: 1) the participation and monitoring, between March and December 2019, of a theater workshop offered to PSR by the Instituto Arco-iris, in Florianópolis/SC; participation and recording of the process of creating plays and presentations in the context of the city; 2) 11 interviews with PSR involved with the process of creation and presentation of theatrical plays. Information records were made with recordings, photographs and in a fieldnotes. The research adopted a qualitative approach built from the theoretical and methodological assumptions of Lev Vigotski, the Bakhtin Circle and Walter Benjamin, and the analyzes were constructed from the interrelationship between the researcher, research subjects and the social, historical and cultural context in which the research developed. The research and its results are presented in the form of three articles: 1) "Education Aesthetics and Art, People in Street Situations and the City", a systematic review of the literature that discusses how the themes art, city and homeless people were listed and discussed in the scientific productions found; 2) "People in Street Situations, Art and the City: meanings attributed to the creation and presentation of theater plays in the urban space", whose main focus of analysis was the interviews carried out and the results presented through the creation of the categories: life on the street and the look at oneself, the making of theater and the presentations and the aesthetic experience and its effects; 3) Finally, "About Art, City and Scars: the experience of researching and working with homeless people" brings the narrative of the research experience in the form of marks and scars produced by the meetings that constituted it and presents some themes that emerged in the research process: the city as a power of encounters, the feminism that pulsates

in the streets, the relationship between researcher and research subjects and the aesthetic creation of the costumes of the theater plays.

Keywords: Social Psychology; Homeless People; Art; City.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: SOBRE OS AFETOS DE ALGUNS ENCONTROS	13
OBJETIVOS	24
2.2 Objetivo geral	24
2.3 Objetivos específicos	24
AS AFETAÇÕES COMO GUIAS DE UM CAMINHO PERCORRIDO: Método e Considerações Onto-Epistemológicas	24
ARTIGO 1: EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTE, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E CIDADE	31
Introdução	32
Método	35
Resultados	38
Educação Estética e Arte: ampliando as discussões	48
Considerações Finais: reverberações	51
Referências	52
ARTIGO 2: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, ARTE E CIDADE: Sentidos Atribuídos à Criação e Apresentação de Peças Teatrais no Espaço Urbano	56
Introdução	58
Breves Considerações Teóricas	61
Método	63
Resultados e Discussão	66
A Vida com/na Rua e o Olhar Sobre Si	66
O Fazer Teatro e as Apresentações	70
A Experiência Estética e Seus Efeitos	75
Considerações Finais	80
Referências	81
ARTIGO 3: SOBRE CIDADE, ARTE E CICATRIZES: A Experiência de Pesquisar e Atuar com Pessoas em Situação de Rua	85
Introdução	85
Método	90
Cicatriz 1: A cidade como potência de encontro	91
Cicatriz 2: Algumas reflexões sobre o feminismo que pulsa nas ruas	94
Cicatriz 3:	100
Considerações Finais	106
Referências	107

CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	117

1. INTRODUÇÃO: SOBRE OS AFETOS DE ALGUNS ENCONTROS

Revisito e reconstituo, via imaginação, minha lembrança do encontro com uma apresentação artística em um dos meus percursos na cidade de Florianópolis (outubro, 2016), à caminho da Aliança Francesa. Um trajeto atravessado por sensações que me aguçaram os sentidos: o cheiro de um carrinho de pipoca, a arquitetura, o anúncio de vendedoras e vendedores sobre seus produtos, as flores de uma coberta que esquentava o corpo e o sono de alguém e a música conferida à coreografia urbana por um grupo de três músicos¹.

Assumi o risco de me atrasar para o compromisso, permitindo-me a experiência de ser afetada pela música que emergia da polifonia da cidade (Canevacci, 2004; Assis, 2016) e que, com ela, seguia em composição. Assisti ao grupo de músicos que tocava entre uma e outra loja do centro e meu olhar, percorrendo o movimento dos dedos no violão, cruzou com o de outra pessoa que também os assistia. Escutei os sons e reparei no rosto agora não mais encoberto. Um homem, possivelmente em situação de rua, levantou-se da calçada e iniciou alguns movimentos com o corpo (seriam passos de dança?). Após uma troca de olhares entre os músicos, o baterista solou em diálogo com os gestos ritmados do então dançarino. Rapidamente, pessoas muniram seus olhares de lentes de câmeras de celulares, enquadrando e registrando o encontro artístico que se compunha.

Outras situações artísticas na rua me vieram à lembrança nos dias subsequentes, em que essa cena reviveu, em meus pensamentos, situações nas quais pessoas que carregam estigmas de perigosos ou indesejáveis no contexto urbano intervieram em performances artísticas de modo a co-criá-la, dançando, ou cantando, e/ou batucando. Questionei-me se seria esta uma

¹ Grupo não identificado e que, infelizmente, não pude anotar o nome. Não mais os encontrei.

maneira de não aceitar o imaginário social atribuído à população em situação de rua e, nesse processo, se reinventar na/com a cidade.

As fronteiras entre palco e plateia são mais ou menos fluidas, a depender do contexto. Diferente de um local destinado para uma apresentação artística, onde comumente existe uma delimitação de um palco, no contexto urbano essas fronteiras não estão tão delimitadas e outras apropriações do espaço são realizadas. Nessa perspectiva, carrego um especial interesse sobre a potência da arte em provocar aberturas de brechas no concreto da cidade, fissuras a partir da qual podemos dar vazão à (re)criações de nós mesmos, da realidade e do espaço.

Movida pelos meus afetos nas relações com as linguagens artísticas e por um desejo de me aproximar das pessoas que habitam as ruas da cidade, fui mobilizada pela pergunta que me inquietou e norteou esta pesquisa de mestrado: e quando a arte é produzida por pessoas em situação de rua? Que experiências são tecidas com a arte e a/na cidade?

1.1 Sobre pessoas em situação de rua, arte e cidade: breves considerações

Pessoas em situação de rua caracterizam um grupo populacional que vive em situação de vulnerabilidade desprovido de moradia regular e convencional que utiliza de logradouros públicos para moradia e/ou de unidades de acolhimento para pernoite temporário (Brasil, 2009). Esta população é amplamente heterogênea no que diz respeito à idade, ao tempo de permanência nas ruas, às motivações para estar em situação de rua e o modo como se vêem nesta condição (Sicari, 2018; Sicari & Zanella, 2018; Oliveira, 2015; Galvani, 2008; Gomes, 2006).

Apesar de existirem nos espaços urbanos há muito tempo (Silva, 2006; Sicari & Zanella, 2018; Brasil, 2009), somente em 2009 foi instituída no Brasil uma Política Nacional

voltada a esta população com princípios norteadores como o respeito à dignidade da pessoa humana, valorização e respeito à vida e à cidadania, atendimento humanizado e universalizado, respeito às condições e diferenças de origem, raça, etnia, gênero, sexualidade, nacionalidade, entre outras (Brasil, 2009).

O termo “pessoas em situação de rua” (PSR), ainda que problematizado (Sicari & Zanella, 2018; Silva, 2006), é o mais comumente utilizado no âmbito acadêmico e é adotado nesta pesquisa por compreender que ele abrange a dimensão múltipla das individualidades e do que é e pode ser a experiência de habitar as ruas. Em Florianópolis, o Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICOM), em parceria com o Movimento Nacional da População em Situação de Rua (MNPR) de Santa Catarina, realizou uma pesquisa no ano de 2016² com o objetivo de conhecer as especificidades e demandas de PSR na região Florianopolitana. Os dados apontaram que a maior parte destas pessoas são homens (77,8%), realizam atividades remuneradas (70%), declaram-se brancos (47%), pardos ou negros (45%), grande parte declarou ter acesso ou já ter tido à arte e cultura (45,5%) e já ter sofrido violência (60%), sendo a institucional a de maior predominância.

A visibilidade proporcionada pela pesquisa e pela construção e implementação de políticas públicas direcionadas à população em situação de rua, ocorrem concomitantemente com a invisibilidade enquanto estratégia de existência - resistência - e proteção das violências sociais, interpessoais e estatais, de relações hostis com os demais habitantes e de ações higienistas. Visibilização e invisibilização constituem, portanto, processos que coexistem no espaço urbano e que participam diretamente da vida dessa população (Sicari, 2018).

As ações higienistas são aquelas protagonizadas pelo Estado com o objetivo de retirar essa população de espaços públicos visíveis. A exemplo de tais ações, há a colocação de

² Disponível em <http://www.icomfloripa.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Diagn%C3%B3stico-Social-Participativo-da-Popula%C3%A7%C3%A3o-em-Situa%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-na-Grande-Florian%C3%B3polis.pdf>

tapumes em espaços antes utilizados para dormir, o acordo de que as pessoas têm de se levantar cedo e recolher seus pertences antes que o comércio inicie suas atividades no local (Sicari, 2018), ou a realização de uma “revitalização” do espaço urbano, isto é, uma reforma que prioriza determinados usos, geralmente de consumo, em detrimento de outros, como a permanência dessas pessoas (Carneiro, 2019; Machado & Simas, 2017).

Pessoas em situação de rua, ao fazerem das vias urbanas espaço de moradia, resistem, portanto, a estas ações que visam retirá-las desses espaços e confrontam diretamente as lógicas hegemônicas que os sustentam, os planejamentos que os configuram e legitimam determinados modos de vida na cidade. Realizam tensionamentos no que se refere aos limites entre público e privado e, na medida em que se apropriam das ruas para fazer delas moradia, afirmam modos de viver e estar no mundo outros e, na relação com a cidade, escracham as desigualdades sociais entre os partícipes da sociedade em que vivemos. Estabelecem, com a cidade, relações que são marcadas por tensões, nas quais lhes são atribuídos estigmas de indesejáveis, drogados e/ou perigosos. As experiências e as relações estabelecidas consigo mesmas/os, conforme discorre Sicari (2018), são atravessadas por tais estigmas sociais (Goffman, 1982), culminando em uma experiência de sofrimento ético-político, afirmação e produções outras de si, que escapam aos lugares que lhes são socialmente impostos. Um sofrimento ético-político é aquele decorrente da injustiça, do preconceito e da falta de dignidade vivido por muitos membros da nossa sociedade, o qual poderia ser evitável do ponto de vista social (Sawaia, 1999).

Ressalta-se que a experiência de habitar as ruas ultrapassa as situações de sofrimentos e violências diversas. As pessoas que fazem das ruas das cidades suas moradias, por vezes estão ali para além da sobrevivência. Resistem. Re-existem, criam modos de ser, estar e se relacionar nas ruas, participam da dinâmica da cidade de variados modos, sendo possível presenciar e participar de performances artísticas como a que relatei na apresentação desta dissertação.

No dia 19 de setembro de 2018, em uma das minhas deambulações pelo centro da capital catarinense, fui capturada por uma peça de teatro de rua que ocorria como parte da programação do circuito cultural Paralela Arquitetura e Artes³. Tratava-se da peça de título “A Saga por um Banho - pelo direito a ter direitos” realizada por pessoas que integram o Movimento População de Rua de Santa Catarina (MPR - SC), dirigida pela atriz Carolina Pommer, que desenvolvia semanalmente a oficina de teatro na Organização Não-Governamental (ONG) Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos, e que teve como matéria prima para a criação o cotidiano dessas pessoas e da sua luta por direitos.

Interessada e entusiasta das variadas linguagens artísticas e da potência da arte de provocar e tensionar o que está instituído, proporcionando reconfigurações no campo das possibilidades de pensar, sentir e agir, fui mobilizada a investigar mais acerca do que então havia me despertado atração.

O teatro que ocorre na rua é tão antigo quanto a existência das cidades. Contudo, o modo que o compreendemos hoje, paralelo àquele teatro do espaço fechado, surgiu na Idade Média com uma vertente de realizadores de teatro religioso que, impedida de representar nos templos, utilizou dos espaços abertos para tal (Carreira, 2005). Segundo o diretor de teatro brasileiro e professor do departamento de artes cênicas da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) André Carreira (2005), as experiências contemporâneas do teatro de rua têm como referência um conjunto de práticas de teatro ao ar livre que abrange desde os *happenings* surrealistas, o *agit-pop* russo, algumas práticas orientais, entre outras que culminam em uma extensa diversidade de formas teatrais de rua na atualidade.

Demarca-se a importância e fortes influências do pensamento marxista e dos movimentos políticos do início do século XX que acompanharam uma atividade teatral com

³ Evento viabilizado pelo Edital Elisabete Anderle de Estimulo à Cultural 2017, da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), e Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina (CAU-SC).

experiências de rua como o teatro político de Erwin Piscator e Bertolt Brecht para a criação de grupos de teatro de rua nas décadas de 1960 e 1970 e a consolidação do teatro de rua tal como conhecemos hoje (Carreira, 2005). A heterogeneidade do público é um elemento definidor do fenômeno teatral na rua e marca o âmbito social do espetáculo.

“Uma recepção marcada pela diversidade implica no convívio com as regras básicas do espaço da rua e condiciona o ritmo do espetáculo. É possível dizer que a noção de teatro de rua engloba todos os espetáculos ao ar livre fora de um espaço de teatro convencional, apropriado temporariamente para o acontecimento teatral, estando permeável a um público acidental.” (Carreira, 2005, p. 35)

A coreografia habitual e instituída da cidade e a funcionalidade espacial cotidiana é rompida momentaneamente pelo teatro de rua. Através da arte, artistas têm produzido modos de provocação e tensionamentos das relações historicamente instituídas com a cidade, uns com os outros e consigo mesmos. Essa dimensão provocativa da arte esteve presente desde seus primórdios (Goldberg, 2006; Freire, 2006) e adquiriu diferentes nuances, a depender dos contextos e momentos históricos em que estas se apresentaram.

Especialmente a partir dos anos 1970, o contexto latino-americano foi marcado pelo ápice de uma arte que, rompendo com a concepção vigente de fazer arte, assim como seus sistemas de legitimação, direciona-se para a realidade concreta, operando com ideias e conceitos. Passam a se inscrever, dessa maneira, em um corpo social e político mais amplo, a saber, na própria cidade. Esse movimento ou modo de caracterizar a arte foi denominado arte conceitual, ainda que o termo seja polêmico e não consensual (Freire, 2006).

A performance foi um meio recorrente de expressão e execução das ideias características da arte conceitual, sendo constituída por artistas que intentam entrar em contato direto com o público, por vezes recorrendo ao contexto urbano como modo de produzir estranhamentos que confrontam as concepções de arte, os lugares instituídos para tal, bem como as relações estabelecidas com a cultura hegemônica (Goldberg, 2006). Considerada uma maneira de se expressar artisticamente de infinitas possibilidades que, por vezes, entrecruza

diferentes linguagens como da música, teatro e poesia, a arte da performance passou a ser reconhecida como arte na década de 1970, apesar de se fazer existente desde o início do século XX, em diferentes contextos, como por exemplo na vanguarda russa (Wedekin, 2015).

No que diz respeito à intervenção artística no espaço público, Rancière (2010) a apresenta como provocadora de reconfigurações na partilha do sensível, conceito cunhado pelo autor (Rancière, 2005) que se refere a um sistema de evidências sensíveis. Este sistema revela a existência de um comum partilhado e dos recortes que neste comum são realizados, onde são distribuídos e fixados lugares no que tange ao modo como uns e outros tomam parte nessa partilha e, neste sentido, o que é visível e audível e o que é colocado na condição de ruído.

Neste sentido, a arte produzida em espaço público promove maneiras de reconfiguração da experiência que são o terreno sobre o qual podem se elaborar formas de subjetivação política (Rancière, 2010). Para se compreender o conceito de subjetivação política faz-se necessário pensar os conceitos de política, polícia e político discutidos por esse autor.

Partindo do pressuposto da igualdade entre os seres, a política é aquela pela qual é operada a verificação desta igualdade no que o autor chama de processo de emancipação. O segundo corresponde àquilo que está dado e constituído socialmente, à distribuição desigual dos lugares sociais e que organiza a reunião dos sujeitos em comunidade. O terceiro é o campo no qual a política e a polícia entram em confronto objetivando a reparação de um dano à igualdade.

A verificação da igualdade e o tratamento ao dano a esta causado engendram dois processos descritos pelo autor como criação de cenas de dissenso e subjetivação política. Cena de dissenso é por Rancière conceituada como aquilo que permite ver e ouvir o que até então não possuía espaço para se fazer percebido, permanecendo à margem como ruído (Rancière, 1996). Em tais cenas inscreve-se a palavra de um sujeito ativo, falante, que ao se pronunciar

modifica a si mesmo e ao seu contexto sócio-histórico (Rancière, 2012) na medida em que também desenha um horizonte de possibilidades .

Subjetivação política, portanto, é entendida como um processo de identificação e desidentificação do lugar ocupado socialmente para a atualização da igualdade, através da qual pessoas se juntam neste lugar que é o “entre”. De acordo com Rancière (1996), a subjetivação política é mais que a mera afirmação de uma identidade e lugar social, sendo também a recusa de tal identidade e ao lugar fixado e imposto pela lógica policial.

Nessa perspectiva, a arte, como a política, produz ficções nas quais se constroem novas relações entre a “aparência e a realidade, o visível e o seu significado, o singular e o comum” (Rancière, 2010, p. 53). Realiza-se, com a arte, um recorte de espaço e tempo nesta partilha, no qual é proporcionada uma determinada forma de experiência, tensionando o fixo e revelando, concomitantemente, outras maneiras possíveis de configuração do comum.

Compreendo a arte como objetivação humana que busca algo para além do que está posto na vida, que parte de sentimentos e emoções e os supera, transformando-os na medida em que estes são objetivados na obra artística e recriados pelo espectador (Vigotski, 1999). Vigotski afirma que a arte é recriada e se transforma, dialeticamente, no encontro com cada espectador, que a (re)cria na medida em que a interpreta e lhe atribui sentidos (Vigotski, 2001).

O sentido é compreendido como soma dos acontecimentos psicológicos evocados por um signo, que pode ser uma palavra, um gesto, objeto etc (Vigotski, 2001). Através das relações que traçamos com os e mediada por signos, situadas e constituídas histórica e socialmente, convertemos relações sociais em processos psicológicos, na medida em que as reelaboramos e as apropriamos.

Na relação com a obra de arte, o espectador movimentava seu arcabouço de experiências, memórias, importâncias e (re)organiza os materiais que compõem a obra de arte e sua própria condição. Desse modo, um corpo em movimento realizando determinado som e/ou proferindo

palavras em um dado espaço da cidade possibilita infinitas interpretações na medida em que cada sujeito traça uma relação única com a arte, no espaço-tempo em que ela acontece.

Mesmo que se processe em uma pessoa somente, a arte tem raízes sociais (Vigotski, 1999), pois a atividade humana e o movimento de objetivação e subjetivação ocorrem socialmente, constituem-se nas e pelas relações concretas que cada pessoa estabelece com a realidade, situadas em dado contexto histórico, cultural, social e político (Zanella, Reis, Camargo, Maheirie, França & Da Ros, 2005).

Movimento, cotidiano, relações estabelecidas no/com o espaço urbano e com as condições que se apresentam, são tensionadas através das artes que acontecem nas ruas da cidade. Há pesquisas que as discutem, como as desenvolvidas por Britto e Jacques (2009), Cartaxo (2009) e Hissa e Nogueira (2013). As artes em foco nessas pesquisas são protagonizadas, geralmente, por pessoas que se reconhecem e são socialmente reconhecidas como artistas. Mas o que acontece quando as/os artistas são anônimas/os e marcadas/os por estigmas? Como se dá a experiência das pessoas que apresentaram a peça “A Saga Por Um Banho” que me capturou? Que experiências são estabelecidas pelas pessoas em situação de rua com o teatro na cidade?

As contribuições teóricas de Vigotski (1999; 2001; 2004; 2009), do Círculo de Bakhtin⁴ (Voloshinov, V. & Bakhtin, M., 1976; Bakhtin, 2003; Bakhtin, 2013) e de Benjamin (1994) fundamentaram o desenvolvimento da pesquisa, por considerar que é possível estabelecer diálogo entre esses autores para desenvolver as discussões propostas.

No contexto urbano, a/o artista que se apresenta na rua se propõe a correr o risco no encontro com o imprevisível. Ela/e ressignifica um espaço da cidade para assumi-lo como seu palco e traça uma experiência estética no encontro com o lugar, constituindo uma relação que

⁴Grupo de intelectuais russos de diferentes formações, interesses e atuações profissionais que se reuniu entre 1919 e 1929, entre os quais destacam-se Valentin Voloshinov, Pavel Medvedev e Mikhail Bakhtin. Sobre as ideias do Círculo de Bakhtin, ver Faraco (2009).

produz uma “zona de potência, um campo de possibilidades, o porvir de uma nova realidade” (Pereira, 2012, p.187).

A obra de arte, por conseguinte, abre uma fissura no concreto e no instituído da cidade, a partir da qual emergem possibilidades outras de se relacionar com a realidade, com os outros e consigo próprio. O processo de criação que resulta na performance, neste sentido, se estende e prossegue em acontecimento no encontro com a polifonia que caracteriza a cidade (Canevacci, 2004; Assis, 2016), suas tensões, conflitos e os múltiplos tempos que se fazem ver e ouvir no espaço, assim como com cada pessoa que assiste a performance e a recria.

Toda pessoa, na condição de espectadora, interpreta e elabora a obra de arte compondo o que Vigotski (2001, p. 334) chama de “síntese criadora secundária”, fruto de um complexo trabalho psíquico de associação e memorização de pensamentos, transformam os materiais que compõem o artefato artístico em um todo, uma figura, um pensamento, ao qual são incorporados saberes e sentimentos. Nesse sentido, as/os espectadoras/es não são passivas/os, pois que, através do olhar e dos efeitos que a performance provoca no corpo, observam, selecionam, interpretam e compõem sua própria arte com os elementos que estão ali dispostos (Rancière, 2012).

A multiplicidade de vozes que coexistem no contexto urbano, as valorizações, desvalorizações, visibilidades, invisibilidades, ruídos e silêncios (Berri, Zanella & Assis, 2015) constituem as performances artísticas na medida em que compõem seu cenário e participam da criação, pois que com elas dialogam. Por conseguinte, artistas e espectadoras/es tecem suas existências concomitantemente com a existência da cidade, composta por relações e/com espaços, onde as pessoas se agrupam, transitam, moram, encontram-se, experienciam-se, “confrontam-se, conformam-se e/ou resistem à cultura hegemônica nos mais variados graus” (Sennett, 2003, p. 25).

Analisar a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro na cidade proporcionou compreender seus processos de se reconhecerem e de virem a ocupar um outro lugar na sociedade, além de tensionar os olhares instituídos sobre essas pessoas. Vemos que experiência estética na/com a cidade traz em si uma potência política, pois intervém, através do recorte de espaço-tempo, na realidade, produzindo fissuras nas quais emergem possibilidades de encontros e de percepção do outro, de si mesmo e da cidade que no fluxo do dia-a-dia não encontram vias de possibilidade. As concepções relacionadas a um campo de fenômenos é ampliada a partir da experiência estética com uma obra de arte (Vigotski, 2001), o que possibilita novos olhares para a questão da visibilidade/invisibilidade de pessoas em situação de rua, bem como sua luta por direitos.

Feitas essas considerações prévias, apresento a seguir os objetivos desta pesquisa, que teve como objetivo geral investigar a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro na cidade. Posteriormente, conto sobre os caminhos e percursos percorridos, bem como os pressupostos metodológicos, ontológicos e epistemológicos que os sustentaram. Os resultados são discutidos na forma de três artigos que buscaram atender aos objetivos específicos. O primeiro, “Educação Estética e Arte, Pessoas em Situação de Rua e Cidade” discute, através da realização de uma revisão sistemática da literatura, como as temáticas arte, cidade e pessoas em situação de rua vêm sendo discutidas e relacionadas nas produções acadêmicas; o segundo artigo, “Pessoas em Situação de Rua, Arte e Cidade: Sentidos Atribuídos à Criação e Apresentação de Peças Teatrais no Espaço Urbano” teve como objetivo, através da análise de entrevistas, investigar os sentidos que pessoas em situação de rua atribuíram à participação e apresentação de peças de teatro; “Sobre Arte, Cidade e Cicatrizes: a experiência de pesquisar e atuar com pessoas em situação de rua”, o terceiro artigo, traz a narrativa da experiência da pesquisa sob a forma de apresentação de cicatrizes que foram produzidas no encontro com as/os

participantes e a cidade, a partir dos quais emergiram temáticas de discussão como o feminismo que pulsa nas ruas e a cidade como potência de encontros.

2. OBJETIVOS

2.2 Objetivo geral

- Investigar a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro na cidade.

2.3 Objetivos específicos

- Discutir produções acadêmicas sobre as temáticas Arte, Cidade e Pessoas em Situação de Rua;
- Analisar os sentidos atribuídos por pessoas em situação de rua à criação e apresentação de uma peça de teatro no contexto urbano;
- Analisar a experiência de pesquisar e participar de uma peça de teatro/performance no contexto urbano por/com pessoas em situação de rua.

3. AS AFETAÇÕES COMO GUIAS DE UM CAMINHO PERCORRIDO:

Método e Considerações Onto-Epistemológicas

Pesquisar é caminhar, é escavar, é abrir-se para a experiência, é permitir-se ser afetado. Na recusa da assunção de uma postura pretensiosamente neutra, assumi o processo da pesquisa como experiência de abertura e disponibilidade, deixando que as afetações assumissem o lugar de guias a me dar pistas de caminhos a seguir para, posteriormente, pensar sobre elas, sobre o

que foi percorrido, rememorando e atribuindo sentidos a partir de meus valores e afecções constituídos no encontro com o campo-tema (Spink, 2008).

Considero que a visão de construção de conhecimento está entrelaçada à visão de sujeito e que, entre elas, existe uma relação inexorável de mútua constituição, motivo pelo qual optei por “método e considerações onto-epistemológicas” no título desta seção. Em se tratando de uma pesquisa desenvolvida com seres humanos, esta pesquisa foi realizada de maneira dialógica pois, diferente de um objeto, o sujeito é falante (Bakhtin, 2003) e participe ativo no processo de pesquisar.

A partir da Ética de Spinoza (2009), compreendo que o ser humano se constitui a partir das relações e afecções que estabelece no/com o mundo, sua capacidade de afetar e ser afetado. Sua visão monista do ser humano nos auxilia para uma compreensão entre corpo e mente (constituídos por muitos outros corpos) como indissociáveis. Isto é, um não opera sobre o outro, ambos são afetados juntos no decorrer dos encontros que estabelecem com outros corpos, não sendo, portanto, definidos por algo que o transcende, estão no plano da imanência (Strappazon, 2017).

Nessa perspectiva, o sujeito é ser social e histórico, constituído pelas relações das quais participa e compõe (Zanella, Reis, Titon, Urnau & Dassoler, 2007). Sua atividade criadora o constitui enquanto ser que se volta para o futuro, que imagina, planeja, incorpora elementos de suas experiências e memória em novas combinações (Vigotski, 1999), recriando a todo instante sua realidade em dadas condições e limitações de seu contexto.

Tratou-se, esta pesquisa, de uma pesquisa-intervenção, pois pesquisar é intervir (Maraschin, 2004), na medida em que nos encontros entre as/os artistas e pesquisadora, os sentidos são produzidos pelos participantes da pesquisa que também são observadores. Nesta perspectiva, o foco de análise abrangeu a cena dialógica constituída pelas pessoas envolvidas, pelas linguagens artísticas a partir das quais nos relacionamos e o espaço da cidade.

A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa construída a partir de pressupostos teórico metodológicos de Lev Vigotski, do Círculo de Bakhtin e de Walter Benjamin. O diálogo com estes autores contribuiu para a construção de um olhar de pesquisadora que considera, em suas análises, tanto a si mesma, como os sujeitos da pesquisa e o contexto social, histórico e cultural como partícipes ativos do processo no qual a pesquisa se desenvolveu.

Importante ressaltar, também, a assunção de um posicionamento exotópico a partir do conceito de exotopia em Bakhtin (2013; Brait, 2006). Exotopia como movimento duplo de aproximação, de conexão com as experiências e participantes da pesquisa, seguido do distanciamento a partir do qual significo meu próprio olhar e valores, percebendo também a mim mesma dentro da cena dialógica que compôs esse encontro.

Concordo com Bakhtin (2003) quando afirma que o conhecimento em ciências humanas se constrói com sujeitos e só pode ser realizado de maneira dialógica, pois o ser é falante e em constante processo de constituição de si. Por conseguinte, o sujeito é ser social e histórico, constituído pelas relações das quais participa, tornando necessário olhar para o contexto buscando entender as relações que o constituem, em constante movimento (Zanella, Reis, Titon, Urnau & Dassoler, 2007).

Para alcançar os objetivos da presente proposta de pesquisa me disponibilizei, na posição de pesquisadora, a participar dos encontros no contexto do Instituto Arco-Íris e do centro da cidade de Florianópolis. O Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos é uma Organização Não Governamental localizada na Travessa Ratcliff, centro de Florianópolis. Seu surgimento ocorreu no final dos anos 1990 como uma instituição voltada às pessoas que vivem com o HIV AIDS e, ao longo dos anos, implementou projetos com o Ministério da Saúde, Ministério da Cultura, Governo de Santa Catarina e com a Prefeitura Municipal da cidade (Instituto Arco-Íris, 2019).

No tempo da pesquisa⁵, o Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos contava com profissionais da psicologia, saúde, educação, artes, serviço social e direito, realizando trabalhos com pessoas em situação de rua, privadas de liberdade, imigrantes, profissionais do sexo e usuários dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), caracterizando-se como um Centro de Convivência e Cultura onde eram semanalmente ministradas oficinas de artesanato, capoeira e teatro, além de rodas de conversa com um grupo de mulheres, o “chá das minas”, e da oficina de redução de danos na relação com o consumo de drogas.

A oficina de teatro era semanalmente ministrada no referido Instituto por Carolina Pommer, atriz e pesquisadora curitibana, e teve como resultado a criação da peça “A Saga Por Um Banho – Pelo Direito a Ter Direitos” que conta o dia da vida de um “pelegrino sem moradia”⁶ e pela qual assinam o Movimento Nacional População de Rua de Santa Catarina (MNPR-SC) e Carolina. A peça foi apresentada no Circuito Arquitetura e Artes em setembro de 2018, conforme narrei na introdução desta dissertação e, posteriormente, em setembro de 2019, no Floripa Teatro 24º Festival Isnard Azevedo⁷, quando acompanhei e integrei a peça de teatro já na posição de pesquisadora e participante. Ainda em 2019, no mês de dezembro, os integrantes de “A Saga Por Um Banho” foram convidados para compor a programação da I Mostra Dissidente de Teatro Político, produção independente em parceria com o Serviço Social do Comércio - SESC Prainha/SC⁸. O grupo, no entanto, optou por não apresentar a peça considerando a indisponibilidade de algumas/ns das/os participantes. Dessa forma, acordaram em realizar uma intervenção performática sem nome, conhecida como “Peça dos Bichos”,

⁵O advento da Pandemia da Covid-19 provocou variadas mudanças na logística de funcionamento do Instituto.

⁶Refere-se a um peregrino em situação de rua, opto por utilizar “pelegrino sem moradia” porque é dessa forma que é apresentada no texto da peça e comentada entre o grupo.

⁷O Floripa Teatro – 24º Festival Isnard Azevedo é uma realização da Prefeitura Municipal de Florianópolis através da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude e da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e Ministério da Cidadania/Governo Federal.

⁸Instituição sem fins lucrativos e de caráter social, integra o Sistema Fecomércio. Entre as suas atribuições estão o planejamento e execução de ações nas áreas de educação, lazer, cultura, assistência e saúde, bem como a oferta de oficinas, palestras, eventos e serviços voltados, principalmente, aos trabalhadores do comércio.

durante uma das palestras do evento que foi criada e protagonizada por um novo grupo que foi constituído. Ao todo, cerca de 16 pessoas em situação de rua estiveram envolvidas com as atividades relacionadas ao teatro, cuja participação se deu de formas distintas e intensidade variada ao longo do tempo.

As atividades aconteciam semanalmente em dia combinado pelo grupo, geralmente às 17 horas, no espaço do Instituto; próximo ao dia de apresentação, eram realizados ensaios diários. Acompanhei os encontros grupais pelo período de sete meses, quatro dias por semana, durante cerca de quatro horas por dia, transitando entre o Instituto Arco-Íris e seus arredores, não somente como observadora, mas como partícipe do processo de criação, contribuindo para a realização da trilha sonora da peça, construção de cenário, figurino e demais atividades. Disponibilizei meu corpo para contribuir aos encontros e criações das maneiras que me foram possíveis e/ou que me foram solicitadas pelo grupo, fazendo parte do mesmo e constituindo outras intervenções artísticas protagonizadas por pessoas em situação de rua participantes da oficina na medida em que por elas fui convidada.

Além das atividades da oficina e ensaio das peças, estive presente também nos momentos que antecederam e sucederam os mesmos, instantes nos quais ocorriam improvisos de dança e música, compartilhamento de impressões e sensações relativas aos ensaios, dentre outros assuntos. Nesse percurso, foram construídos e fortalecidos importantes vínculos com cada pessoa que participou da pesquisa.

Durante os encontros, ensaios e conversas que foram tecidas, estive imersa nos acontecimentos e, ao me posicionar no ônibus para retornar à universidade, realizava os registros em diário de campo, rememorava diálogos, gestos e sensações que compunham os momentos de partilha com o grupo e os anotava no caderno novo e com quase nenhuma marca de uso que se transformou em um caderno gasto, com rasgos nas laterais da capa, páginas amareladas e preenchidas.

No período posterior às apresentações, foram realizadas entrevistas com 11 PSR envolvidas com o processo de criação e apresentação das peças teatrais. As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2019 a março de 2020, período em que as oficinas, dentre outras atividades do Instituto Arco-Íris, foram suspensas em função das festividades de fim de ano, seguidas do Carnaval.

Dentre as 11 pessoas entrevistadas, duas são mulheres cis-gênero, sendo que uma se declara negra e outra parda; uma outra mulher é trans-gênero e declara branca; e oito homens entrevistados são cis-gênero, dos quais três declaram-se brancos, um não se declara, dois identificam-se como pardos e dois como negros. A idade dos participantes variou entre 21 e 55 anos, sendo 31 anos a idade média aproximada. A participação no teatro ocorreu de diferentes maneiras entre as pessoas entrevistadas: 6 pessoas participaram da criação da “Peça dos Bichos”, das quais 4 participaram da apresentação; e cinco pessoas participaram da apresentação e criação da “A Saga por Um Banho”.

Para a realização das entrevistas foi preciso combinar horário e dia com cada uma/um por telefone, além de frequentar o centro da cidade, procurando pelas pessoas que participaram das criações artísticas, já que grande parte não possuía contato telefônico ou acesso à internet para receber e enviar mensagens. As entrevistas, por conseguinte, ocorreram no centro da cidade, em lugares da escolha de cada entrevistado/a. Uma entrevista ocorreu de maneira online devido à pandemia do Covid-19 e isolamento social iniciado no final do mês de março de 2020.

Estas entrevistas tiveram duração média de 45 minutos, que tiveram as seguintes questões norteadoras: como chegou ao teatro? Como foi participar da criação da peça? Como foi apresentar a peça? Já tinha realizado outras artes? Além delas, também foram tecidas conversas informais (Spink, 2008) ao longo da realização do campo de pesquisa. As conversas informais consideradas mais relevantes para a pesquisa foram registradas em diário de campo,

no qual foram também registrados acontecimentos, percepções e sensações. As conversas-entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas.

Após a emersão deste mergulho, os materiais foram revisitados e analisados. Estas análises são apresentadas sobretudo nos artigos 2 e 3, sendo que o artigo 2 teve como principal foco de análise as entrevistas realizadas e o artigo 3 o diário de campo e os registros nele realizados. Para a discussão acerca de como arte, cidade e pessoas em situação de rua são encontradas nas produções acadêmicas, foi realizada uma revisão sistemática da literatura, apresentada no artigo que inaugura os resultados desta pesquisa.

4. ARTIGO 1: EDUCAÇÃO ESTÉTICA E ARTE, PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA E CIDADE⁹

Resumo: As Pessoas em Situação de Rua (PSR) participam da dinâmica da cidade de variados modos, sendo possível presenciar e participar da cena cultural e artística da cidade. Como ocorre esta participação? Ela é apresentada na produção acadêmica? Com o objetivo de conhecer a produção acadêmica sobre PSR relacionada à arte e à cidade, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sem limite de tempo nas bases de dados Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, utilizando os descritores “pessoas em situação de rua”, “morador de rua”, “contexto urbano”, “cidade” e “arte”. Foram encontrados 50 trabalhos e 32 atenderam aos critérios de inclusão. Os trabalhos, lidos na íntegra, apontam para um conjunto plural de olhares (sociologia, psicologia, educação, antropologia, arquitetura, entre outros), bem como para a necessidade de investir em pesquisas que analisem a potência da arte para a transformação de modos de ser e viver a/na cidade. Foi realizada uma discussão sobre desigualdades sociais vivenciadas por Pessoas em Situação de Rua, a arte e a educação estética a partir das contribuições de Vigotski (1999, 2001), bem como ressaltada a importância de reconhecer as vidas das Pessoas em Situação de Rua, vidas que importam, suas (re)criações cotidianas, culturais e artísticas como artes da existência, as quais tensionam nossas certezas e nos levam a pensar sobre o que consideramos importante em se tratando de vida em sociedade.

Palavras-chave: Pessoas em Situação de Rua; Arte; Cidade; Educação Estética.

Abstract: Homeless people participate of the city dynamics in various ways, witnessing and participating of cultural and artistic city scene. How does this participation occur? Is it presented in academic production? In order to know academic production about homeless people related to art and city, it was realized a systematic literature review with no time limit in CAPES Portal of Journals databases and in CAPES Bank of Theses and Dissertations Catalogue, using the descriptors “homeless people”, “urban context”, “city” and “art”. It was found 50 papers and 32 attended to inclusion criterion. The works, read in full, indicate a plural conjunct of glances (sociology, psychology, education, anthropology, architecture, among others), as well as the necessity of investment on researches that analyzes the power of art to transform ways of being and living the/in the city. A discussion about the social inequalities experienced by Homeless People, art and aesthetic education based on the contributions of Vigotski (1999, 2001) was

⁹Artigo submetido ao dossiê temático Fronteiras das/nas diferenças e(m) educações da Revista Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade (UFMS).

realized, also the importance of recognizing the lives of Homeless People, lives that matter, their daily (re) creations, cultural and artistic as arts of existence, which tension our certainties and lead us to think about what we consider important when it comes to life in society.

Keywords: Homeless People; Art; City; Aesthetic Education.

Introdução

Ancorada nos estudos da Ética de Spinoza (2016) e seus interlocutores (Chauí, 1995; Deleuze, 2002; Sawaia, 2009; Strappazzon; Maheirie, 2016; Strappazzon, 2017), esta pesquisa fundamenta-se na compreensão de que o ser humano se constitui a partir das relações e afecções que estabelece no/com o mundo em diferentes tempos e espaços, nos encontros com outros seres, com sons, ruídos e silêncios, com imagens, condições climáticas, substâncias, entre outros. No percurso de sua existência, cada pessoa afeta e é afetada e, ao passo em que essas afetações se produzem, varia sua potência de ação.

A filosofia da imanência e a visão monista do sujeito presente em Spinoza (2016) nos auxiliam a compreender corpo e mente como indissociáveis, constituídos nos encontros com muitos outros corpos, em contraposição com uma tradição filosófica que os diferencia e hierarquiza. Isto é, um não opera sobre o outro, ambos são afetados juntos no decorrer dos encontros que estabelecem com outros corpos, não sendo, portanto, definidos por algo que os transcende e que está além do que existe concretamente, estão no plano da imanência (Strappazzon, 2017). Considerando o ser humano um grau de potência (Sawaia, 2009) a variar conforme os encontros que estabelece, nos perguntamos, enquanto pesquisadoras e entusiastas das artes e do que elas nos proporcionam: que encontros tecem as pessoas em situação de rua¹⁰

¹⁰ O termo “pessoas em situação de rua” (PSR), ainda que seja problematizado (Sicari e Zanella, 2018; Silva, 2006), é o mais comumente utilizado no âmbito acadêmico e será adotado neste artigo por compreender que ele abrange a dimensão múltipla das individualidades e do que pode ser a experiência de habitar as ruas.

com a arte e a cidade?

Ao traçar os caminhos prévios dessa investigação, fomos mobilizadas a analisar o que havia na literatura acadêmica acerca das pessoas em situação de rua (PSR) relacionada à arte e à cidade: o que já foi discutido sobre esses temas? Que tipo de relações entre estas três temáticas foram estabelecidas? Em que contextos e condições? Motivadas a responder essas perguntas, nos propomos a realizar uma revisão da produção acadêmica brasileira, cujos resultados são analisados e discutidos neste trabalho.

A presença de pessoas que fazem das ruas suas moradias caracterizam um fenômeno antigo e complexo, objeto de estudo das ciências sociais, antropologia, serviço social, arquitetura, psicologia, dentre outros campos do conhecimento. No Brasil, a consideração dessas pessoas em suas especificidades e demandas de direitos e políticas públicas ganhou expressão em 2009 em virtude do aumento da pressão da população de rua por direitos, com a criação do Movimento Nacional População de Rua em 2005 (Lemões, 2019), e a comoção nacional diante do episódio que ficou conhecido como Massacre da Praça da Sé¹¹.

No decreto que instituiu a Política Nacional para a População em Situação de Rua, encontramos a seguinte definição:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória. (Brasil, 2009).

Faz-se importante reconhecer a importância da construção e implementação de políticas públicas como a citada, voltadas às demandas dessa população, lembrando que a diversidade

¹¹ Conjunto de atentados ocorridos em agosto de 2004 que resultou na morte de sete PSR na cidade de São Paulo, o Massacre da Praça da Sé gerou comoção nacional e, principalmente, entre as pessoas em situação de rua que passaram a reivindicar ainda mais por justiça, dignidade e direitos dando início ao Movimento Nacional População de Rua no ano de 2005.

das pessoas que utilizam a rua como moradia é ampla e escapa a generalizações. As motivações de habitar as ruas, o tempo de permanência, o modo como essas pessoas se autodenominam, entre outros aspectos que contribuem para a compreensão de sua heterogeneidade vem sendo discutida por diversas pesquisadoras (Sicari, 2018; Sicari; Zanella, 2018; Oliveira, 2015; Galvani, 2008; Gomes, 2006; entre outras).

A experiência de habitar as ruas, bem como as relações com a cidade e demais habitantes, é marcada por tensões, pois são atribuídos às PSR estigmas sociais (Goffman, 1981) de indesejáveis, drogados e/ou perigosos. As relações estabelecidas consigo mesmas/os, conforme discorre Sicari (2018), são por conseguinte, atravessadas por tais estigmas, culminando em uma experiência de sofrimento ético-político, afirmação e produções outras de si, que escapam aos lugares que lhes são socialmente impostos. Um sofrimento ético-político é aquele decorrente da injustiça, do preconceito e da falta de dignidade vividos por muitos membros de nossa sociedade, o qual poderia ser evitado do ponto de vista social (Sawaia, 1999).

A vivência em situação de rua, contudo, não se restringe às situações de sofrimentos e violências, de encontros que diminuem a potência de ação no sentido espinosano. As pessoas que fazem das ruas das cidades suas moradias, por vezes estão ali para além da sobrevivência. Elas participam da dinâmica da cidade de variados modos, sendo possível presenciar e participar da cena cultural e artística urbana. Como ocorre essa participação? Ela é apresentada e discutida na produção acadêmica? De que modo?

O interesse nas produções e participações de PSR em atividades artísticas se deve ao nosso envolvimento com atividades voltadas à promoção de experiências estéticas. Esse tipo de experiência, para quem a vivencia, seja na condição de autores(as) e/ou espectadores(as) de obras de arte, provoca a tessitura de relações entre arte e vida que mobilizam à criação e, conseqüente, à transformação de si e da realidade (Vigotski, 1999; Vigotski, 2001), via (re)organização de pensamentos, sentimentos, da psique como um todo. Experiências estéticas,

por sua vez, podem vir a ser objetivados em novas produções, quiçá reconhecidas como obras de arte.

Para Vigotski (2001, p.340), a arte não configura uma complementação ou adorno da vida, mas, na verdade, decorre daquilo que no ser humano é superior à vida. Isto porque, para este autor, estamos sujeitos, nos encontros no/com o mundo, a uma série de provocações, não sendo possível responder a todas elas de modo criativo. Na arte, por outro lado, somos provocados a produzir respostas que não são ou não tem espaço para serem concretizadas em outras esferas da existência. Somos instados a nos objetivamos de uma forma outra, criativa, o que sinaliza a possibilidade de virmos a nos reconhecer e sermos reconhecidos como artistas da própria existência.

Olhamos para a produção científica foco desta pesquisa em diálogo com as contribuições de Lev S. Vigotski acerca da educação estética e da arte. Esse entretecer nos permite enfatizar sua importância para todas e quaisquer vidas humanas, bem como a possibilidade de sua ocorrência em contextos informais, como a rua.

Método

Para conhecer e analisar o que foi produzido no âmbito acadêmico sobre Pessoas em Situação de Rua (PSR) e a relação entre arte e cidade, optamos pela realização de uma revisão da produção científica. Consideramos que, através da aplicação de estratégias de busca, é possível realizar um mapeamento, reflexão e análise da produção de um determinado tema de maneira organizada (Zoltowski; Costa; Teixeira; Koller, 2014), o que nos possibilita conhecer o que vem sendo pesquisado, bem como questões que se mantêm em aberto para investigações futuras..

Há vários métodos para a realização desse tipo de estudo. A revisão sistemática surgiu

no final da década de 1970; inicialmente conhecida pelo conceito de metanálise, criado por Gene Glass (1976), consiste em uma análise de um coletivo de estudos individuais visando a realização de uma integração dos resultados (Koller; Couto; Honderdoff, 2014). Trata-se de um procedimento metodológico de pesquisa constituído por etapas, a saber: delimitação do tema pesquisado e objetivos do estudo; escolha das fontes de dados nas quais será realizada a pesquisa; eleição dos descritores/palavras-chave para a busca; busca e armazenamento dos resultados; seleção dos periódicos que integrarão o estudo conforme os critérios de inclusão e exclusão definidos pela/o pesquisadora/or; coleta dos dados dos artigos selecionados; avaliação dos artigos; e, por fim, síntese, reflexão crítica e apresentação dos resultados.

Com o objetivo de conhecer a produção acadêmica sobre PSR relacionada à arte e à cidade, realizamos uma busca nas bases de dados Portal de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Catálogo de Teses & Dissertações da Capes, utilizando os seguintes descritores: “pessoas em situação de rua”, “morador de rua”, “contexto urbano”, “cidade” e “arte”, através da associação pelos operadores *booleanos AND* e *OR*. Assim, a busca foi realizada da seguinte forma: (“pessoas em situação de rua” *OR* “morador de rua”) *AND* (cidade *OR* “contexto urbano”) *AND* arte, resultando em 45 artigos na primeira base e cinco dissertações na segunda.

O levantamento das produções científicas foi realizado ao longo do mês de julho de 2019, sem limite de tempo. Foram considerados como critérios de inclusão: estar no formato de artigo, dissertação ou tese; apresentar discussões sobre a população brasileira e ter como foco principal de análise ao menos uma das três temáticas pesquisadas - cidade, pessoas em situação de rua (PSR) e arte. Critérios de exclusão também foram adotados, a saber: triplicidade ou duplicidade de arquivos, arquivos indisponíveis online e produções que, embora tenham sido selecionadas pelos mecanismos de busca, não tratavam da temática delimitada para a revisão. Para exemplificar a dinâmica exclusão/inclusão adotada, foi excluído o artigo “A educação

popular latino-americana como um novo sentido para a educação social” (Machado, 2016): o mesmo apresenta análises e reflexões teóricas acerca da Pedagogia Social e seu processo de consolidação como área de conhecimento na Espanha e no Brasil, porém sem discutir a questão das PSR; em contrapartida, foi incluído o artigo “A rua como espaço de tempo de possibilidades educativas” (Almeida; Júnior; Souza; 2016) por discutir a dimensão educativa da rua vivenciada por três grupos sociais, dentre os quais PSR, dançarinas e dançarinos de rua.

Tendo em vista a multiplicidade de temas nos arquivos encontrados, foi realizada a leitura dos resumos e a leitura na íntegra dos 50 trabalhos encontrados, seja por trazerem uma discussão mais aprofundada sobre as temáticas pesquisadas ou para identificar como apareciam na produção acadêmica a questão da arte, cidade e/ou PSR, a depender do foco de discussão. Como exemplo, o artigo intitulado “A ordem e a desordem de ontem e de hoje: notas etnográficas sobre a polícia na Lapa Carioca” (Caruso, 2015), uma discussão acerca das operações policiais e de segurança pública na Lapa, Rio de Janeiro, foi analisado identificando se era - e como era - realizada a relação com PSR e a arte.

Em alguns dos trabalhos encontrados, as palavras arte, cidade e/ou PSR e suas variações estavam apenas presentes no corpo do texto, sem necessariamente apresentar uma discussão a respeito. É o caso do artigo selecionado, intitulado “Os espaços públicos centrais como unidades de preservação do patrimônio: um estudo de caso em Barra Mansa, Rio de Janeiro” (Santos; Schicchi; 2016), no qual PSR são somente citadas como um “problema social” no que se refere à preservação de lugares considerados patrimônios.

Após a seleção dos artigos e dissertações para análise de acordo com os critérios mencionados, restaram 32 artigos e 5 dissertações de mestrado para análise. Esses trabalhos vinculam-se a diferentes áreas do conhecimento: arquitetura, geografia, psicologia, terapia ocupacional, saúde, antropologia, ciências sociais e educação. Além das áreas do conhecimento nas quais a temática foi discutida, foram consideradas, na análise dos resultados, as cidades nas

quais foram realizadas as pesquisas, o periódico onde os artigos foram publicados, as universidades às quais a pesquisa foi vinculada, entre outros.

Em relação às dissertações, duas são vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), uma ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), uma ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e outra ao Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A maior parte das pesquisas foi realizada no contexto da cidade de São Paulo/SP (37,5%), seguida do Rio de Janeiro/ RJ (18,75%) e Belo Horizonte/ MG (6,25%). As revistas que mais apareceram nos resultados foram a Revista Interface Comunicação e Saúde (4) e a Revista Civitas (3). Em relação à última, chama a atenção a publicação do Dossiê Vida na Rua (2019) que apresenta artigos especificamente sobre as PSR e discussões no âmbito das ciências sociais.

Para aprofundar a discussão acerca do material encontrado, tecemos diálogos entre as diferentes pesquisas buscando traçar uma reflexão crítica sobre as relações entre pessoas em situação de rua, cidade e arte. O que os diferentes estudos têm a nos dizer? O que podemos problematizar? Quais (im)possibilidades de relações entre essas três temáticas podemos vislumbrar?

Resultados

As temáticas arte, cidade e PSR são discutidas de modo variado nos 37 trabalhos analisados, com ênfase em uma ou outra das questões que formam o tripé em foco neste estudo. Os entrelaçamentos e relações entre um tema e outro configuram, por conseguinte, um conjunto

plural de olhares para a complexidade em foco.

Algumas das pesquisas discutem predominantemente a cidade e/ou a rua, contribuindo para problematizar o conhecimento produzido sobre esses espaços e o modo como pesquisadores/as os abordam. Para Zwetsch (2012), a função ética do pesquisador urbano é devolver à cidade aquilo que se fez esquecer. A pesquisadora pergunta sobre como e em que medida conseguimos escutar as vidas nas cidades.

Galvani (2008), que buscou em sua pesquisa de mestrado compreender a cidade a partir de PSR, relata a percepção de que o tempo da rua para elas é outro, diferente daquele considerado padrão e oficial; seus contratos de encontro com os participantes da pesquisa, por conseguinte, não estavam fixados no tempo mecânico do relógio, mas na confiança do contrato estabelecido.

Macerata, Soares e Ramos (2014) também consideram que o “mundo da rua” é diferente do “mundo oficial”, visibilizando seus contrastes e dinâmicas de exclusão. Para os autores, a dinâmica da rua se configura como um lado de fora das normativas e formas oficiais que regulam a vida na cidade. Trata-se de um espaço existencial de escape às suas leis hegemônicas e dominantes, lugar depositário daquelas existências que perderam seu lugar de legitimação por questões financeiras, sociais e/ou afetivas (Macerata; Soares; Ramos, 2014). Consoante com essas discussões, para Almeida, Junior e Souza (2016) a rua é considerada como espaço-tempo de diversas práticas sociais, local concreto e simbólico onde se inscrevem tensões socioculturais e de (re)construções da vida.

O espaço da rua, para Caruso (2015), é lugar onde reside o conflito entre noções de ordem e desordem, fundamentando práticas que tentam implantar a primeira e destruir a segunda. PSR, flanelinhas, vendedores ambulantes, dentre outros agentes na cidade, são caracterizados, aos olhares empresariais e dos meios de comunicação, como produtoras de desordem, motivo pelo qual são postas em prática operações de limpeza da cidade, como a

“Operação Lapa Limpa” de 2007 e a “Operação Lapa Presente” em 2013, ambas na região da Lapa da cidade do Rio de Janeiro e discutidas pela pesquisadora (Caruso, 2015).

Se predominam nos estudos analisados a discussão crítica sobre as tensões características da cidade e as variadas práticas de exclusão de PSR da tessitura urbana, o levantamento realizado encontrou estudos que se contrapõem a essa perspectiva. Santos e Schicchi (2016), no estudo de caso de Barra Mansa, também no Rio de Janeiro, discutem os espaços públicos da cidade como unidades de preservação e patrimônio no campo da arquitetura, lugares nos quais a presença de PSR, prostituição e usuários de drogas são consideradas um “problema social”(sic) que torna a região perigosa e pouco frequentada por outros moradores/es. Relatam as autoras sobre a instalação de uma academia, dentre outros projetos, que resultaram em uma “mudança estética”(sic) que implicou na expulsão de PSR ali presentes, o que possibilitou outras formas de convivência e a volta do crescimento e comércio na região, inclusive no período noturno.

Contrapõe-se à lógica afirmada nesse estudo a discussão desenvolvida por Carneiro (2019) sobre a produção do espaço urbano das cidades de Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil e de Bogotá, Colômbia. A partir da analítica do poder/saber de Michel Foucault, a autora Carneiro (2019) problematiza a intensificação dos mecanismos de poder disciplinar e do biopoder com a governamentalidade neoliberal. Nessa lógica, discute a autora que a cidade tem sido concebida no âmbito do consumo e as PSR têm sido utilizadas como fundamento e justificativas para intervenções urbanas. Segundo a autora, as associações dessa população à violência e insegurança acabam por tornar as PSR úteis para a ação do mercado. A noção de perigo finda por justificar mecanismos de coerção e controle dos corpos no espaço, garantindo, desta maneira, a expansão do mercado no solo urbano. PSR são consideradas fora da norma e, por isso, passíveis de controle e dominação; na medida em que existem e resistem, impedem e também justificam as possibilidades de investimentos na lógica neoliberal (Carneiro, 2019).

Para Tavares (2013), as PSR vivem uma ambiguidade de presença e ausência na medida em que seus corpos estão presentes na cidade, mas sua autonomia e dignidade estão ausentes, o que lhes confere um aspecto de sub-humanidade que é ora percebida, ora ignorada. Para Lopes (2008), o andar pelas ruas da cidade pode ser uma transgressão caracterizada pelo trânsito entre fronteiras sociais e simbólicas que possibilitam tensionamentos das legitimidades dominantes.

O que os estudos analisados possibilitam afirmar é que, seja por assumirem ritmos contra hegemônicos, por usufruírem do espaço da cidade como moradia e denunciarem as contradições sociais da sociedade em que vivemos, a presença e permanência das pessoas na rua incomoda e provoca medidas de extermínio e higienização da cidade. Assim, a experiência de habitar as ruas é relacionada às situações de violência, sejam elas protagonizadas pelo Estado junto à segurança pública (Caruso, 2015), entre si na disputa por espaço e poder (Rosa; Bretas, 2015), recolhimento compulsório norteado por interesses em preparar a cidade para grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas em 2016 (Machado; Simas, 2017), entre outras.

Porém, para além das experiências em situações de violência, a revisão da produção científica a que se propôs este estudo permitiu identificar a rua também como espaço de potência e de (re)invenção de si e do que pode vir a ser ao habitá-las: um lugar de encontro, de ensino e aprendizagem, de construção de relações e de se expressar artisticamente.

Em sua pesquisa de mestrado, Galvani (2008) reconhece a vida social que é construída a partir da rua e com ela, exemplificando o caso das PSR que desenvolvem formas de geração de renda, que se inserem em programas de moradia, participam de organizações políticas, integram relações com seus pares, de caráter religioso e aos circuitos ligados à arte.

As autoras Almeida, Júnior e Souza (2016), por sua vez, buscaram, a partir de resultados das pesquisas em educação no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar, São Paulo), refletir sobre a dimensão educativa da rua vivenciada por pessoas

que a utilizam como moradia e lugar de vivências afetivas e culturais. As pesquisadoras criticam o preconceito e a indiferença com que são olhadas essas pessoas e sugerem que sejam vistas como produtoras de práticas sociais que, através da arte, da cultura, da reinvenção da moradia e do uso de drogas, afirmam suas existências e suas vidas em contextos produtores de marginalizações. Ao analisarem como a rua é vista por dançarinas/os de rua, usuários de crack e outras pessoas que fazem das ruas sua moradia, o espaço da cidade foi caracterizado pelas autoras como mediador da expressão artística e a dança como um modo de ocupar o tempo e o espaço com algo prazeroso, criando, assim, outros modos de se relacionar com a cidade para além das redes tecidas em torno do uso e comércio de drogas.

Sobre as redes sociais em torno do uso e comércio de drogas, Alves e Pereira (2019) discutem o “fluxo”, movimentos e percursos em torno do consumo do crack, bem como a dimensão social em torno do uso da droga a partir de um olhar da antropologia. Para além da dependência química, os autores apontam para uma “dependência social” atrelada às relações com os pares, o desfrute da companhia, bem como da construção de modos de viver e perceber a cidade.

Ao discutir sobre a atenção à saúde e apoio às pessoas em situação de rua, Macerata, Soares e Ramos (2014) refletem o território existencial da rua como principal objeto sobre o qual tais práticas se debruçam. Constituindo relação com o conceito de “território existencial” cunhado por Felix Guatarri, estes autores problematizam que as lógicas mais instituídas da cidade mantêm poucos pontos de comunicação com a rua, e se engajam em intervenções que, em grande parte, tentam moldar PSR a padrões de vida considerados “normais” ou exterminar e retirá-los da vista da maior parte da população. Atentam, pois, para o conhecimento do território, do ritmo e da vida na rua, como atividade fundamental para aqueles que trabalham na atenção à saúde à população em situação de rua, o que também argumenta Roberta Oliveira (2018).

A importância da aproximação das dinâmicas da rua e de seus ritmos também são apontadas no contexto educacional, de maneira a vislumbrar um envolvimento de modo dialógico e respeitável com as PSR por parte dos espaços formais de educação (Almeida; Júnior; Souza; 2016). Segundo as autoras, existem processos educativos nas ruas que expressam construção e partilha de valores como a amizade, respeito e solidariedade que tornam o espaço urbano, na sua dinâmica e caráter multicultural, lugar de tensão com a visão hegemônica da vida e do mundo, comumente sustentada na competição e no individualismo.

Em discussão sobre experiências de uma equipe de Consultório de Rua e Redução de Danos em uma cidade do Rio de Janeiro, Machado e Simas (2017) relatam dificuldades de aproximação à população alvo do serviço, PSR e/ou usuárias de drogas, e o encontro da estratégia de superá-las no compartilhamento de vivências estéticas. A intensificação destas dificuldades foi interpretada como parte das consequências de abordagens violentas caracterizadas pela prática de recolhimento compulsório de caráter higienista realizadas por algumas equipes da assistência social no ano de 2013, cuja atuação, segundo os autores, estava pautada pelo interesse em preparar a cidade do Rio de Janeiro para os eventos da Copa do Mundo, em 2014, e das Olimpíadas, em 2015.

Machado e Simas (2017) contam sobre a utilização de recursos estéticos como tintas, papéis e canetas, por parte da equipe do consultório de rua e redução de danos, para o desenvolvimento de um outro modo de abordar as PSR e/ou usuárias de drogas. Apesar da recusa inicial de se experimentar artisticamente com os materiais, os trabalhadores da equipe iniciaram criações e as pessoas se aproximaram e realizaram suas próprias obras. Para as autoras, as experiências estéticas configuraram uma estratégia de aproximação e fortalecimento de vínculo com as PSR, usuárias ou não de drogas, o que possibilitou atendimentos e encaminhamentos posteriores conforme as demandas que eram apresentadas à equipe. É interessante ressaltar o relato, presente no artigo em questão, de algumas das pessoas que

solicitaram aos trabalhadores o registro fotográfico no qual apresentavam a criação artística realizada, apesar de estarem em territórios onde há certa proibição da utilização de câmeras. Esta atitude nos faz indagar sobre a potência da arte para quem a realiza e a possibilidade inaugurada pela experiência estética de se ver e ser visto de um modo outro, não como perigoso ou drogado, estigmas atribuídos a esta população. Para além da aproximação e do vínculo oportunizado pela vivência estética, o episódio narrado pelas autoras nos indica algo sobre os efeitos subjetivos do fazer artístico para essa população e para quem com ela tece relação.

Em pesquisa que buscou caracterizar, analisar e comparar os documentos que norteiam as atuações dos serviços que prestam atenção à saúde de PSR nos Estados Unidos, Portugal e Brasil, a partir da Análise Comparada de Divergência e Convergência, Borysow, Conill e Furtado (2017) apresentam que, apesar das distinções no que tange às políticas de saúde, semelhantes estratégias são adotadas, como a busca ativa e encaminhamento aos outros pontos da rede com objetivo de facilitar o acesso dos serviços pela população. Chama atenção nesse estudo o fato de que no Brasil está previsto um profissional com formação em arte e educação integrando a equipe multiprofissional, enquanto que nos EUA e Portugal as modalidades profissionais não são delimitadas e podem variar.

Recursos e produções estéticas são também discutidos por Alvarez, Alvarenga e Rina (2009) no contexto de ensino e aprendizagem de três PSR em aulas de alfabetização e ensino fundamental, ministradas por duas professoras aposentadas. Nessas aulas foram fornecidos folhas e lápis coloridos, além de revistas para que fossem utilizadas em processos criativos. Os sujeitos da pesquisa reuniam as partes cortadas de revistas e jornais descartados em um novo arranjo. As pesquisadoras compreendem as produções como modo de satisfazer a necessidade de se expressar e suas reflexões são norteadas por possíveis interpretações de simbolismos presentes nos desenhos e colagens a partir do diálogo com Jung.

Na pesquisa de mestrado intitulada “Limiares urbanos: a necessária precariedade à

existência” (Zwetsch, 2012), a pesquisadora buscou discutir as formas de viver e habitar a cidade de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, a partir do olhar das PSR. Com o dispositivo imagético da fotografia, foi proposto como atividade aos participantes da pesquisa que escolhessem uma imagem do habitar a cidade que lhes fosse significativa para, posteriormente, recriá-la coletivamente através da escrita e, então, fotografá-la. As fotografias são discutidas por Zwetsch (2012) como possibilidades de se narrar histórias cotidianas e dar importância ao que costuma ser deixado para trás, aquilo que até então parecia não ter significação. As produções das cenas e das fotografias, que retornaram aos participantes da pesquisa, configuraram para a pesquisadora um ato de reconhecimento de suas existências.

O projeto Cidadãos Cantantes (Silva; Lima, 2013), na cidade de São Paulo, também realizou atos de reconhecimento das PSR. Impulsionados pelo Movimento da Luta Antimanicomial¹², a proposta do projeto foi pensada como um espaço de experimentação artística para todos, independentemente das condições sociais e de saúde, considerando que todas as pessoas podem ocupar lugares de produtoras culturais. A vitrine que separa a sala onde ocorre as atividades culturais do projeto também as conectou ao movimento e às tensões urbanas. Este fato permitiu relações com PSR, que por vezes se constituíam como espectadores, e com as dinâmicas na cidade por elas engendradas ao resistirem às lógicas que ali imperam, provocando efeitos desde admiração à repulsa, sendo, por fim, afastadas da região por motivos que as autoras desconhecem.

Andréa Rodrigues (2007) desenvolveu a pesquisa de mestrado em teatro e performance intitulada “O Chão nas Cidades: Performance e População de Rua”. A performance consiste

¹² Movimento de luta por direitos à liberdade, dignidade e direito à vida em sociedade das pessoas com sofrimentos mentais. No contexto dessa luta estão o questionamento dos modelos de assistência dos manicômios e o Movimento da Reforma Psiquiátrica com início na década de 1970, resultando na Reforma Psiquiátrica Brasileira instituída através da Lei 10216 de 2001 (Lei Paulo Delgado) que reformula o modelo de Atenção à Saúde Mental através de uma Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) estruturada em serviços comunitários de modo a substituir os manicômios. A luta pela cidadania das pessoas com sofrimentos mentais continua e é celebrada anualmente no dia 18 de maio, dia referente ao Encontro dos Trabalhadores da Saúde Mental em Bauru, São Paulo, em 1987.

em um grupo de performers que caem ao chão em espaços diferentes da cidade, deixando que os desdobramentos das atitudes dos transeuntes para com a cena aconteçam. As pessoas em situação de rua foram previamente avisadas sobre o que aconteceria e atuaram como auxiliares, dando dicas sobre os melhores lugares para cair e deitar. Constituíram-se, podemos dizer, como performers já que, sem contar sobre o que se tratava, participavam dos desdobramentos que esta linguagem artística provocava no diálogo com o espaço urbano e seus habitantes, assumindo também o lugar de prestadores de cuidado às pessoas que caíam ao chão. Ao final da expressão artística, as PSR apresentaram relatos, com gestos e narrativas que a autora significou como de um requinte que chegava a apontar para um grau de ficção. O interessante não é propriamente o julgamento se eram reais ou não, mas o que provocou nas pessoas e as suas criações, sendo que na maior parte dos relatos, assumiram o papel de heróis em relação aos vilões que xingavam, ameaçavam e/ou agrediam as/os performers, chama a atenção a ocupação de um lugar numa cena cotidiana onde geralmente são eles as vítimas.

Algumas pesquisas não tinham como foco a arte e as/os artistas em situação de rua, mas a eles dedicaram atenção na medida em que emergiram no contexto pesquisado. João da Viola, participante da pesquisa de Galvani (2008), deixa explícita a importância da música em sua vida, através da qual sempre pôde falar das suas trajetórias e fazer reflexões sobre a vida. O participante da pesquisa morou em diferentes cidades sempre motivado por oportunidades de trabalho, começando por transitar com circo. O processo de ida à rua envolveu rompimento de vínculos familiares e prejuízos financeiros, além da perda de seu amigo e parceiro de música em viagem para uma apresentação. Toda essa experiência culminou na escrita de uma de suas canções, chamada “Estrada Cumprida”.

Rita Gomes (2006), que buscou investigar como se dá o processo de subjetivação das pessoas no espaço urbano da cidade contemporânea, em especial, daquelas em situação de rua, conta sobre a chegada de Seu Chico à oficina de pintura dedicada às pessoas em atendimento

intensivo no contexto do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)¹³, em Porto Alegre (RS). Conta a pesquisadora que Seu Chico apresentava uma fala de difícil compreensão e que, em seus desenhos e pinturas, sua história de vida, passado, presente e futuro, faziam-se vistos, o que permitiu melhor comunicação com os demais, além do resgate de seu processo de fala diante da necessidade de se comunicar. Para Gomes (2006) a linguagem através da arte utilizada por Seu Chico supria a ausência da linguagem verbal ao passo que também produziu novos modos de ser olhado e de se olhar. Podemos refletir sobre os processos e transformações engendradas pelo participante da pesquisa através da sua relação com suas pinturas e com as pessoas cujos olhos acompanharam, curiosos, o seu fazer artístico.

Galvani, Barros, Pastore e Sato (2016) apresentam resultados de seus estudos com artistas que vivem e/ou trabalham no espaço público do centro da cidade de São Paulo, cujas experiências são caracterizadas pela invisibilidade diante das políticas culturais, exposição a riscos e contradições da cidade, habilidades de improvisar e lidar com um público geralmente imprevisível. Perguntam-se as pesquisadoras: “por que quem usa a rua para divulgar sua arte é confundido com bandido?” (Galvani; Barros; Pastore; Sato, 2016, p. 861) e encontram a interface da arte e da política como ação a partir da qual a terapia ocupacional pode inscrever-se como criativa, ultrapassando limites do campo de saber e os espaços para a profissão.

Em outra pesquisa, Villar e Bernardes (2018), em diálogo com os estudos de Foucault, afirmam que as/os artistas e artesãs/os que trabalham e/ou vivem na rua compartilham níveis de precariedade que variam de acordo com a proximidade maior ou menor de uma vida “incluída” e de acordo com as normas. Verificam as autoras que os participantes da pesquisa, considerando os diferentes níveis de vulnerabilidade às violências e relações hostis na cidade,

¹³ Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) constituem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e consistem em serviços de saúde abertos e comunitários com atendimento multiprofissional e interdisciplinar voltado às pessoas com sofrimentos mentais. Os CAPS configuram serviços substitutivos do modelo de tratamento dos manicômios.

buscam se aproximar de condições de normalização da vida e se afastar da figura de exclusão identificada nas PSR.

Educação Estética e Arte: ampliando as discussões

Vigotski, ao discutir a educação estética em seu livro “Psicologia Pedagógica” (2001), contrapõe-se a utilização da arte e da estética para uma determinada finalidade, seja ela no âmbito da educação moral, da pedagogia, do estudo da realidade, entre outros. O autor parte da problemática de que na ciência psicológica e na pedagogia teórica não estavam formuladas questões como objetivo, métodos, sentido e natureza da educação estética, pois, enquanto alguns autores tendiam a negar o sentido educativo da educação estética, outros a supervalorizavam e concebiam a emoção advinda das vivências estéticas como um recurso a ser utilizado pela pedagogia. Para Vigotski, ao fazerem isso colocam a educação estética à serviço de funções estranhas a ela.

Vigotski se posiciona contra o uso da arte e da educação estética com objetivos morais, emocionais ou cognitivos, pelos seguintes motivos: a) não há garantia que determinada arte irá culminar em dado efeito moral/cognitivo ou emocional, pois não há limites para o modo de sentir e interpretar uma obra de arte; b) considera a arte não como um complemento da vida, mas decorrente daquilo que no [ser humano] é superior à própria vida, estando a arte para a vida, assim como o vinho para a uva (Vigotski, 1999).

A educação estética, por conseguinte, não deve servir de meio para se chegar a um fim, mas deve ter como objetivo a própria ação e vivência estética, pois:

Uma obra de arte vivenciada pode efetivamente ampliar nossa concepção de algum campo de fenômenos, levar-nos a ver esse campo com novos olhos, a generalizar e unificar fatos amiúde inteiramente dispersos. É que, como qualquer vivência intensa, a

vivência estética cria uma atitude muito sensível para os atos posteriores e, evidentemente, nunca passa sem deixar vestígios para o nosso comportamento (Vigotski, 2010, p.342).

Assim, compreendemos e investimos em relações com a arte balizados pela potência de bons encontros, no sentido espinosano (Maheirie; Strappazzon, 2016): encontros que podem aumentar nossa potência de ação na medida em que ampliam nossa concepção sobre um dado campo, possibilitando “ver com novos olhos” e nos deixando vestígios que podem ecoar em nossas ações futuras. As condições de possibilidade para tal, por sua vez, são balizadas por marcadores sociais, culturais e históricos constitutivos das trajetórias de cada pessoa.

Por conseguinte, as possibilidades de experiências estéticas e de criação do que pode vir a ser reconhecido como obra de arte são diferentes e desiguais, tendo em vista os grupos sociais dos quais cada pessoa é parte e participa, suas condições étnico-raciais, de gênero, classe, geração. Como explicitado nos resultados da revisão realizada, as PSR caracterizam um grupo social comumente violentado em seus direitos, vivem em situações adversas e por vezes sequer são consideradas vidas, vidas passíveis de luto, vidas que importam (Butler, 2006).

Conforme discute Sawaia (2009), a desigualdade social é experienciada como uma constante ameaça à vida e à existência, que limita, cerceia a experiência e impõe diferentes formas de humilhação. Urge, portanto, construir coletivamente condições outras de vida, nas quais possamos reconhecer e preservar essas existências que são tão - ou ainda mais - importantes que as unidades de preservação e patrimônio que discutem Santos e Schichi (2016), cujo processo de “embelezamento” envolveu a retirada de PSR.

Para Soares (2015), é possível uma educação estética para emancipação desde que integrada ao pensamento educacional voltado à transformação social incorporando aspectos teóricos e práticos, bem como de reflexão crítica que possibilite experiências significativas. Faz-se necessário, portanto, questionar que valores e que projetos de sociedade estão imbuídos em nossas práticas, onde quer que elas sejam.

Consideramos que oportunizar às PSR experiências estéticas e possibilidades de criação, bem como reconhecê-las como produtoras de práticas sociais e de cultura, seja parte constitutiva do respeito às suas vidas e existências. Concordamos com Sawaia (2009, p.370) quando afirma que “o [ser humano] tem necessidade, sim, de pão, mas igualmente de bons encontros potencializadores de liberdade, felicidade, criação e fruição do belo” (Sawaia, 2009, p.370).

A aproximação das dinâmicas das ruas (re)criadas pelas PSR, cuja importância é evidenciada por Macerata, Soares e Ramos (2014) e Almeida, Júnior e Souza (2016) nos contextos do trabalho em saúde e educacional, respectivamente, pode possibilitar o (re)conhecimento dos processos de ensino e aprendizagem que ocorrem nas ruas, dos valores e das criações realizadas pelas PSR. Para Vigotski (2001), o ponto central da educação estética é introduzi-la na própria vida, pois que “há poesia em toda parte onde soa a palavra do [ser humano], essa poesia de cada instante que constitui quase que a tarefa mais importante da educação estética” (Vigotski, 2001, p. 352). Desse modo, perguntamos-nos: em que medida estamos (re)conhecendo a poesia de cada instante? Especialmente a poesia que se desenha e escreve nas/com as ruas por pessoas que fazem delas suas moradias?

Vigotski demarca a inexorável relação da arte e da criação com a vida quando afirma que:

“A arte transfigura a realidade não só nas construções da fantasia, mas também na elaboração real dos objetos e situações: a casa, o vestiário, a conversa e a leitura(...). O que deve servir de regra não é o adorno da vida, mas a elaboração criadora da realidade, dos objetos e seus próprios movimentos, que aclara e promove as vivências cotidianas ao nível de vivências criadoras” (Vigotski, 2001, p.352)

A partir desta assertiva, podemos compreender a elaboração criadora da realidade realizada pelas PSR nas condições adversas a que são impostas, e na resistência que realizam ao se afirmarem nos espaços em que vivem, como modos de se fazerem presentes e criarem dinâmicas de vida outras, diferentes daquelas impostas pelas normativas hegemônicas. São

artes da existência, as quais tensionam nossas certezas e nos levam a pensar sobre o que consideramos importante em se tratando de vida em sociedade. Que nos provocam ao encontro com a diferença, fundamental para reconhecermos em nós mesmos a possibilidade de diferir, de vir a ser outro.

Considerações Finais: reverberações

O presente estudo possibilitou-nos conhecer de que modo têm sido estabelecidas as relações entre cidade, PSR e arte em produções divulgadas no Portal de Periódicos e banco de teses e dissertações da CAPES. Cabe enfatizar que esta pesquisa não esgotou o que já foi produzido sobre estas temáticas, uma vez que limitada pela escolha dos descritores e seleção das fontes de dados. Como resultados, constatamos que as produções diferenciam-se quanto ao foco de discussão, aos diálogos estabelecidos e áreas do conhecimento, o que nos indica as múltiplas possibilidades de se olhar para a cidade e suas relações com as PSR e a Arte.

A temática da rua/cidade foi amplamente discutida em grande parte dos trabalhos encontrados, sendo considerada em sua pluralidade como lugar de práticas sociais, de expressões artísticas, de disputas e conflitos, de ações de controle e coerção, de transgressões e tensionamentos de legitimidades dominantes e também de processos educativos, de ensino e aprendizagem.

Pensar a cidade é pensar também nas PSR. Essas pessoas imprimem suas próprias marcas na urbe na medida em que nelas experienciam e inscrevem suas existências, constituindo uma dinâmica para o estar na rua compreendida como diferente do padrão oficial, um ritmo distinto da norma e dos trajetos casa-rua-trabalho, desvinculada dos ponteiros dos relógios e mais próxima dos contratos de confiança estabelecidos para os encontros. Com relação à questão da arte, as discussões encontradas referem-se a fazeres artísticos variados e

visibilizam alguns possíveis quando são oportunizadas às PSR situações em que possam criar algo que lhes seja significativo. Mas há que se registrar que são poucos os estudos analisados que trazem essa discussão: necessário se faz investir em pesquisas que analisem a potência da arte para a transformação de modos de ser e viver a/na cidade, bem como a própria vida de PSR vir a ser cunhada e compreendida como obra de arte.

A realização desta revisão sistemática nos auxiliou a pensar as tensões e potências da relação das PSR, cidade e arte, e como estas relações se fazem presentes nos artigos encontrados. Ainda nos questionamos sobre quais possibilidades podemos vislumbrar na relação entre essa tríade. Ao que parece, esta é uma pergunta de múltiplas respostas, a depender dos modos de olhar. Sendo as PSR, a cidade e a arte, temáticas complexas e em constante movimento de mútua constituição, esta pergunta talvez não se encerre em uma resposta única. Talvez o objetivo da pergunta seja, não o de produzir respostas, e sim ecos, reverberações, ampliando, assim, o campo dos possíveis.

Referências

- Almeida, S. F., Júnior, D. R., & Souza, R. P. (2016). A rua como espaço e tempo de possibilidades educativas. *Inter-Ação*, Goiânia, 41(2), 323-336. Doi: <http://dx.doi.org/10.5216/ia.v41i2.40776>
- Alvarez, A. M. de S., Alvarenga, A. T. de, & Rina, S. C. de S. A.. (2009). Histórias de vida de moradores de rua, situações de exclusão social e encontros transformadores. *Saúde e Sociedade*, 18(2), 259-272. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902009000200009>
- Alves, Y. D., & Pereira, P. G. (2019). Uma antropologia do “fluxo”: reflexões sobre dependência no contexto do crack. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 16(1), 121-142. doi:<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n1p121>
- Borysow, I. da C., Conill, E. M., & Furtado, J. P. (2017). Atenção à saúde de pessoas em situação de rua: estudo comparado de unidades móveis em Portugal, Estados Unidos e Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(3), 879-890. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017223.25822016>

- Carneiro, K. G. (2019). Perigosos ou úteis?: Os moradores de rua e a produção do espaço urbano em Belo Horizonte e Bogotá. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 45-61. doi: <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30907>
- Caruso, H. (2015). A ordem e a desordem de ontem e de hoje: Notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 15(1), 66-83. <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2015.1.17282>
- Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm
- Deleuze, G. (2002). *Espinoso: filosofia prática*. 1. ed. São Paulo: Escuta.
- Galvani, D. (2008). *Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
- Galvani, D., Barros, D. D., Pastore, M. D. N., & Sato, M. T. (2016). Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 24(4), 859-868.
- Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Gomes, R. de C. M. (2006). *Gente-Caracol: A cidade contemporânea e o habitar as ruas*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Koller, S. H., Couto, M. C. de P. & Hohendorff, J. V.. (2014). *Manual de produção científica*. Porto Alegre: Penso.
- Lemões, T. (2019). Hierarquia, contestação e igualdade: a produção da militância política para a população de rua no Brasil. *Civitas Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 123-141.
- Lopes, J. T. (2008). Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Sociologia*, 17(18), p. 69-80. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=426539979004>
- Macerata, I., Soares, J. G. N., & Ramos, J. F. C. (2014). Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Supl. 1), 919-930. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.0210>
- Machado, K.S, Simas, R.S. (2017). Redução de danos, insumos e experiência estética: uma análise da prática no consultório na rua do município do Rio de Janeiro. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro, 1(1): 67-83.
- Oliveira, M. M. (2015). “Acham que brotamos das fontes dessa cidade?” Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em situação de rua em Natal/RN. Dissertação de

mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil.

- Oliveira, R. (2018). Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. *Saúde e Sociedade*, 27(1), 37-50. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170915>
- Rodrigues, A. L. M. (2007). O chão nas cidades – performance e população de rua. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Rosa, A. da S., & Brêtas, A. C. P. (2015). A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(53), 275-285. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>
- Santos, H. V., Schicchi, M. C. da S. (2016). Os espaços públicos como unidade de preservação do patrimônio: estudo de caso de Barra Mansa, no Rio de Janeiro. *Arquitetura Revista*, 12(2), 165-174. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1936/193650603004.pdf>
- Sawaia, B. (Org.) (1999). *As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*, (4ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, Florianópolis, 21(3), 364-372. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822009000300010. Acesso em: 22 mar. 2020.
- Sicari, A. A. (2018) A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 662-679. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003292017>
- Silva, J. A., & Lima, E. M. F. de A. (2013). Habitando uma vitrine-membrana: entre dentro e fora. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17(45), 497-509. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013000200023>
- Silva, M. L. L. (2006). *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005*. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Sores, R. (2015). *A educação estética como possibilidade de emancipação dos sujeitos no ensino da arte: desdobramentos e implicações*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Spinoza, B. de. (2016). *Ética*. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte, Brasil: Autêntica Editora.

- Strappazzon, A. L. (2017). A filosofia de Spinoza: um possível limiar de liberdade entre os corpos. Em: Malucos de estrada: experiência nômade e produção de modos de vida. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Strappazzon, A. L., & Maheirie, K. (2016). "Bons encontros" como composições: experiências em um contexto comunitário. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 68(2), 114-127. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672016000200010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 23 mar. 2019.
- Tavares, F. R. (2013). Territorializações Precárias na Cidade: Um Estudo de Caso sobre as Cracolândias. *História, Natureza e Espaço - Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa NIESBF*, Rio de Janeiro, 2(2). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/niesbf/article/view/12119/9494>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- Vazquez, A. S. (1978). *As idéias estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo, SP, Brasil: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2001). A Educação Estética. In: Vigotski, L. S. *Psicologia Pedagógica* (323-363), São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Villar, A. da S., & Bernardes, A. G.. (2018). Modos de subjetivação dos artesãos de rua: estética da existência e precariedade. *Análise Social*, (227), 416-437. <https://dx.doi.org/10.31447/AS00032573.2018227.07>
- Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014) Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>
- Zwetsch, B. E. (2012). Limiares urbanos: a necessária precariedade à existência. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

**5. ARTIGO 2: PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA, ARTE E CIDADE:
Sentidos Atribuídos à Criação e Apresentação de Peças Teatrais no
Espaço Urbano¹⁴**

Resumo: Muitos aspectos constituem as Pessoas em Situação de Rua (PSR) como fenômeno complexo e heterogêneo. Entre as várias atividades que desenvolvem nas vias das cidades que habitam estão as criações artísticas. O objetivo deste artigo foi analisar os sentidos atribuídos por PSR à criação e apresentação de peças teatrais no espaço urbano. A pesquisadora acompanhou e participou das atividades relacionadas às peças teatrais pelo período de 10 meses e realizou entrevistas com 11 das pessoas participantes. Após análise das entrevistas transcritas e dos registros em diário de campo com aporte teórico de Vigotski (1999, 2000, 2001), Bakhtin e o Círculo (Bakhtin, 2003) foram criadas categorias temáticas para discutir, no diálogo com outros pesquisadores, os sentidos atribuídos pelas PSR às experiências com o teatro. Formas de olhar a realidade, de se olhar, de ser e não ser olhada/o foram tensionadas e também transformadas no percurso das experiências com a arte, corroborando com olhares que reconhecem as PSR como seres humanos cujas vidas importam, pessoas que produzem arte e cultura, que carregam consigo histórias de vida, saberes e experiências constituídas no entrecruzamento de marcadores sociais de classe, raça, etnia, gênero e outros. Palavras-chave: Pessoas em Situação de Rua, Arte, Cidade, Sentidos, Experiência Estética.

Palavras-chave: Pessoas em Situação de Rua, Arte, Cidade, Sentidos, Experiência Estética.

Abstract: Many aspects constitute the Homeless People (PSR) as a complex and heterogeneous phenomenon. Among the various activities they develop on the roads of the cities they inhabit are artistic creations. The objective of this article was to analyze the meanings attributed by PSR to the creation and presentation of plays in urban space. The researcher followed and participated in the activities related to the plays for a period of 7 months and conducted

¹⁴ Artigo Submetido à Revista Avances en Psicología Latinoamericana (Universidad del Rosario).

interviews with 11 of the participants. After analyzing the transcribed interviews and field diary entries with theoretical contributions from Vygotsky (1999, 2000, 2001), Bakhtin and the Circle (Bakhtin, 2003), thematic categories were created to discuss, in dialogue with other researchers, the meanings attributed to by the PSR to experiences with the theater. Ways of looking at reality, of looking at yourself, of being and not being looked at were tensioned and also transformed in the course of experiences with art, corroborating with looks that recognize the PSR as human beings whose lives matter, people who produce art and culture, which carry with them life stories, knowledge and experiences constituted in the intersection of social markers of class, race, ethnicity, gender and others.

Key-words: Homeless People, Art, City, Senses, Aesthetic Experience.

Introdução

Pessoas em Situação de Rua (PSR) se fazem presentes nos espaços urbanos há muito tempo (Silva, 2006; Brasil, 2009). Ao existirem e resistirem às práticas que buscam retirá-las desses espaços, confrontam diretamente as lógicas hegemônicas que os sustentam, os planejamentos que os configuram e legitimam determinados modos de vida na cidade. Tensionam, assim, a separação entre público e privado habitando os territórios de alta circulação por turistas e compradores que se embrenham pelo labirinto do consumo. Ao fazerem das vias sua morada, afirmam modos de viver e estar no mundo outros e, na relação com a cidade, escracham as desigualdades sociais entre os partícipes da sociedade em que vivemos.

Seja por assumirem ritmos contra hegemônicos, por usufruírem do espaço da cidade como moradia de um modo diverso do esperado pelas políticas de habitação, por denunciarem as contradições de um sistema que se constitui na perversidade da dialética da exclusão/inclusão social¹⁵ (Sawaia, 2008), ou quaisquer razões, as PSR vivenciam situações de violência de várias ordens: a violência protagonizada pelo Estado através de suas políticas de segurança pública (Caruso, 2015), além de recolhimento compulsório norteado por interesses diversos (Machado & Simas, 2017); a retirada de pertences como barracas ou casas de papelão improvisadas (Sicari, 2018), além de violências contra seus corpos com esfaqueamentos, envenenamentos e espancamentos por parte de outros habitantes da cidade, incluindo o episódio conhecido como Massacre da Praça da Sé¹⁶.

¹⁵ A discussão acerca da dialética exclusão/inclusão social, que problematiza o conceito de exclusão social imbricado ao da inclusão, foi protagonizada pela professora e doutora em psicologia Bader Sawaia (1999) e tem sido empreendida por diversas pesquisadoras que integram o Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN- PUC/SP) criado por ela.

¹⁶ Em resposta a essas violências e visando a luta por direitos, foi criado no Brasil, em 2005, o Movimento Nacional População de Rua (MNPR) e, em 2009, foi instituída a Política Nacional para as PSR, norteada por princípios como respeito à dignidade da pessoa humana, direito à convivência familiar e comunitária e valorização e respeito à vida e à cidadania.

A Política Nacional para as PSR apresenta a seguinte definição para o público a que atende:

Grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (Decreto n. 7.053, 2009)

Embora seja importante uma definição acerca das PSR para a criação e implementação de políticas públicas, cabe ressaltar que essa população caracteriza-se pela diversidade no que se refere às motivações de habitar as ruas, o tempo de permanência, o modo como se autodenominam, entre outros aspectos (Sicari, 2018; Sicari & Zanella, 2018; Oliveira, 2015; Galvani, 2008; Gomes, 2006). Em relação à família, por exemplo, nem todas as pessoas têm vínculos rompidos (Lemões, 2014); em Florianópolis este número corresponde a 41%¹⁷.

Por conseguinte, muitos aspectos constituem as PSR como fenômeno complexo e heterogêneo, sendo necessário considerar as suas diferenças e evitar o perigo de uma história única (Chimamanda, 2019). Entre as várias atividades que desenvolvem nas vias das cidades que habitam, interessa-nos olhar para suas criações artísticas. O que criam as PSR? O que provocam suas criações artísticas na cidade? E o que provocam, tanto nas pessoas que acessam essas produções como em quem as produz? Interessadas em compreender os efeitos das artes protagonizadas por PSR em seus próprios artífices, é objetivo deste artigo analisar os sentidos atribuídos por PSR à experiência de criação e apresentação de peças teatrais.

¹⁷ De acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Comunitário da Grande Florianópolis (ICOM) em parceria com o Movimento Nacional População de Rua (MNPR/SC) no ano de 2016. A pesquisa buscou conhecer as características e especificidades da População de Rua da cidade de Florianópolis e está disponível em <http://www.icomfloripa.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Diagn%C3%B3stico-Social-Participativo-da-Popula%C3%A7%C3%A3o-em-Situa%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-na-Grande-Florian%C3%B3polis.pdf>

A pesquisa foi realizada com PSR que habitam o centro histórico de Florianópolis e participam de oficinas de teatro no Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos (Instituto Arco-Íris, 2019)¹⁸. As peças em foco, por sua vez, foram construídas em diferentes contextos: a primeira, intitulada “A Saga Por Um Banho”, foi encomendada por integrantes do MNPR-SC à atriz e pesquisadora Carolina Pommer,icineira de teatro no referido instituto, para ser apresentada no dia de Luta Nacional da População de Rua (18 de agosto). A apresentação desta peça ocorreu somente um mês depois, após a aprovação no edital do Circuito Arquitetura e Artes integrando a programação do evento. Mais tarde, em setembro de 2019, “A Saga Por um Banho” foi novamente apresentada, com algumas modificações em relação ao roteiro e ao elenco, quando o grupo foi convidado para apresentar no Floripa Teatro 24º Festival Isnard Azevedo¹⁹. Ainda em 2019, no mês de dezembro, os integrantes de “A Saga Por Um Banho” foram convidados para compor a programação da I Mostra Dissidente de Teatro Político, produção independente em parceria com o Serviço Social do Comércio - SESC Prainha/SC²⁰. O grupo, no entanto, optou por não apresentar a peça considerando a indisponibilidade de algumas/ns das/os participantes. Dessa forma, acordaram em realizar uma intervenção performática sem nome, conhecida como “Peça dos Bichos”, durante uma das palestras do evento que foi criada e protagonizada por um novo grupo.

¹⁸O Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos constituiu-se inicialmente como uma Organização Não Governamental (ONG) criada no final dos anos 1990 com trabalhos voltados às pessoas que vivem com o HIV/AIDS. Ao longo dos anos, implementou projetos com o Ministério da Saúde, Ministério da Cultura, Governo do Estado de Santa Catarina e com a Prefeitura Municipal da cidade. Atualmente, o Instituto Arco-Íris, é denominado como um Centro de Convivência e Cultura e conta com profissionais da psicologia, saúde, educação, artes, serviço social e direito, que realizam trabalhos com pessoas em situação de rua, privadas de liberdade, imigrantes, profissionais do sexo e usuárias/os dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS).

¹⁹O Floripa Teatro – 24º Festival Isnard Azevedo é uma realização da Prefeitura Municipal de Florianópolis através da Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Juventude e da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes e Ministério da Cidadania/Governo Federal.

²⁰Instituição sem fins lucrativos e de caráter social, integra o Sistema Fecomércio. Entre as suas atribuições estão o planejamento e execução de ações nas áreas de educação, lazer, cultura, assistência e saúde, bem como a oferta de oficinas, palestras, eventos e serviços voltados, principalmente, aos trabalhadores do comércio.

Breves Considerações Teóricas

As ruas e praças, espaços de moradia das PSR, têm sido escolhidas por artistas para intervenções que visam produzir estranhamentos e confrontar as relações estabelecidas com a cultura hegemônica, tornando as cidades mais sensíveis, diversas e plurais (Campbell, 2015; Zanella, 2020; Pasqualotto et al., 2020). Em Florianópolis, por exemplo, o ERRO Grupo (Pilon, 2018), o Coletivo Urbe e o Grupo Experiência Trânsito e Corpo (E.T.C.) (Faria, 2017) configuram alguns dos grupos artísticos que realizam suas intervenções e performances no espaço urbano, em especial na região central da cidade.

Por outro lado, grupos sociais, sem necessariamente uma formação artística acadêmica, aproximam-se da arte no contexto da cidade como modo de participar e intervir em sua dinâmica, como o grupo de mulheres Madalenas na Luta (Zanella, 2020:63-81), as mulheres que realizaram a performance “O Estuprador És Tu” em diferentes cidades do Brasil, Chile e Argentina, Coletivo Coiote (RJ), Bloco Livre Reciclado (RJ) (Vergara, 2015), dentre outros. E quando essas intervenções artísticas são protagonizadas por PSR? Se a cidade vem sendo palco para intervenções com várias linguagens artísticas, as quais procuram imprimir nos espaços urbanos alguma dissonância que venha a afetar os transeuntes de algum modo, o que produzem as artes protagonizadas por PSR na cidade e, o que nos interessa discutir neste artigo, em seus próprios artifícios?

Ao assumir o espaço da cidade como palco, o/a artista estabelece uma experiência estética no encontro com o lugar, lugar este incorporado pela criação e obra de arte em suas dimensões físicas, sociais, ambientais e culturais (Campbell, 2015). Nesse sentido, se fazem presentes nestas obras de arte, de diferentes modos, os conflitos e as tensões sociais (in)visibilizados no espaço urbano, a polifonia que constitui a cidade (Canevacci, 2004; Assis,

2016). Essas intervenções artísticas rompem, ainda que por breves instantes, o movimento já habitual e previsível do cotidiano, possibilitando o surgimento de algo novo, constituindo relações que podem vir a produzir fissuras no instituído da vida urbana. Configuram-se assim, essas artes, como uma “zona de potência, um campo de possibilidades, o porvir de uma nova realidade” (Pereira, 2012, p.187).

Cabe ressaltar que a criação artística, embora rapidamente associada àquela(e) que realiza uma obra de arte, o artista, não se limita a ela(e). Mesmo que se processe em uma pessoa somente, a arte tem raízes sociais (Vigotski, 1999), pois a atividade humana e o movimento de objetivação e subjetivação ocorrem socialmente, constituem-se nas e pelas relações concretas que cada pessoa estabelece com a realidade, situadas em dado contexto histórico, cultural, social e político (Zanella, 2005). Ademais, a arte é recriada e se transforma, dialeticamente, no encontro com cada espectador, que a (re)cria na medida em que a interpreta e lhe atribui sentidos (Vigotski, 2001).

E o que compreendemos por sentido? Trata-se da soma dos acontecimentos psicológicos evocados por um signo, que pode ser uma palavra, um gesto, objeto etc (Vigotski, 2001). Através das relações que traçamos com os e mediada por signos, situadas e constituídas histórica e socialmente, convertemos relações sociais em processos psicológicos, na medida em que as reelaboramos e delas nos apropriamos. Esta assertiva corresponde à concepção de ser humano em Vigotski (2000, p. 33) como um “agregado de relações sociais encarnadas no indivíduo”. Na relação com a obra de arte, o espectador movimenta seu arcabouço de experiências, memórias, importâncias, daquilo que dos contextos sociais dos quais participa o captura e marcam sua carne, (re)organizando, com este movimento, os materiais que compõem a obra de arte e a sua própria condição, a si mesmo. Desse modo, um corpo em movimento realizando determinado som e/ou proferindo palavras em um dado espaço da cidade possibilita

infinitas interpretações na medida em que cada sujeito traça uma relação única com a arte, no espaço-tempo em que ela acontece.

Para responder à pergunta “o que produzem as artes protagonizadas por PSR em seus próprios artífices?” nos dedicamos a atentar para as criações das PSR e ao que advém de suas autorias, demarcando-as e com elas dialogar, como posicionamento ético-estético e político de nos contrapor às lógicas hegemônicas que realizam apagamentos de suas existências através da retirada destas pessoas das ruas, do recolhimento de seus pertences e da invisibilização de suas vidas, demandas, necessidades e lutas, que ocorre concomitantemente à visibilização através da violência direcionada aos seus corpos e dos estigmas que as reduzem em estereótipos de perigosos e/ou usuário de drogas, dentre outros.

Método

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa de mestrado em Psicologia desenvolvida pela primeira autora com orientação da segunda autora. Trata-se de uma pesquisa-intervenção que teve como foco as artes produzidas por PSR e, no caso deste artigo, os sentidos dessas artes para seus artífices.

Para a realização da pesquisa partimos do pressuposto de que todo pesquisar é uma intervenção, pois implica em (re)criações e transformações de sujeitos, de conhecimentos e de territórios de vida: “o próprio fato de perguntar produz, ao mesmo tempo, tanto no observador quanto nos observados, possibilidades de autoprodução, de autoria” (Maraschin, 2004, p.105). Desse modo, consideramos que os/as participantes da pesquisa se posicionam, nos interpelam e se transformam junto a nós, pesquisadoras, e no ensejo das afetações dos encontros, criam novos sentidos, produzem novas narrativas sobre si e outros olhares para a realidade.

Para investigar os sentidos atribuídos por PSR à criação e apresentação das peças teatrais por elas criadas no espaço urbano, a pesquisadora frequentou o Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos e seus entornos – as ruas e praças - pelo período de 10 meses, 4 dias por semana durante aproximadamente 4 horas por dia. Durante esse período, acompanhou e participou das atividades relacionadas às oficinas de teatro e às peças, como ensaios e apresentações. No período posterior às apresentações, foram realizadas entrevistas com 11 PSR envolvidas com o processo de criação e apresentação das peças teatrais. As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2019 a março de 2020, período em que as oficinas, dentre outras atividades do Instituto Arco-Íris, foram suspensas em função das festividades de fim de ano, seguidas do Carnaval.

Dentre as 11 pessoas entrevistadas, duas são mulheres cis-gênero, sendo que uma se declara negra e outra parda; uma outra mulher é trans-gênero e declara branca; e oito homens entrevistados são cis-gênero, dos quais três declaram-se brancos, um não se declara, dois identificam-se como pardos e dois como negros. A idade dos participantes variou entre 21 e 55 anos, sendo 31 anos a idade média aproximada. A participação no teatro ocorreu de diferentes maneiras entre as pessoas entrevistadas: 6 pessoas participaram da criação da “Peça dos Bichos”, das quais 4 participaram da apresentação; e cinco pessoas participaram da apresentação e criação da “A Saga por Um Banho”.

Para a realização das entrevistas foi preciso combinar horário e dia com cada uma/um por telefone, além de frequentar o centro da cidade, procurando pelas pessoas que participaram das criações artísticas, já que grande parte não possuía contato telefônico ou acesso à internet para receber e enviar mensagens. As entrevistas, por conseguinte, ocorreram no centro da cidade, em lugares da escolha de cada entrevistado/a. Uma entrevista ocorreu de maneira online devido à pandemia do Covid-19 e isolamento social iniciado no final do mês de março de 2020.

As entrevistas foram tecidas em conversas, com duração média de 45 minutos, que tiveram as seguintes questões norteadoras: como chegou ao teatro? Como foi participar da criação da peça? Como foi apresentar a peça? Já tinha realizado outras artes? Além delas, também foram tecidas conversas informais (Spink, 2008) ao longo da realização do campo de pesquisa.

As conversas informais consideradas mais relevantes para a pesquisa foram registradas em diário de campo, no qual foram também registrados acontecimentos, percepções e sensações. As conversas-entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. Após as análises dos materiais, foram criadas categorias temáticas à posteriori para apresentar e discutir os sentidos atribuídos pelas PSR às experiências com o teatro, a saber: a vida na/com a rua e o olhar sobre si; o fazer teatro e as apresentações; as experiências estéticas e seus efeitos. No caso de três entrevistados, foi considerada a experiência de participar apenas da criação, devido à indisponibilidade deles de participarem da apresentação em função de desavenças pessoais e oportunidades de trabalho surgidas no dia.

As bases onto-epistemológicas das análises foram constituídas pelas considerações de Bakhtin e o Círculo (Faraco, 2009)²¹ relativas ao conhecimento produzido em ciências humanas. Partimos da compreensão de que o conhecimento desenvolvido em ciências humanas ocorre com sujeitos e não sobre. Assim, este conhecimento só pode ser desenvolvido de maneira dialógica (Bakhtin, 2003), na qual sujeitos participantes da pesquisa e pesquisadora produzem relações de sentidos, encontram-se e se afetam.

O foco de análise é constituído, portanto, pelo processo no qual a pesquisadora encontrou os sujeitos com quem pesquisou, participando ativamente das relações e da produção de sentidos, pois que o lugar da pesquisadora será “sempre o de um sujeito inserido/a nas e

²¹Grupo de intelectuais russos de diferentes formações, interesses e atuações profissionais que se reuniu entre 1919 e 1929, entre os quais destacam-se Valentin Voloshinov, Pavel Medvedev e Mikhail Bakhtin.

constituído pelas tramas dialógicas que procura analisar, alguém posicionado, preche de valores e que responde a e por eles” (Machado & Zanella, 2019, p.12).

Para a escrita deste artigo, foram revisitados os registros em diário de campo da pesquisadora e relidas as transcrições dos áudios das entrevistas realizadas, assumindo um movimento de exotopia (Bakhtin, 2013; Amorim, 2016) que implica em aproximação e conexão com as experiências e participantes da pesquisa, seguida do distanciamento a partir do qual se percebe a própria presença da pesquisadora no contexto da cena dialógica que constituiu estes encontros.

Resultados e Discussão

Vida, arte, cidade e experiência. Diferentes temáticas que se entrecruzaram e, transversalmente, emergiram de distintas maneiras ao longo das conversas tecidas com as/os participantes. No ensejo dos encontros, a vida na rua e a percepção das/os entrevistadas/os em relação à experiência de criação e apresentação das peças teatrais emergiram como temáticas a serem discutidas, entretecendo as falas dos/as PSR com a de pesquisadores/as e das próprias autoras. Vejamos então os sentidos que emergiram desses encontros através das categorias criadas para discussão e análise: a vida com/na rua e o olhar sobre si, o fazer teatro e as apresentações e a experiência estética e seus efeitos.

A Vida com/na Rua e o Olhar Sobre Si

A pesquisa realizada possibilitou constatar, consoante com investigações realizadas por vários/as pesquisadores/as (Galvani, 2008; Macerata et al., 2014; Almeida et al., 2016, entre

outros/as), que as PSR transformam as vias da cidade em moradia e imprimem uma dinâmica que se configura como de escape às normas relacionadas aos modos de vida regradados pelo calendário, pelo relógio e trajeto casa-trabalho-casa. Tensionam, assim, a maneira como a urbe está planejada e organizada (Santos & Zanella, 2020; Santos & Teixeira, 2020). Suas vidas acontecem em diálogo com a polifonia que a conota, borrando as fronteiras entre público e privado. Apesar de não realizar uma pergunta explicitamente sobre suas condições de vida na rua, ao falarem sobre as peças teatrais o modo como PSR são tratadas, além das suas experiências em situação de rua, apareceram em grande parte das entrevistas.

Em nossa conversa/entrevista, Douglas B. dos Santos²², homem cis gênero, pardo, 26 anos, conta que não possui nenhuma formação acadêmica em teatro, mas que tem experiência. Considera que socialmente é preciso ter um diploma para provar que se sabe fazer e que se é experiente, mas, para ele, a vivência e o dia-a-dia fazem com que se tenha experiência; em decorrência, todos podem ser tanto professoras/res quanto aprendizes. Sobre o teatro em específico, conta que sua participação lhe deixou um gosto de quero mais:

A cultura de várias pessoas e a arte, quando tu tira algo do lixo, que segundo a sociedade já não tem mais jeito, já não tem utilidade, já não serve mais pra nada, é aí que a gente pega aquele pedaço de madeira, aquele pedaço de isopor e faz uma arte, uma rosa, alguma coisa pras pessoas ver que até mesmo no lixão nasce flor e é só ter fé, ter esperança e não perder o foco (Douglas B. dos Santos, 2019).

A frase “que até mesmo no lixão nasce flor” dita por Douglas B. dos Santos possivelmente faz referência à letra da música “Vida Loka Parte I” de Racionais Mc’s, grupo brasileiro de Rap formado por Mano Brown, Edi Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay. O grupo é amplamente conhecido na cena do Rap brasileiro e suas músicas costumam abordar críticas sociais e denúncias em relação à violência, ao racismo e ao sofrimento ético-político vivido por

²²As/os participantes da pesquisa estão identificados conforme optaram quanto à preservação ou não do sigilo de suas identidades, registrado no Termo de Consentimento Livre Esclarecido assinado por cada uma/um.

jovens negros e pobres do país. Douglas B. dos Santos participava das Batalhas de Rap que até então aconteciam no espaço do Terminal Velho, local onde realizamos a entrevista e tinha sido declarado campeão da Batalha de Rap do dia anterior.

Kelvin da Silva, homem cis gênero e negro, 26 anos, ao falar sobre a peça de teatro, o processo de criação e sua participação, trouxe uma de suas falas no roteiro da peça: “e por que que é de mim que tiram os pertences?”. Na continuidade da conversa, Kelvin da Silva (2020) comenta:

(...) porque quando eu tava na rua que tiravam meus pertences... as autoridades que íam tirar meus pertences, não tem como cobrar o cara do caminhão que tá tirando meus pertences, não tem como cobrar o policial que tava ali na segurança, tipo (...) da operação, porque ele tá indo lá porque, conduz e empodera todo esse contexto, faz algo em prol, ele acha que às vezes a pessoa tá ali porque ela quer. (...).

Kelvin da Silva nos convida, com sua fala, a refletir sobre a dimensão estrutural que constitui a violência que sofrem as PSR, movida por certa visão e projeto de mundo e sociedade que marginaliza e impulsiona determinados corpos na/da cidade a condições de precariedade de existência, não os reconhecendo como as vidas humanas que são. Ao retirarem os pertences, apagam-se alguns dos rastros e vestígios de sua existência na/com a cidade. E quem o faz segue uma lógica que também o engloba, uma mesma lógica pela qual é “coordenado” e também coordena, “conduz”, reproduz e “empodera”.

A pergunta/provocação que Kelvin da Silva realiza tem relação com algumas de suas experiências de vida em situação de rua, conforme vemos:

Porque até o que tá na autoridade de dar a resposta não sabe o que vai dar. Quando nós estávamos no local público lá e a gente era mandado embora tinha todo um contexto de várias outras pessoas que estavam lá naquele local que não eram nem incomodado nem mandado embora. Tipo como se fosse fazer a higienização do local ali, como se fosse a sujeira do local (Kelvin da Silva, 2020).

A desigualdade no enquadramento de que vida conta como vida (Butler, 2016) e quem conta como pessoa está presente na fala de Kelvin da Silva ao contar que várias pessoas estavam em um mesmo local, porém diferente das PSR, algumas não foram mandadas embora e nem incomodadas; as PSR, ao contrário, foram tratadas como a “sujeira do local”. Débora da Silva, mulher cis gênero e parda, 22 anos, fala da importância de apresentarem “A Saga por Um Banho” em um evento do porte do Festival Isnard de Azevedo, uma peça de denúncia devido ao roteiro que retrata as violências cotidianas que sofrem as PSR que, “para essa cidade de Santa Catarina não existe, é tratada como lixo, né? E aí o lixo vai lá apresentar num dos maiores festivais de teatro”.

Muitas das intervenções direcionadas às PSR, bem como as lógicas instituídas da cidade, engajam-se em tentativas de moldar estas pessoas a padrões de vida mais próximos do que é socialmente considerado como normal, quando não de retirá-las de vista (Macerata et al., 2014; Caruso 2015; Carneiro, 2019). Esta assertiva relaciona-se ao que referiram as/os participantes da pesquisa até então citadas/os: que veem as PSR sendo tratadas como lixo.

Um outro ângulo de visão é apresentado por Omar Jabal, homem cis gênero, que não se declara em relação à raça e etnia, 56 anos. Ao citar a realidade das PSR mostradas por elas/es nas peças de teatro, Omar Jabal apresenta uma percepção diferente do que é ser morador de rua e que nos faz refletir sobre a dimensão da igualdade que nós, enquanto pessoas que vivem em relação umas com as outras e também com as ruas da cidade, temos ou deveríamos ter:

Quando a gente mostra a realidade da rua, choca algumas pessoas e até nós mesmos, mas a pessoa que mora numa cobertura na beira-mar e tem uma BMW, quando ele pisa o pezinho na rua ele também é um morador de rua. Ponto. (Omar Jabal, 2019).

Eis uma fala provocação que traz para o debate uma perspectiva outra para a compreensão de distâncias socialmente instituídas entre pessoas de diferentes classes sociais,

bem como para os modos como nos referimos às relações com a rua e a cidade. Quem é morador de rua? Somente quem faz das vias públicas sua morada?

As falas de Douglas B. dos Santos, Kelvin da Silva, Débora da Silva e Omar Jabal provocam: o que é preciso para que seja reconhecida a potência de vida de PSR?

Em contraponto ao modo como as vias públicas são compreendidas e, por conseguinte, as PSR são socialmente tratadas, Débora da Silva, ao falar sobre a peça teatral, afirma que “a rua é cultura, é arte, é vivência, a rua é família, a rua é amizade, é ódio também, então o teatro trouxe isso, né, pra gente mostrar pra eles que a gente não é pouca coisa, a gente é muita coisa” (Débora da Silva, 2020). Corroborando com esta fala, as autoras Almeida et al. (2016) apontam, em seus estudos, que existem processos educativos presentes nas ruas que expressam a construção e partilha de valores como a amizade, respeito e solidariedade que tornam o espaço urbano, na sua dinâmica e caráter multicultural, lugar de tensionamento da visão hegemônica da vida e do mundo, comumente sustentada na competição e no individualismo.

O Fazer Teatro e as Apresentações

Em geral, todas/os participantes da pesquisa já haviam tido contato com artes, seja em igrejas, em clínicas de reabilitação, através das relações familiares e profissionais, entre outras. Em relação ao fazer teatro e às apresentações, foi possível constatar distintas maneiras de se envolver nas atividades, o que de certo modo se entretetece às suas trajetórias de vida e (des)encontros com as artes.

Rafael, homem branco cis gênero de 30 anos, costumava estar sentado no sofá da sala onde ocorriam as oficinas e os ensaios da peça. Ele foi convidado algumas vezes pelo grupo e pela ministrante da oficina a participar das atividades, mas sempre respondia que estava “de boa”. Em entrevista, ele conta que ia aos ensaios e às oficinas:

(...) mais pra escutar e falar na hora de falar, acho que esse é o grande contexto, né? Que nem em entrevista de emprego, se tu pegar e ficar atropelando muito, se tu não der as pausas certas, né? A pessoa vai ‘po, não vou contratar esse cara, esse cara é muito afobado’. Ou também se não falar nada também, vão pensar ‘po, mas esse cara não tem nada pra apresentar pra mim’, então é uma balança, né? (Rafael, 2020).

A fala de Rafael me fez ter outra percepção de sua participação na peça; ao comparar à situação de uma entrevista de emprego, me pergunto sobre as relações entre os ensaios e construção da peça e as entrevistas de emprego que Rafael já realizou e que, por ventura, poderá vir a realizar, bem como sobre a seriedade que ele atribuiu ao fazer teatral que lembra àquela comumente atribuída ao trabalho. Devido à ausência de alguns dos participantes, por indisponibilidade de apresentarem naquele dia, surgiu um impasse de quem poderia levantar as placas que demarcariam as cenas:

Estávamos em roda passando o texto quando Rafael entrou na sala e recebeu elogios pelo cabelo cortado e barba feita; com um sorriso tímido e poucas palavras ele sentou conosco. (...) Kelvin da Silva deu a ideia de que Rafael passasse as placas, por ser “alto e com uma pinta de galã”; pensei que ele diria que estava “de boa” como sempre disse nos ensaios, pra minha surpresa Rafael aceitou a proposta sem hesitar (...) (Diário de Campo, 2019).

Rafael nos alerta para o jeito único e singular de cada pessoa ao participar de atividades em grupo: ele era questionado se não queria participar dos ensaios quando, na realidade, ele estava “de boa” e participava à sua maneira. A atividade de olhar e escutar empreendida por Rafael sentado no sofá durante os ensaios caracteriza uma participação ativa, pois aquele que se coloca como espectador também age, pois observa, interpreta e realiza relações entre o que se está vendo e sentindo e aquilo que já foi vivenciado antes (Rancièrè, 2012).

Jairo de Oliveira, homem negro cis gênero de 29 anos, por sua vez, conta que participava da oficina de teatro no Instituto Arco Íris mais pra brincar, pois para ele o teatro era uma palhaçada e uma brincadeira. Ao falar sobre sua participação na criação da peça, afirma que foi bom pelo vínculo e aproximação que criou com outras pessoas.

Sobre a aproximação e vínculo que cita Jairo de Oliveira, recordo que os encontros também eram prenhes afetos, marcados pelas características das relações estabelecidas com o espaço da rua e o Instituto Arco-Íris. Ao longo da pesquisa, presenciei muitos momentos comuns às relações interpessoais: conversas, desentendimentos, reconciliações, gargalhadas conjuntas e ações de parceria e solidariedade. Estas lembranças corroboram com pesquisas que discutem a construção de processos educativos nas ruas que expressam a construção e partilha de valores como a amizade, o respeito e a solidariedade, tensionando, deste modo, a visão hegemônica de viver em um sistema capitalista e neoliberal de produção e consumo (Almeida et al., 2016).

A participação nas oficinas e na apresentação das peças também foi propulsora de encontros entre as pessoas participantes para além dos ensaios, pois saídas à praia e até mesmo a comemoração do Natal do ano de 2019 foram combinadas no contexto das atividades teatrais. Jairo de Oliveira referiu sobre o quanto as oficinas e o espaço do Instituto Arco-Íris, bem como as pessoas que o frequentavam, tiveram importância em seu percurso, configurando “um pedacinho de corda pra tu te agarrar, pra poder te apoiar, pra não se sentir tão só na rua, porque a rua tem muitas coisas boas, mas se tu não tiver uma mente você faz muita coisa ruim, vai só te prejudicar, né?” (Jairo de Oliveira, 2020).

Com Jairo de Oliveira reflito sobre a solidão que algumas das PSR vivenciam e a importância das relações, do acompanhamento por parte de trabalhadoras/es das políticas de saúde e de assistência social e da rede de apoio e solidariedade construída na rua e entre pares, como também das políticas de lazer e cultura, de modo que experiências do brincar e se aventurar no encontro com as artes sejam acessíveis a todas/os àqueles que habitam a cidade. Em relação às coisas ruins que podem prejudicar, Jairo de Oliveira se refere ao consumo de drogas e a brigar com outras pessoas, seja em situação de rua ou não. Nos ensaios, Jairo de Oliveira estava sempre sorridente e falante, gostava de dar ideias para a peça e, no encerrar dos

encontros, brincava de improviso com rimas e passos de Hip-Hop, dentre os quais alguns me foram ensinados por ele ao longo da realização da pesquisa.

Para Douglas B. dos Santos, participar do teatro possibilitou uma melhor expressão de si mesmo, de sua história e do que sente, encontrando uma maneira de falar de si na forma de personagem e também se expressar. Douglas conta que cresceu no meio da música que marcou a convivência familiar e, ao conhecer o Instituto Arco-Íris, as oficinas de teatro foram as atividades com as quais mais se identificou:

(...) falar da arte, falar do teatro é pra mim algo que eu me identifico porque pra mim tudo é considerado arte, a partir do momento que algo que eu quero me expressar, pra mim qualquer motivo, qualquer ato que tu faça em questão de se expressar de expressão eu considero como uma arte, que seja um artesanato, ou na música ou na dança (Douglas B. dos Santos, 2019).

Dialogando com a fala de Douglas B. dos Santos reflito sobre a relação entre arte e vida e a expressão de emoções e sentimentos que envolvem um ato de criação artística. Segundo Vigotski (1999), a natureza da arte implica em transformação, porém o sentimento por si só não é capaz de criar arte: para acontecer um ato criador é preciso superar esse sentimento e ir além do que está presente na vida, para a ela retornar, transformando-o e transformando-se nesse movimento.

Kvera, homem cis gênero e branco, 42 anos, conta que foi participar do teatro por causa dos amigos. Relatou que nunca teve uma oportunidade de encontro com a arte antes da peça que protagonizou, “a não ser em clínicas [de reabilitação] onde eu achava roupas, me maquiava e saía pra zoar com a galera, sozinho, mas aqui poder encontrar um grupo, né cara?” (Kvera, 2019).

Ricardo, não-binário e branco, 32 anos, conta que é músico de rua e que trabalhou em transportes públicos e esquinas de várias cidades até chegar à Florianópolis. Relata que participou da peça de teatro a convite de participantes, possibilitando uma experiência nova que

foi a de realizar a trilha sonora de uma peça de teatro, além de conhecer outras PSR e as lutas de cada um na relação com o Movimento População de Rua. Para ele, o momento de apresentação pareceu ser um estado de transe, e o resultado como o melhor de todos os ensaios.

Outros/as participantes da pesquisa falaram sobre os sentimentos que emergiram no momento das apresentações. Diferente de Ricardo, Jeniffer Becker, mulher trans-gênero e branca, 22 anos, conta que “foi uma ansiedade, eu estava nervosa, ainda mais que eu era a primeira a falar”. Kvera, por sua vez, se surpreendeu consigo mesmo pela calma que estava no momento: “quando começou eu fechei os olhos pro público pra não me atrapalhar e acho que deu certo”. Kelvin da Silva conta que, para ele, foi “caótico, muito caótico e constrangedor”:

Eu tava envergonhadão, eu tava todo... animadão, mas chegou o dia de apresentar eu fiquei como? Totalmente reprimido, pra mim aquela peça ali não era só uma peça de teatro, pra mim aquilo ali era uma... era muito mais o quê... não era uma palestra, não era um discurso, mas era como se fosse um grito. Um grito, uma mensagem pro mundo, não só para aquelas pessoas que estavam ali naquela encruzilhada.

A fala de Kelvin sobre a peça de teatro ser além de uma peça, mas também um grito, me fez recordar o conceito de dialogia em Bakhtin e seu círculo: todo enunciado corresponde a um ato (que pode ser uma fala, uma imagem, um gesto ou uma criação artística), ocorre em um contexto dialógico relacionando-se tanto ao que já foi dito ou realizado por outros sujeitos quanto ao que pode vir a ser, trazendo aspectos de quem enuncia e também para os remetentes daquilo que é enunciado (Bakhtin, 2003; Voloshinov, 2013). Nesse sentido, reflito sobre a dimensão responsiva que caracteriza a criação teatral aqui discutida para com o modo como tratam e falam das PSR, bem como a afirmação da (re)existência de uma pessoa que age, fala, cria e, dessa maneira, se recusa a ocupar um lugar estigmatizado que comumente é destinado às pessoas que utilizam as ruas como moradia para produzir diferentes modos de ser e agir. Kelvin, com sua fala, parece compreender essa dimensão.

A Experiência Estética e Seus Efeitos

Para Sanchez Vazquez (1978), diferentes tipos de relação com a realidade foram forjados ao longo da história da humanidade, como: as de tipo prático-utilitárias; as relações teóricas; e as relações estéticas, que dizem respeito às necessidades humanas de se expressar e objetivar-se em uma criação, a partir da qual se reconhece a si mesmo como alguém que produz cultura e história no contexto amplo do desenvolvimento histórico e cultural da humanidade. Estas últimas são o foco desta seção.

Destacamos as relações estéticas por apresentarem, em seu ensejo, a abertura para a possibilidade de reconhecer a pluralidade e complexidade que constitui a vida, produzindo novas significações que, “uma vez apropriadas podem contribuir para o redimensionamento e ressignificação do próprio viver/existir” (Zanella, 2020). São significações constituídas por sujeitos singulares que se permitem olhar, admirar, reconhecer detalhes e qualidades estéticas em pessoas, objetos, situações, e que transformam suas possibilidades de olhar, ouvir, sentir e ler a realidade.

Discorreremos nos itens anteriores sobre um olhar para as PSR que as desumanizam, tratando-as como lixo ou sujeira. Podemos inferir, em diálogo com Zanella (2020), que este ver e não ver destinados às PSR são sociais e historicamente constituídos, reproduzidos e quiçá naturalizados. Vemos que a experiência de assumir a rua como palco para uma apresentação artística, por sua vez, contribuiu para a torção e fissura destes olhares e não-olhares para as PSR, possibilitando a criação de olhares outros para a realidade e para si próprias.

Jeniffer Becker conta sobre sua experiência de apresentar a peça de teatro dizendo que “se sentiu olhada”, ao que eu questionei “como assim? como é ser olhada?” e ela respondeu:

Eu posso ser olhada na rua, como assim, eu, as pessoas passam só me enxergam sentada no chão ou deitada no chão, mas as pessoas não me olham nos olhos assim “nossa, aquela pessoa tá sentada no chão, aquela pessoa tá precisando de ajuda”, quando eu tava no teatro as pessoas me olharam nos olhos, e aí foi tipo, me olharam não como uma artista de rua, mas me olharam como pessoa (Jeniffer Becker, 2020).

A fala de Jeniffer me tocou profundamente. Ocupar um lugar de se apresentar em uma peça teatral proporcionou uma experiência de sentir-se olhada de uma maneira que não reconhece acontecer em outras situações, como quando está sentada ou deitada no chão: um olhar no olho, um olhar que a reconhece enquanto pessoa. Questiono-me: precisam as PSR assumirem outro lugar para serem olhadas como pessoas? Quando estão nas calçadas e marquises, elas deixam de ser pessoas, não são olhadas nos olhos?

Perguntei a Jeniffer se em algum momento ela se sentiu como artista. Minha pergunta revela o modo como eu a olhava e como, talvez, quisesse que ela se visse: artista tanto na peça de teatro como em sua própria existência. Jeniffer respondeu:

Não. Não me senti como artista, sei lá, eu me senti parte de um grupo, não como artista, como parte de um grupo de uma oficina de teatro, não como artista que tá sendo que tá sendo gravada por uma globo, SBT, uma rede de tv, mas como um grupo de uma oficina de teatro do Arco-íris (Jeniffer Becker, 2020).

O “sentir-se parte de um grupo de uma oficina de teatro relatado por Jeniffer Becker” evidencia como a arte se caracterizou como uma mediadora da criação de vínculos e da constituição de um grupo.

Reflijo com a fala de Jeniffer sobre as duas citações de artista a que ela se refere, artistas que são gravadas e aparecem nas redes televisivas e “artista de rua”. As/os artistas de rua compartilham o mesmo espaço que as PSR, embora não necessariamente estejam em situação de rua, e possuem experiências diferentes de invisibilidade, de riscos e tensões na cidade, como a invisibilidade diante de políticas culturais ou ser “confundido com bandido” (Galvani et al., 2016). Vulneráveis em intensidades distintas, artistas e artesãs/artesãos que trabalham e/ou vivem na rua por vezes buscam se afastar de estereótipos relacionados às PSR como estratégia de proteção de relações hostis na cidade, aproximando-se de um modo de vida tido como normativo e hegemônico (Villar & Bernardes, 2018).

Gordo, homem cis pardo, 26 anos, refletindo sobre como as PSR são vistas pela sociedade, levanta possíveis estranhamentos aos olhares dos demais habitantes ao assistirem as peças de teatro: “Porque a galera olha morador de rua e não dá nada, né? ‘Quê que é isso aí?’ Aí pá, pessoal lá apresentando”. Nesta mesma tônica, Aline, mulher cis gênero, negra, 35 anos, relata que a participação e apresentação do teatro produziu efeitos no modo como é vista pela sociedade e também no modo como ela mesma se vê; conta que o período anterior da apresentação foi marcado por momentos difíceis e de maior vulnerabilidade que se intensificaram com o uso mais recorrente de drogas, o que fez com que ela pensasse que pudesse ser substituída na última apresentação da A Saga por um Banho, o que sequer foi cogitado pelo grupo:

A hora que terminou eu vi aquele tanto de gente eu fiquei “nossa...”, não sei, às vezes “cês” acham que é mentira, que é assim, os outros mais me viam bebendo, fumando, ah fazendo coisas erradas e vocês botaram confiança que eu podia fazer, que eu conseguia, vocês, tipo, me mostrou que eu posso ser uma verdadeira mulher, eu me senti mulher naquela peça e, ah e achei lindo, espetacular... Mulher, peregrina, de rua, sendo mal vista na sociedade pelo álcool, pela droga, e vocês mostraram pra mim que não era bem desse jeito...eu vi que eu tenho que me amar mais... (Aline, 2020).

A fala de Aline nos convida a refletir sobre a potência da experiência artística vivenciada por ela, potência esta que amplia e expande seu horizonte de possibilidades. Ser olhada pelo grupo e pelas pessoas que assistiram às apresentações contribuíram para que Aline se olhasse de novas maneiras. Cerca de um ano após a realização da entrevista, Aline tornou-se coordenadora de um coletivo feminista de fortalecimento e vínculo de mulheres em situação de vulnerabilidade idealizado por ela.

Destaca-se a relação com o outro e o olhar do outro como constitutivos do olhar sobre si pois, segundo Vigotski (2000, p. 24), “qualquer função psicológica superior foi externa – significa que ela foi social; antes de se tornar função, ela foi uma relação social entre duas pessoas”. Ou seja, nos constituímos como pessoas no contexto das relações sociais das quais

participamos; criamos, compartilhamos e nos apropriamos de significações via atividade, sempre semioticamente mediadas e circunscritas a determinadas condições históricas, sociais e culturais. Dentre essas condições, destacamos aquelas referentes aos marcadores sociais de raça, etnia, gênero e classe social que não foram citadas diretamente por Vigotski, mas se fazem presentes na fala de Aline e das outras pessoas que participaram da pesquisa.

Compreendo por marcadores sociais construções sociais, históricas e culturais que operam como categorias classificatórias através das quais se (re)produzem hierarquias sociais (Shwarcz, 2019) que, engendradas por sujeitos concretos, constituíram/constituem a sociedade de maneira estruturalmente racista, classista, sexista, capacitista e patriarcal. A saber, o processo de colonização, através do qual foram e são (re)produzidas lógicas hierárquicas entre sujeitos, saberes e modos de vida, bem como relações de dominação e subordinação por parte de brancos europeus com povos originários e africanos; processo este que não se encerrou com o fim da colonização formal, mas perdura haja vista a colonialidade que se atualiza no presente (Bernardino-Costa et al., 2020).

Revisitar a entrevista com Aline, em que ela diz ter se sentido uma “verdadeira mulher”, ainda que ela se referisse à potência da experiência com o teatro vivenciada por ela, me faz refletir também acerca das discussões advindas de feministas negras como Angela Davis (2016), bell hooks (2019), Djamila Ribeiro (2018), Lélia Gonzalez (1988), Maria Aparecida Silva Bento (1995) e outras, por se tratar de uma mulher negra e de rua. A condição de ser mulher não está descolada à condição de negra, pois os dois atravessamentos constituem as experiências de ser e estar no mundo de Aline. De acordo com bell hooks (2019), as relações sociais atravessadas pelo racismo e pelo sexismo condicionaram mulheres negras a desvalorizarem sua condição de mulher e considerar a raça como único marcador relevante de identificação, de modo que o movimento de mulheres sufragistas não as contemplava no que se referiam às suas demandas de mulheres negras, levantando a problematização do que estava

sendo considerado dentro da categoria “mulher”, levando a autora a questionar: “E eu não sou uma mulher?”.

Por conseguinte, devemos considerar e reconhecer a pluralidade dos movimentos feministas e a multiplicidade das experiências de tornar-se mulher, afastando-se de uma definição à priori do que é ser mulher e reconhecendo as especificidades amalgamadas a esta condição: classe, raça, etnia, geração, lugar de origem, entre outras. A estas especificidades incluem também o atravessamento da experiência de viver na rua, ser ou não usuária de drogas e de quais drogas (Malheiro, 2020).

Com as/os participantes da pesquisa refletimos sobre a pluralidade das experiências de viver e estar no mundo, tendo em vista os atravessamentos que constituem a vida de cada PSR participante da pesquisa. Suas diferenças de privilégios e de opressões ocorrem entrecruzadas à condição de estar em situação de rua junto aos marcadores de raça, etnia, gênero, idade, lugar de origem, entre outros. Como exemplo, cito Omar Jabal que, em uma conversa ao longo da pesquisa, me contou que por ter uma aparência mais “mauricinho” consegue transitar por espaços de arte da cidade sem que o olhem com estranhamento (Diário de Campo, 2019). Omar Jabal preferiu não se declarar em relação à raça e etnia e é considerado, por mim, como homem branco. Sua trajetória de vida difere em relação à raça, classe, lugar de origem, lugares que frequentou e frequenta, das trajetórias de Kelvin da Silva e Douglas B. dos Santos, por exemplo, que, além de se considerarem negro e pardo, respectivamente, contaram sobre crescer nas “quebradas” de São Paulo, o que lhes possibilitou determinados aprendizados, experiências e visões de vida que constituíram suas maneiras singulares – e também coletivas - de ser e estar no mundo.

Considerações Finais

Neste artigo, buscamos discutir os sentidos atribuídos por PSR à criação e apresentação de peças teatrais no contexto urbano. As falas das/os participantes foram discutidas no diálogo com a de pesquisadoras/es e das próprias autoras em torno das temáticas que emergiram nos encontros que compuseram o processo de pesquisar e intervir: vida, arte, cidade e experiência. Estas temáticas foram aprofundadas através das categorias de análise: a vida com/na rua e o olhar sobre si, o fazer teatro e as apresentações, a experiência estética e seus efeitos.

Foi possível identificar na pesquisa intervenção realizada com os sujeitos participantes da pesquisa, seus (des)encontros com as artes ao longo de suas trajetórias e as formas diferentes de se envolver e significar estas experiências: brincadeira, grito e mensagem para o mundo, denúncia de injustiças sociais, lugar de construção de laços afetivos, aprendizados, de se expressar, conhecer e deixar serem conhecidas suas histórias de vida, entre outros.

Formas de olhar a realidade, de se olhar, de ser e não ser olhada/o foram tensionadas e também transformadas no percurso das experiências com a arte e dos encontros que compuseram a pesquisa, corroborando com olhares que reconhecem as PSR como seres humanos cujas vidas importam, pessoas que produzem arte e cultura, que carregam consigo histórias de vida, saberes e modos de vida, experiências constituídas no entrecruzamento de marcadores sociais de classe, raça, etnia, geração, lugar de origem, gênero, e outros.

Por fim, consideramos a potência da arte para a transformação nos modos de ser e viver na cidade, contribuindo para relações mais sensíveis que produzem rachaduras em violências socialmente naturalizadas e cristalizadas e, destas/a partir destas rachaduras, o reconhecimento da potência de vida que pulsa na rua, o porvir de novas realidades e vislumbres no horizonte de possíveis: na arte e na vida.

Referências

- Amorim, M. (2016). Cronotopo e Exotopia. In: Brait, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave* (95-114). Contexto.
- Alves, R. (2004, 26 outubro). A complicada arte de ver. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>
- Almeida, S. F. de, Junior, D. R. & Souza, R. P. (2016). A rua como espaço e tempo de possibilidades educativas. *Revista Inter Ação*, 41(2), 323-336. <https://doi.org/10.5216/ia.v41i2.40776>
- Assis, N. (2016). *Cidade Polifônica: indícios de memórias outras na paisagem*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168166>
- Bakhtin, M. (2003). Metodologia das ciências humanas. In Bakhtin, M. *Estética da criação verbal*. Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Forense Universitária.
- Bento, M. A. S. (1995). A mulher negra no mercado de trabalho. *Estudos Feministas*, 3(2), p. 479-488. <https://doi.org/10.1590/%25x>
- Bernardino-Costa, J., Maldonado-Torres, N., & Grosfoguel, R. (2020). *Decolonialidade e Pensamento Afrodiaspórico*. Autêntica.
- Carneiro, K. G. (2019). Perigosos ou úteis?: Os moradores de rua e a produção do espaço urbano em Belo Horizonte e Bogotá. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 45-61. <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30907>
- Constituição da República Federativa do Brasil, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua*.
- Butler, J. (2016). *Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?* Civilização Brasileira.
- Campbell, B. (2015). *Arte para uma cidade sensível*. Editora Invisíveis Produções.
- Canevacci, M. (2004). *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Studio Nobel.
- Caruso, H. (2015). A ordem e a desordem de ontem e de hoje: Notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 15(1), 66-83. <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2015.1.17282>
- Chimamanda, A. N. (2019). *O perigo de uma história única*. Companhia das Letras.

- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. Boitempo.
- Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. (2009). Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de acompanhamento e monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República.
- Faraco, A. C. (2009). *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Parábola Editorial.
- Faria, L. (2017). *Cenas Urbanas Performance e política nas ruas de Florianópolis*. [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/178670>
- Galvani, D. (2008). *Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades*. [Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo]. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5163/tde-01062009-110911/pt-br.php>
- Galvani, D., Barros, D. D., Pastore, M. D. N., & Sato, M. T. (2016). Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. *Cad. Terapia Ocupacional UFSCar*, n. 24(4), p. 859-868, 2016.
- Gomes, R. de C. M. (2006). *Gente-Caracol: A cidade contemporânea e o habitar as ruas*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo Afro-latino-americano*. Zahar.
- Hooks, B. (2019). *E eu não sou uma mulher?* Mulheres negras e feminismo. Rosa dos Tempos.
- Instituto Arco-íris de Direitos Humanos. (2019). *Boletim Travessia*, 1(1).
- Lemões, T. (2014). A corporificação do sofrimento e o trânsito entre vítima e algoz: novas reflexões a partir de etnografias com população em situação de rua. *Cadernos do Lepaarq*, 11(21), 45-61. <https://doi.org/10.15210/lepaarq.v11i21.3155>
- Lemões, T. (2019). Hierarquia, contestação e igualdade: A produção da militância política para a população de rua no Brasil. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 123-141. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30356>
- Macerata, I., Soares, J. G., & Ramos, J. F. C. (2014). Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua. *Interface*, n. 18(1), pp. 919-930.
- Machado, K.S., & Simas, R.S. (2017). Redução de danos, insumos e experiência estética: uma análise da prática no consultório na rua do município do Rio de Janeiro. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* 1(1): 67-83.
- Machado, J. P., & Zanella, A. V. (2019). Bakhtin, ciências humanas e psicologia: diálogos sobre epistemologia e pesquisa. *Psicologia & Sociedade*, 31. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31i166423>
- Malheiro, L. S. B. (2020). *Tornar-se Mulher Usuária de Crack: trajetórias de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas*. Telha.

- Maraschin, C. (2004). Pesquisar e intervir. *Psicologia & Sociedade*, 16(1), 98-107.
- Oliveira, de M. M. (2015). “*Acham que brotamos das fontes dessa cidade?*”: Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em situação de rua em Natal/RN. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte]. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20814?mode=full>
- Ribeiro, D. (2018). *Quem tem medo do feminismo negro?* Companhia das Letras.
- Sanchez Vazquez. (1978). *As Ideias Estéticas de Marx*. Paz e Terra.
- Santos, dos N. A., & Teixeira, A. M. (2020). Expressível do Vazio, de Juliana Hoffmann: as tramas das traças e a (re)escrita das pessoas em situação de rua na cidade. In Zanella, A. V. (Org.), *Arte e cidade, memória e experiência*. Editora da Universidade Federal do Piauí (EDUFPI), p. 173-192.
- Santos, dos N. A., & Zanella, A. V. (2021). Pessoas em situação de rua e o “centro do universo”: tensões entre a cidade planejada e a cidade praticada. *RUA*, v. 27, n. 2, p. 239–264. <https://doi.org/10.20396/rua.v27i2.8667736>
- Sawaia, B. (2008). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Vozes.
- Sicari, A. A. (2018). *A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/189945>
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicol. cienc. prof.* 38 (4). <https://doi.org/10.1590/1982-3703003292017>
- Silva, M. L. L. (2006). *Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília].
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicol. Soc.* 20. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>
- Shwarcz, L. (2019). *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*. Companhia das Letras.
- Pasqualotto, M. Z., Zanella, A. V., & Fonseca, T. G. (2020). Se tudo ficasse quieto conseguiríamos escutar o rio?: uma intervenção urbana sobre memórias da cidade. *Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas*, v. 2, n. 38, p. 1-24. <https://doi.org/10.5965/14145731023820200035>
- Pereira, M. V. (2012). O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pro-Posições*, 23(1), 183-198.
- Pilon, R. G. P. (2018). *Cidade Urbanizada, Estética e o Erro Grupo: a reconfiguração do sensível por meio das performances e do teatro de rua*. [Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/198866/PPSI0825-T.pdf?sequence=-1&isAllowed=y>

- Vergara, C. (2015). Corpo transgressão: a violência traduzida nas performances do Coletivo Coiote, Bloco Livre Reciclato e Black Blocs. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 4. <https://doi.org/10.4000/cadernosaa.970>
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2000). Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, 21(71), 21-44. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200002>
- Vigotski, L. S. (2001). A Educação Estética. In: Vigotski, L. S. *Psicologia Pedagógica*, pp. 323-363. Martins Fontes.
- Villar, A. da S., & Bernardes, A. G. (2018). Modos de subjetivação dos artesãos de rua: estética da existência e precariedade. *Análise Social*, (227), 416-437. <https://dx.doi.org/10.31447/AS00032573.2018227.07>
- Volóshinov, V. N. (2013). Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In Voloshinov, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*, 71-100. Pedro & João Editores.
- Zanella, A. V. (2005). Sujeito e alteridade: reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*, 17(2), 99-104. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822005000200013>
- Zanella, A. V., Levitan, D., Almeida, G. B. & Furtado, J. R. (2012). Sobre reXistências. *Revista Psicologia Política*, 12(24), 247-262.
- Zanella, A. V. (2020). *Psicologia histórico-cultural em foco: aproximações a alguns de seus fundamentos e conceitos*. Edições do Bosque. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/212717?show=full>

6. ARTIGO 3: SOBRE CIDADE, ARTE E CICATRIZES: A Experiência de Pesquisar e Atuar com Pessoas em Situação de Rua

Resumo: O presente artigo teve como objetivo narrar algumas experiências ao longo de uma pesquisa de mestrado em Psicologia Social e Cultura que teve como foco as vivências estéticas com pessoas em situação de rua. Em diálogo com os conceitos de experiência e narrativa de Walter Benjamin (1994), foram narradas e analisadas as cicatrizes produzidas pelos encontros com as/os participantes da pesquisa e com as artes na cidade no processo de pesquisa. A cidade como potência de encontro, algumas reflexões sobre o feminismo que pulsa nas ruas e uma colagem com fotografias das criações estéticas de figurinos para uma peça de teatro realizada pelas pessoas em situação de rua foram os nomes atribuídos às cicatrizes apresentadas, a partir das quais se construiu uma análise do pesquisar como experiência a ser também analisada, juntamente com as relações construídas com os participantes deste processo.

Palavras-chave: experiência; narrativa; psicologia social; arte; pessoas em situação de rua.

Abstract: This article aimed to narrate some experiences during a master's research in Social Psychology and Culture that focused on aesthetic experiences with homeless people. In dialogue with Walter Benjamin's (1994) concepts of experience and narrative, the scars produced by the meetings with the research participants and with the arts in the city in the research process were narrated and analyzed. The city as a power of encounter, some reflections on the feminism that pulsates in the streets and a collage with photographs of the aesthetic creations of costumes for a play performed by people living on the streets were the names given to the scars presented, from which an analysis of research was constructed as an experience to be also analyzed, together with the relationships built with the participants of this process.

Keywords: experience; narrative; social Psychology; art; street people.

Introdução

Delimitar um campo-tema (Spink, 2003) de pesquisa em ciências humanas implica a atividade de olhar para o entorno, para o que nos captura e nos leva a assumir escolhas e enquadrar, como em uma fotografia, o território a ser vivido e pensado, onde - e com quem - vamos nos aventurar e nos permitir sermos marcadas/os e transformadas/os. Esse processo, desde o enquadre campo-temático até o desenvolvimento da pesquisa e as escritas que dela sucedem, é marcado por afetos e pelo compromisso com os sujeitos envolvidos, pessoas com as quais se tecem os encontros e as condições em que os sentidos são coletivamente produzidos. Trata-se de um processo circunscrito por condições históricas e culturais, pelas possibilidades por estas constituídas e também seus limites, sendo que os últimos são tensionados e problematizados “tendo em vista a vida que se quer (re)inventar” (Groff, Maheirie e Zanella, 2010).

Considerando que o processo de pesquisar é marcado por afetos e afecções, ele é também erigido sobre alguma visão de mundo, sobre valores, crenças e conhecimentos que configuram um fazer político, ético e estético, pois que socialmente comprometido com algum projeto de vida e/em sociedade e fundado em relações sensíveis que estranham o instituído, na medida em que reconhecem as possibilidades de vir a ser (Zanella e Sais, 2008). Em relação ao afeto e às afecções, parto da filosofia da Ética de Spinoza que refere que o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir aumenta ou diminui (Spinoza, 2006, Parte III, Postulado I, p. 163). O autor define o afeto como “as afecções de um corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (ibid, Parte III, Definições III, p. 163). Está incorporada nestas definições a dimensão do encontro do corpo humano com um outro - ideia, outro corpo, humano ou não etc - que lhes produz uma variação na potência de ação, de sua capacidade de existência.

Encontros tecidos com pessoas que fazem das ruas lugares de moradia – pessoas em situação de rua - constituem o cenário da pesquisa em foco neste artigo, a qual buscou analisar

as vivências estéticas com pessoas em situação de rua, considerando a potência da arte em produzir deslocamentos, provocar e irromper novos modos de olhar à realidade, aos outros e a si próprio. As histórias de vida das pessoas com as quais a pesquisa foi realizada, o tensionamento do olhar comumente direcionado a elas por parte de outras/os habitantes da cidade e do Estado, as violências aos seus corpos através de envenenamentos, esfaqueamentos e outras agressões, incluindo a retirada de seus poucos pertences como colchão, barraca entre outros, para uma limpeza higienista da cidade, são algumas das questões discutidas por diversas autoras/es (Caruso, 2015, Simas, 2017, Sicari, 2018, Machado; Santos; Zanella, 2021) que emergiram no processo de desenvolvimento da pesquisa, e sobre as quais não foi possível silenciar. A recusa de uma postura pretensiosamente neutra deu lugar à assunção do pesquisar como experiência a ser também analisada, juntamente com as relações construídas com as/os participantes do processo. O objetivo deste artigo, portanto, é justamente analisar algumas das cicatrizes produzidas pela experiência do encontro com as/os participantes da pesquisa.

Segundo Larrosa Bondía, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (Larrosa, 2015, p.18). Ou seja, para que algo nos aconteça, nos passe e/ou nos toque, enfim, para que a experiência ocorra, é preciso, segundo o autor argentino, um gesto de interrupção, de lentidão contrastante com a velocidade vivida na contemporaneidade. “Suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço” (Larrosa, 2015, p. 25). Necessária se faz, é possível dizer, uma atitude estética para com os acontecimentos, configurando um movimento de abertura para o encontro com o mundo e, dessa maneira, aceitar o risco das inúmeras possibilidades de efeitos que poderão daí advir sem a intenção de realizar juízos explicativos (Pereira, 2012).

Walter Benjamin (1994) fala sobre experiência e narrativa em diferentes momentos de sua obra. Em *Experiência e pobreza*, o autor alemão discorre sobre uma forma de miséria relacionada à mesma, exemplificando o silêncio com o qual voltavam os combatentes do campo de batalha findada a primeira guerra mundial. Tratava-se de uma pobreza em experiências narráveis e transmissíveis de maneira oral, decorrente do trauma vivido. Os livros didáticos e de guerra que se sucederam, por sua vez, eram carregados de informações, mas não de experiências (Benjamin, 1994).

O conceito de experiência, portanto, está inexoravelmente relacionado à narração, pois a construção da experiência está entrelaçada à construção de uma narrativa. Para o autor alemão, a experiência narrada ou a arte de contar está em declínio na modernidade, tornando-se rara devido a alguns aspectos característicos da sociedade capitalista: uma maior distância entre gerações e/ou grupos humanos em função da velocidade com que ocorrem as mudanças de condições de vida, o que dificulta a constituição de um comum entre narrador e ouvinte, uma comunidade da experiência; o processo rápido e fragmentado do trabalho industrial e em cadeia; a difusão da informação; o surgimento do romance no início do período moderno que, diferente da narrativa, tem sua origem no indivíduo isolado e não nas experiências passadas de pessoa para pessoa: não se relaciona, portanto, à tradição oral nem como ponto de partida, nem como contribuição para a sua perpetuação (Ganegbin, 2018; Benjamin, 1994).

A narrativa tem como fonte as experiências transmitidas de pessoa para pessoa e o narrador é aquele que retira da experiência – sua ou daquelas relatadas pelos outros - aquilo que constitui o que conta (Benjamin, 1994). Cabe diferenciar a narrativa da informação, pois a primeira se conserva na medida em que é contada e escutada, traz os vestígios da pessoa que narra e permite a quem a escuta interpretar como quiser, ou mesmo dar conselhos de continuação à história e indagar sobre seu inacabamento ao se questionar: como continua? E o que aconteceu em seguida?

A partir destes conceitos e da condição de pesquisadora desejante de mergulhos no território pesquisado, afetando-o e sendo por ele afetada, pergunto: O que essa discussão tem a ver com a ação de pesquisar e compor a escrita da mesma? Trata-se de tomar a experiência e a narrativa como artefatos políticos e metodológicos, constituindo assim um campo epistêmico afastado da ideia de neutralidade, distanciamento e objetividade da relação com o mundo pesquisado para assumir fazer parte, de maneira situada, deste mundo, habitá-lo de modo a interrogar e tensionar as linhas de força presentes, provocando fissuras que permitam a criação de novos mundos, incluindo um novo pesquisar e uma nova pesquisadora (Mizoguchi, 2015). Trata-se de uma epistemologia que abraça o pesquisar como um mundo complexo, múltiplo e inacabado.

Mas como narrar a experiência de pesquisar? Como iniciar? Múltiplos podem ser os pontos de partida. Todos eles congregam algo em comum: tratam-se de afetações cunhadas em encontros. O encontro aqui é compreendido como resultado de um deixar-se afetar pelo que acontece, fruto da abertura à experiência para que esta tenha lugar de acontecimento no corpo, produtor de cicatrizes que são assimiladas, revisitadas e significadas.

“Se a narrativa é uma forma artesanal de comunicação” (Benjamin, 1994, p. 205), se a “relação narrador e sua matéria - a vida humana - é uma relação artesanal” (ibid, p.221), o passado presentificado na forma de cicatrizes configura a matéria-prima da experiência a partir da qual este artigo foi realizado. É o diálogo com essas cicatrizes, que passaram a constituir-me no processo de pesquisar, que me proponho a trazer neste capítulo, fazendo-as falar, dando passagem para que produzam efeitos, pensamentos e afetos em quem se disponha a escutar esta narrativa que, por sua vez, possui as minhas marcas como narradora, pois que nela “ficam impressas as marcas do narrador como os vestígios das mãos do oleiro no vaso de argila” (ibid., p.205). Como arrisca Benjamin em questionamento sobre a tarefa daquele que narra, buscou-se “transformar a matéria prima da experiência em um produto sólido, útil e único” (p. 221).

Método

No projeto de pesquisa do qual faz parte este artigo, foram realizados esboços dos caminhos pelos quais esta se desenvolveria, com alguma abertura para aquilo que do encontro viria a emergir, tendo em vista os pressupostos teóricos metodológicos adotados, a saber, Bakhtin (2003), Vigotski (2004) e Benjamin (1994). O campo-tema de pesquisa foi constituído pelo acompanhamento e participação em atividades relacionadas às oficinas de teatro ministradas na Organização Não Governamental e Centro de Convivência e Cultura Instituto Arco-Íris de Direitos Humanos - criação de peças, ensaios e apresentações -, bem como outras atividades relacionadas à arte, como saraus, comemorações de aniversário, chá de bebê e outros para os quais fui convidada pelas/os participantes da pesquisa. Somaram-se a essas atividades andanças pelas praças e ruas no entorno do Instituto nas quais encontrava algumas das pessoas que contribuiriam com o processo. Além dessas atividades, foram realizadas no decorrer da pesquisa entrevistas com 11 PSR envolvidas com o processo de criação e apresentação das peças teatrais.

Para a construção da narrativa que ora apresento, revisei o diário de campo em que registrei, durante 10 meses do ano de 2019 em que realizei as atividades mencionadas, aproximadamente quatro vezes por semana e quatro horas por dia, sensações, acontecimentos que me chamaram a atenção, dúvidas, inquietações no findar de cada encontro, bem como as reminiscências desses acontecimentos.

O diário de campo, um caderno que quase cabe na palma da minha mão, tornou-se um companheiro das idas e vindas do processo, geralmente aberto minutos ou horas depois dos encontros, dando alento às minhas angústias na medida em que nele eu as objetivava em forma

de palavras; dando calma quando ávida eu me senti para realizar os registros do que mais havia me marcado, ou algum desespero ao fitar-me com as páginas em branco nos dias em que tanto acontecia que eu demorava a saber por onde começar a narrar. O caderno novo e com quase nenhuma marca de uso se transformou em um caderno gasto, com rasgos nas laterais da capa, páginas amareladas e preenchidas por escritos com letras tortas e tremidas devido ao movimento do ônibus que me levava do centro da cidade para a universidade; nesse caderno foram grafadas também algumas notas e lembretes, trechos de leituras e desenhos. Trata-se de um compilado de vestígios e criações advindas destas afecções que compuseram o pesquisar. Como meu caderno/diário de campo, eu também ganhei marcas. Elenco a seguir algumas destas marcas que passaram a constituir meu corpo nas transformações oriundas dos encontros que edificaram a pesquisa, aceitando os rumos que delas se fizeram possíveis, permitindo-me ser levada pelas discussões que aqui se desenvolvem, conforme apresento a seguir.

Cicatriz 1: A cidade como potência de encontro

Constituída de cimento e memórias, rastros e evidências, corpos e seus movimentos, a cidade é viva. Sua arquitetura e suas fronteiras nos dizem sobre as forças que nos impulsionam a determinados espaços e modos de vida e delas são também resultado; através dos movimentos de conformidade ou contraponto a estas forças, empreendidos pelos corpos que nela habitam, a cidade pulsa (Flach & Paulon, 2019; Torres, 2019; Machado & Linhares, 2018; Zanella, Brito, Carvalho & Rozenfeld, 2014; Hissa & Nogueira, 2013; Nogueira, 2009).

É neste/com este lugar “de encontros e confrontos, e potência de relações, de negociações, de conflitos, de evidências e restos” (Assis & Zanella, 2016, p. 195), que vivemos e nas possibilidades de alteridade que ele nos proporciona que existimos, seja em conformidade

com discursos hegemônicos, seja estranhando-os, confrontando-os, tensionando-os. A cidade pode ser potência de encontro com um outro, com o contexto e com nós mesmos, mas em que medida permitimos que esses encontros aconteçam e constituam experiências? Permitimos que a experiência do encontro com a alteridade aconteça e produza cicatrizes em nossos corpos?

“Fui ao Centro meio correndo como estratégia de driblar minha ansiedade, acho que acabei foi pegando carona com ela. Atravessei a cidade em piloto automático como talvez seja o costume para a maior parte das pessoas. Cheguei à Praça XV e virei na Rua Tiradentes, me perguntei sobre tudo o que já passou por aquela rua. Caminhei até o Arco-Íris na esperança de estar acontecendo a oficina de teatro, ao invés disso encontrei um colega do curso de psicologia, ele me contou sobre seu novo estágio e entramos no instituto” (Diário de Campo, 2019)

Percebo através desse relato que, apesar de já realizar reflexões sobre a experiência a partir de Benjamin (1994), caí na armadilha de atravessar a cidade me privando de experienciá-la e me demorar com ela. Quase próximo ao destino permiti-me abraçar a captura da pergunta do que já se passara na rua em que frequentei regularmente ao longo da realização da pesquisa e com quem encontrei muitos dos meus parceiros deste trabalho.

A Rua Tiradentes localiza-se em uma das partes mais antigas que constitui o centro fundador da cidade de Florianópolis/SC, chamada de “área leste da praça” ou “Pedreira”, e, devido às mudanças no eixo de urbanização na área e desativação do antigo terminal municipal de ônibus, passou por processos de degradação e abandono se comparada à área oeste da Praça XV de Novembro (Nór, Cavanus & Souza, 2018). A área que já foi considerada como um “bairro sujo”, de cortiços, lavadeiras, marinheiros e “gente de má fama” (ibid; Cabral, 1979), concentra edifícios antigos, atividades de comércio popular, bares que se estendem com suas cadeiras para as calçadas e que organizam algumas programações musicais como, por exemplo, uma roda de samba que ocorre aos sábados junto à feirinhas de antiguidades e outros artefatos. Mulheres de má fama eram aquelas que desviavam de normativas tidas como ideais para a

condição de mulher, como a maternagem e o casamento, sendo vistas como indignas, sujas e imorais.

Ao passo que escrevo e reconstituo, com o apoio da imaginação, lembranças no/com o lugar, relembro as outras maneiras de viver meu corpo no encontro com o corpo da cidade que foram propiciadas pelo encontro com as pessoas com quem realizei a pesquisa, como registrei no excerto do diário de campo que apresento a seguir:

“Kvera e Omar Jabal, homens cis gênero e brancos de 42 e 56 anos, disseram-me que queriam fazer a entrevista juntos, respondi que não havia problema, pois queria que se sentissem à vontade para viver esse momento da forma que achassem melhor. Separei os papéis e documentos relativos ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que lêssemos juntos, mas antes perguntei onde eles gostariam de realizar a entrevista. Kvera respondeu para irmos para o ‘paredão’, ao que Omar concordou prontamente ‘boa, vamos para o paredão’, assenti com a escolha, mesmo não fazendo ideia do que era este lugar. Caminhamos em direção ao então Paredão e, no caminho, enquanto atentava aos detalhes das árvores iluminadas pelo dia ensolarado ainda que tímido pelas nuvens, flagrei-me em um nervosismo, senti as mãos frias, pois era a primeira entrevista da pesquisa que eu realizava, estava animada e sentia uma euforia no corpo. Fui surpreendida quando Omar confessou rindo: ‘puts, tô até nervoso’,

A escolha de irmos ao “paredão”, localizado no centro da praça Tancredo Neves, pareceu reconhecer o caráter de importância da entrevista para nós três. Além da expectativa com a entrevista, eu não tinha ideia do que era o "paredão". O nervosismo, as mãos frias, pareciam conectar-se com um sentido para essa palavra, a remeter mais a uma condição do que a um lugar propriamente. Sentia-me em um paredão. Era chegada a hora de me posicionar, fazer as perguntas norteadoras pensadas meses antes, antes mesmo de os conhecer; me perguntei se não seria eu a entrevistada, se eu seria colocada no paredão.

Mais tarde, percebi que se tratava, o lugar, de uma obra de arte no estilo mosaico intitulada “Santa Catarina de Alexandria”, do artista, Rodrigo de Haro²³. A obra retrata a santa que dá nome ao estado na qual se encontra: Santa Catarina. Embora marcada pela perspectiva religiosa que a intitula, a perspectiva do artista se afasta daquela relativa ao belicismo medieval assentada na binariedade Bem e Mal, conforme discorre Luana Wedekin:

Sua perspectiva aproxima-se mais da abordagem do historiador alemão Aby Warburg, da imagem como encruzilhada de culturas e tempos. Aliás, o artista, devoto declarado da santa, dedicou inúmeras pinturas, algumas em coleções privadas; mas igualmente importantes obras legadas ao povo catarinense através de mosaicos em lugares públicos, como a bela obra na Praça Tancredo Neves (conhecida como Praça dos Três Poderes), em Florianópolis. Rodrigo de Haro oferece a imagem e a oração da santa à devoção do povo catarinense, que pode então louvar a padroeira do estado e protetora dos *navegantes, dos artesãos, das rendeiras, dos trabalhadores com rodas, das costureiras e daqueles que consultam as estrelas* (GOUGON, 2003) (Wedekin, 2019, pp.122 e 123)

A escolha das pessoas com quem pesquisei pelo paredão como local para a realização das entrevistas me levou, de um modo diferente do planejado, ao encontro com a arte na cidade e a experienciar a praça na qual a obra está localizada de um modo que na velocidade da vida cotidiana até então não havia sido possível. Fui mobilizada, a partir deste encontro, a refletir sobre os sentidos e usos possíveis do espaço público empreendido por Omar Jabal e Kvera, que transcendem e subvertem os modos de viver a cidade pautados pela lógica do consumo e pela velocidade da vida contemporânea.

Cicatriz 2: Algumas reflexões sobre o feminismo que pulsa nas ruas

²³Rodrigo de Haro foi um poeta, intelectual, pensador, mosaicista e artista multifacetado brasileiro e habitante da cidade de Florianópolis, na qual deixou obras públicas no estilo mosaico como a “Nossa Senhora da Esperança” (1998), localizada na Avenida Gama Deça, e A Cor da Nossa Tela (construído entre 1997 e 2000), localizado na parte externa do prédio da reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aline Salles é uma mulher negra cisgênero de 35 anos que integra o Movimento População de Rua de Santa Catarina e foi uma das criadoras e protagonistas da peça de teatro “Saga Por Um Banho”, apresentada em 2018 e 2019 na cidade de Florianópolis/SC por pessoas em situação de rua. Atualmente é também coordenadora do Voz das Manas, um coletivo feminista de fortalecimento e vínculo de mulheres em situação de vulnerabilidade criado no ano de 2021.

Ao longo dos ensaios e encontros que constituíram o campo da pesquisa, Aline Salles levantou questões sobre as mulheres em situação de rua que me afetaram e levaram a refletir acerca dos feminismos com os quais tive contato na forma de leituras, aulas, encontros e práticas, conforme apresento no trecho do diário de campo a seguir:

“No caminho, penso muito na Aline. Leio no ônibus uma reportagem da Revista Piauí sobre feministas brasileiras em Portugal e lembro de uma das falas inseridas pela Aline na peça: ‘você sabia que não há políticas públicas para mulheres em situação de rua?’. Pergunto-me sobre as demandas das mulheres, penso na Aline, na Débora, na Jeniffer e em todas as mulheres que em algum e/ou nesse momento fazem das ruas sua moradia” (Diário de Campo, 2019).

Aline Salles (2019) levanta uma questão que diz respeito a todas as mulheres: trata-se da importância de políticas públicas voltadas a elas, com destaque para a condição de situação de rua vivida e/ou aquelas que podem vir a viver. Políticas públicas pressupõem um determinado sujeito, não o é diferente para as políticas neste caso, há um sujeito mulher implícito que constrói estas políticas e também é por elas constituído.

Luana Malheiro (2020) questiona sobre a condição de ser mulher que estavam sujeitas suas parceiras de pesquisa, mulheres usuárias de crack, bem como o acesso às políticas públicas por parte de mulheres em situação de rua e/ou usuárias de drogas. O motivo de tal questionamento foi o relato de uma de suas parceiras de pesquisa, Janete, que conta que estava em situação de rua com a filha e o marido e sofrendo ameaças por parte do mesmo. Com medo,

Janete se direcionou a uma delegacia da mulher para prestar queixa e conta que foi maltratada, pois queria falar das ameaças enquanto a delegada lhe questionava se ela era usuária de crack, que não devia andar em certos lugares e que a casa de abrigo não lhe era uma opção, não seria permitida sua entrada por estar em situação de rua e ser usuária. Janete se questiona no relato trazido por Malheiro: “aquela não era uma delegacia para mulher? Então eu sou menos mulher? Não sou mulher não?” (Malheiro, 2020, p.237).

Segundo Malheiro (2020), a vivência de Janete nos auxilia a compreender os limites práticos de uma lei criada considerando a violência vivida por uma mulher pretensiosamente “universal” que possui domicílio, a qual produz barreiras no acesso a determinados equipamentos de proteção. A negação e negligência por parte de serviços públicos às mulheres em situação de rua, bem como violências cometidas por instituições e policiais são também discutidas por Clarissa de Antoni e Aline Munhós (2016).

Recordo-me de uma das falas de Débora da Silva, mulher parda de 22 anos, ao referir que é preciso ser como um cara para ser mulher na rua. Anotei em diário de campo minha insatisfação em relação a não ter perguntado o que ela quis dizer com essa afirmação, quis retomar o diálogo em outro dia, mas não consegui. Fiquei com essa frase ressoando: “pra ser mulher na rua é preciso ser como um cara”: seria corresponder aos comportamentos e práticas comumente associadas aos papéis de gênero performados por homens? Realizar uma performance de gênero masculina?

Algumas estratégias de proteção no contexto da rua adotadas por mulheres são discutidas por pesquisadoras, como vincular-se a uma figura masculina na rua e a união feminina com outras mulheres em situação de rua como o uso de drogas para não dormir e se sentir “valente” (sic) (Sanchotene, Antoni, Munhós, 2019); travestir-se (Frangella, 2004); criar relações que as amparem, já que sozinhas sentem-se mais vulneráveis (Rosa e Brêtas, 2005).

Em pesquisa que investigou, a partir de depoimentos de mulheres em situação de rua, as concepções sobre ser mulher neste contexto, Iulla Sanchotene, Clarissa Antoni e Aline Munhós (2019) observaram que parte das entrevistadas consideraram o abuso conjugal como principal motivo de abandono e fuga de suas casas. Já no estudo de Júnia Quiroga e Marina Novo (2009), as principais razões da ida às ruas relatadas pelas mulheres participantes da pesquisa foram, em ordem decrescente, a perda da moradia, seguida de problemas familiares, alcoolismo, drogadição e desemprego.

Para Quiroga e Novo (2009), a principal razão apontada ser a perda da moradia demonstra que para as mulheres a vida nas ruas configura uma última opção, diferente da perspectiva de noção de liberdade frisada por homens em situação de rua. Sanchotene, Antoni e Novo (2019), por sua vez, discutem que as mulheres participantes da pesquisa buscaram a rua como fuga de violências várias no âmbito doméstico, e, por outro lado, reencontraram outras violências. A violência sexual na rua, por exemplo, foi assistida ou sofrida por todas as participantes do estudo citado.

Interessante ressaltar que, diferentemente do que comumente se encontra acerca da violência contra a mulher, relacionada à violência realizada por cônjuge ou familiar, as violências relatadas por mulheres em situação de rua, além da conjugal, tem como autores também homens desconhecidos com quem não têm relações afetivas (Sanchotene, Antoni, Munhós, 2019).

Sobre a presença de mulheres em situação de rua, vemos que os números apontam uma discrepância da presença de homens em situação de rua comparados aos de mulheres. De acordo com o I Censo e Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua (Secretaria de Administração e Gestão da Informação - SAGI - MDS, 2009), de todas as pessoas entrevistadas, 82% eram homens (equivalente a 22.669 pessoas) e 18% mulheres (equivalente a 4.964). Já na Grande Florianópolis, o número de mulheres em situação de rua corresponde a 20,55% e sem

gênero a 1,60% comparado a 77,83% de homens, de acordo com pesquisa realizada em 2017 que contabilizou 934 pessoas entrevistadas²⁴.

Podemos pensar, dentre tantos fatores, acerca das condições de possibilidade para a vida das mulheres na rua que diferem das dos homens em variadas intensidades, pois é preciso olhar o gênero, mulheres cis e transgêneros, de uma maneira interseccionalizada com a raça, etnia e classe. Historicamente o espaço público e da rua foi constituído predominantemente pelos homens (Novaes, 2015), a dimensão pública não era destinada às mulheres e as mulheres que desobedeciam esta normativa eram vistas como “mulheres de má fama”. Para Quiroga e Novo (2009), as situações cotidianas que envolvem o corpo, a sexualidade e cuidado dos filhos, bem como a necessidade de lidar com estereótipos normativos em torno da figura da mulher como mulher-cuidadora, do lar e mãe, contribuem para um número expressivamente menor de mulheres em situação de rua em relação a homens.

A cicatriz do encontro com as mulheres que participaram da pesquisa foi constituída, dentre outras afecções, por ter presenciado recorrentes situações conflituosas e de silenciamento de Aline com o companheiro nos ensaios da peça de teatro que frequentei ao longo da pesquisa e o sentimento de impotência que me marcava e incomodava nestes momentos, conforme apresento no trecho do diário de campo a seguir:

“Em dado momento, ele gritou com a Aline um ‘Pô, Aline!’. Não me contive e interfeiri falando “nossa, mas eu nem ouvi a voz da Aline”. E ele me respondeu ainda em gritos ‘ela tá resmungando ali, eu não tô ficando louco!’. Aline, dessa vez, respondeu ‘não grita comigo!’, em seguida chamando ‘Carol!!’, parecia um pedido de que ela intervisse, Carol fez uma cara de impaciência e me olhou como se pedisse a mim uma intervenção ou algo que o valha. Não soube o que fazer, olhei pra cada rosto pensando no contexto de cada história que ali acontecia, sentia-me incomodada demais para não dizer nada, e estrangeira demais para fazer alguma coisa” (Diário de Campo, 2019).

²⁴ Disponível em <http://www.icomfloripa.org.br/wp-content/uploads/2017/07/Diagn%C3%B3stico-Social-Participativo-da-Popula%C3%A7%C3%A3o-em-Situa%C3%A7%C3%A3o-de-Rua-na-Grande-Florian%C3%B3polis.pdf>

O encontro do meu lugar como mulher, branca e domiciliada no encontro com essas outras mulheres me revelou as consonâncias, divergências e contrastes em relação às vivências de cada uma de nós. Inquietações. Incômodo. Impotência. Enquanto discutia e lutava pela descriminalização e legalização do aborto como tantas mulheres na América Latina e no mundo, encontrei, com a pesquisa, mulheres cuja pauta de luta é o direito à maternidade²⁵, como citado por Débora da Silva, que viveu parte de sua gravidez nas ruas, sendo o medo de ser destituída do direito de maternar a filha uma constante, e o desejo de se aproximar dos filhos, citado por Aline Salles.

²⁵ A relação com os filhos como um fator de proteção da vida das mulheres em situação de rua, foi discutida por Sanchotene, Antoni e Munhós (2019). Sobre direito à maternidade e mulheres em situação de rua, ver Santos, Baptista e Constantino (2021).

Cicatriz 3:



Fonte: arquivo da pesquisadora

O título desta última cicatriz é esta colagem realizada com fotografias dos figurinos confeccionados por pessoas que atuaram na peça “Saga Por Um Banho”, incluindo eu. O convite para que integrasse o grupo de apresentação da referida peça de teatro ocorreu no dia em que me apresentei ao grupo, em agosto de 2019: tímida, falei nesse dia sobre minha pesquisa, sobre o interesse pela peça que havia assistido em 2018, e que sabia que seria apresentada novamente ainda naquele ano.

Apesar de já ter frequentado algumas atividades abertas à comunidade no Instituto Arco-Íris, minha chegada ao grupo de teatro não foi tão fácil ou simples, conforme apresento a seguir:

Cheguei ao Arco-Íris animada e com frio na barriga, pois estava mais segura para me apresentar como pesquisadora em psicologia social e arte ao grupo após uma conversa com minha orientadora. Avistei da janela, cerca de seis pessoas em roda, cada uma com um papel na mão. (...) Vou até a porta e tento abrir, percebendo que estava trancada. Retornei à frente do prédio do instituto e me sentei em um degrau de um prédio do outro lado da rua, onde dois rapazes conversavam. Um dos rapazes me perguntou se o Arco-Íris estava fechado, respondi que sim e ele respondeu que gostaria de ir ao banheiro. Depois de um tempo, levantei-me de novo até a porta e percebi um papel grudado do lado de fora escrito “fechado” (Diário de Campo, 2019)

“Fechado”. Aquela palavra caiu como uma faca que fatiou meu ânimo e multiplicou o nervosismo. “Fechado” para minha entrada, para o interesse, pesquisa e participação. “Fechado”. O que eu iria fazer? Como poderia me aproximar quando à minha frente encontrei a porta trancada com a palavra grafada à mão em letras maiúsculas: “FECHADO”? Retornei ao lugar que estava sentada e decidi esperar até o fim do ensaio, imaginando que poderia conseguir o contato com alguém quando deixassem o prédio do instituto. Readequei minhas expectativas de chegada ao grupo, consegui me acalmar e percebi que eu precisava ter paciência. Então pacientemente permaneci ali à espera de uma oportunidade, uma brecha a partir da qual minha entrada fosse possível.

Após algum tempo, uma moça abriu e o rapaz que falou comigo correu para lá, permaneci olhando e pensando se eu iria até lá, a palavra “fechado” ainda estava sobreposta como um muro à minha frente.

“Vi que o rapaz apontou pra mim dizendo alguma coisa para a moça, provavelmente que eu gostaria de entrar também, ela me fez um sinal com a mão para que eu me aproximasse. Sem perguntar nada ela apenas caminhou comigo até a sala onde estavam

reunidos, percebi que o papel que todos seguravam na mão era o roteiro” (Diário de Campo, 2019)

Após me apresentar com muita timidez, disse que a orientadora da minha pesquisa era a mesma de Aline Sicari, que provavelmente eles conheciam, uma dica dada pela própria orientadora como possibilidade de me aproximar. Aline Salles, citada no tópico anterior, me olhou abrindo um largo sorriso respondendo afirmativamente, provavelmente decorrente do vínculo afetivo que criaram. Fiquei feliz, de alguma forma senti uma brecha a partir da qual a minha existência com o grupo tornou-se possível. Fui convidada para sentar junto e assim o fiz. Não tinha o roteiro em mãos, fiquei atenta à leitura que realizavam, em dado momento começaram uma música que eu conhecia, não hesitei em cantar junto. Talvez por isso, por me mostrar junto, um dos participantes me olhou e riu contando que confundiu e quase me chamou pelo nome de outra participante do grupo que não estava ali. Eu ri e disse que, se fosse necessário e do interesse do grupo, poderia fazer o papel dela já que ela não estava presente naquele dia. E a conversa sucedeu de maneira mais séria:

Ele desfez o sorriso e me perguntou com o semblante mais sério se eu realmente poderia apresentar e ensaiar com elas e eles, eu prontamente respondi que sim. Parecendo não acreditar muito ele perguntou de novo: “você teria disponibilidade? Poderia apresentar no dia com a gente?”, sendo reforçado pela Carol, ministrante das oficinas de teatro e então diretora da peça: “você pode ensaiar na segunda e na sexta?” Ao que eu continuei afirmando que sim (Diário de Campo, 2019)

Em seguida, o mesmo participante²⁶ fez uma fala de que era preciso valorizar quem estava ali, dizendo ao grupo: “a Amanda não nos conhece e nós não conhecemos a Amanda, mas ela tá aqui”, e checkou com o grupo se todos estavam de acordo com minha participação, ao que todas/os consentiram. A palavra “fechado” que inicialmente me paralisou deu lugar,

²⁶Não o identifiquei, pois devido a algumas intercorrências a entrevista com este participante foi impossibilitada e não foi possível encontrá-lo para que me autorizasse sua identificação.

com o acontecimento aqui narrado, à possibilidade de estar junto; o muro antes sobreposto mostrou-se com uma porta e essa porta foi aberta pelo grupo diante da minha presença.

A alegria instantânea que emergiu com o convite deu lugar a um estremeamento diante dos desafios que rapidamente se mostraram, conforme conto a seguir:

Disseram que eu poderia ser a policial que bate nos moradores de rua, que acham que podem fazer o que entendem com homem e mulher de rua. Pensei: “puts, isso pra mim será um desafio, atuar como aquela que faz uma violência que eu tanto repudio, que tanto me revolta e inquieta”; mas não falei nada. Se fosse preciso ocupar essa personagem, eu a faria (Diário de Campo, 2019)

Ao mesmo tempo em que produziu inquietação, a proposta elucidou meu lugar ali: eu estava junto, mas não era “uma delas/es”, e iria representar justamente os autores de violência contra elas/eles. Por mais engajada com a atividade e com o trabalho com o grupo, existiam limites: eu estava “dentro”, mas também estava “fora”, afinal, eu não era uma pessoa em situação de rua, nem nunca tinha sido. Se por um lado eu não era uma pessoa em situação de rua, também não era uma trabalhadora do Instituto Arco-Íris; além dos desafios de me apresentar e adentrar o contexto do grupo, havia também o contexto daqueles que trabalhavam no Instituto, conforme relatei em diário de campo:

A Carol me convidou para tomar uma cerveja e conversar no bar em frente e eu fui, pois queria me aproximar dela também. Ela me contou sobre sua pesquisa de doutorado em teatro e, em seguida, sobre os desafios enfrentados no trabalho com o grupo para a criação e apresentação da peça de teatro: as brigas e desentendimentos, o uso de drogas, a dificuldade de reunir todas/os para o ensaio, entre outros. Achei relevante lembrar com ela o que havia dado certo naquele dia: o ensaio que aconteceu, a leitura de uma boa parte do texto, etc. Ainda estava muito tímida e logo me despedi dela e do amigo que se juntou a ela, me despedi dizendo “conte comigo” ao que ela respondeu “a gente vai se conhecendo”. Pensei: é... ela não me conhece, por que confiaria em mim? Ao mesmo tempo também pensei: por que, de antemão, ela não confiaria? (Diário de Campo, 2019)

Eu era pesquisadora e tinha muitas inquietações: como habitar esse lugar? Que lugar é esse? Ao mesmo tempo em que me questionava, assumia o movimento de me disponibilizar ao

grupo e à ministrante da oficina de teatro. Esses questionamentos me acompanharam ao longo da realização da pesquisa e se assentaram na medida em que o vínculo se fortaleceu, dando espaço para outros. Percebi que me “misturei” ao território mergulhado e não fiz o movimento de ter um p[er] dentro e outro fora, “estar lá e estar aqui” (Geertz, 1998). Acreditei que tinha este cuidado, mas hoje desconfio que só consegui tirar algum “pé fora” quando fui obrigada a finalizar a realização do campo de pesquisa com o início da pandemia da COVID-19. A partir desse momento pude realizar a revisita aos registros em diário de campo e reconhecer o lugar que eu ocupava.

A assunção de um movimento de exotopia (Bakhtin, 2013; Amorim, 2006), de aproximação e conexão com as experiências e participantes da pesquisa, seguido do distanciamento a partir do qual significo meu próprio olhar e valores, é fundamental. Revisitar os registros em diário de campo, analisar os encontros tecidos e escrever os artigos que constituem a dissertação implicou em reconhecer-me no processo de me constituir enquanto pesquisadora.

O excerto que apresento a seguir evidencia como minha relação com as pessoas participantes da pesquisa se caracterizou ao longo do processo: mergulhei, era chamada a compor junto a partir do que era possível, participei da realização da trilha sonora junto à pessoa musicista que também estava em situação de rua (Ricardo, de 32 anos, branco não binário), ocupei um lugar de partícipe ativa do processo, pois criava também.

Todos estavam imersos em suas produções de figurinos, a Carol levantou a cabeça e me olhou, mas logo em seguida se distraiu em outra atividade. Decidi deixar de lado também.

Cada um estava colocando um pouco mais de si no seu figurino: o Kvera recortava uma caveira para colar no seu figurino, o Omar Jabal colava o símbolo do grêmio e uma foto do Albert Einstein de língua pra fora, ganhada do Kvera. A Débora colava algumas embalagens de produtos de higiene. A Aline me pediu ajuda para escrever em seu figurino “Lute como uma garota”. Toda movimentação me deixou instigada, adorei ver como cada um compunha seu figurino que ao longo dos ensaios sempre foi apenas um pano grande, cinza e grosso que lembrava um cobertor. Passeava de um a um, curiosa

com o que cada um estava criando. Me perguntei se eu também não customizaria em nada o meu figurino, peguei uma revista e folheei na busca de alguma ideia, mas nada me vinha. Vi uma imagem de um polvo e lembrei de uma brincadeira de palavras que fizemos em um dos ensaios falando: “povo da rua, polvo da rua, polvo da lua”, recortei o polvo e coleí em meu figurino. Refleti sobre meu próprio lugar ali, como pesquisadora e participante: o que significava minha presença ali? O que eu poderia colocar de mim em meu figurino? Escrevi “psico em luta”, era o que fazia sentido pra mim naquele momento... Omar Jabal e Aline Salles chegaram curiosos para ler o que eu escrevia, a Aline disse: “Ah é, tu é Psicóloga, né? Baita psicóloga”. Perguntei o que fazia ela pensar isso, ao que ela me respondeu: “ah porque tu também é bem doidinha, todos os psicólogos que vem aqui eu acho que são”. Eu ri e também tomei como elogio: interpretei que, de algum modo, ser “doidinha” era ser fora de um padrão hegemônico atrelado a uma imagem de profissional da psicologia (Diário de Campo, 2019)

A relação que construí com as pessoas com quem pesquisei talvez tenha contribuído para que fosse esquecida, em alguns momentos, minha condição de psicóloga e pesquisadora, como se percebe a partir da pergunta de Aline Salles: “Ah é, tu é psicóloga, né?”. Retomo a partir desse trecho a imagem-título desta cicatriz. O cinza dos cobertores, signo que se apresenta como identificador das pessoas em situação de rua e que os aquecem nos dias frios, tornou-se um fundo, suporte para a criação. Dentre os materiais disponíveis, cada figura, forma, cor ou frase foi cuidadosamente escolhida por cada participante do processo e também por mim. No cinza inscrevemos em alguma medida nossas existências, no rearranjo e junção dos elementos eleitos, de modo que cada um se reconheceu na sua própria criação, na sua colagem.

Ao passo que transformamos os cobertores, inscrevendo nossas criações, inscrevemos também a nós mesmos como sujeitos criadores. A relação com a arte e com a vida mobilizou a criação e transformação de cada um/a e da realidade, na medida em que (re)organizamos pensamentos, sentimentos e experiências, objetivando-os (Vigotski, 1999; Vigotski, 2001) na forma de colagens sobre o cinza dos cobertores.

O processo de criação no grupo, através dos encontros uns com os outros, criou condições de possibilidade de se reinventar e de vir a ser outras/os, de objetivar-se e se reconhecer a si mesmo como artista, como pessoas que se expressam no mundo e no mundo

deixam suas marcas, coloridas e de formas variadas, no cinza do asfalto, no cinza do cobertor, cinza das violências institucionais, estruturais e advindas de um sistema capitalista de exploração e produção de desigualdades.

O processo de pesquisar, como um processo de criação ético, estético e político (Zanella e Sais, 2008), nesse contexto e com essas pessoas, possibilitou transformações em mim na medida em que me proporcionou experienciar a cidade de outras maneiras, de me relacionar com os debates em torno dos feminismos com novos olhares e me constituir como pesquisadora a utilizar a experiência e a narrativa como artefatos políticos no pesquisar (Mizoguchi, 2015). Reconhecendo a mim enquanto pesquisadora em inacabamento num mundo complexo também inacabado, as cicatrizes que aqui apresentei sinalizam histórias, afetos e possibilidades de vir a ser.

Considerações Finais

O objetivo deste artigo foi narrar algumas experiências ao longo de uma pesquisa de mestrado que teve como foco as vivências estéticas com pessoas em situação de rua através do acompanhamento e participação de uma peça de teatro criada e protagonizada pelas mesmas. Essas experiências se presentificaram na forma de cicatrizes, que não só revelam os rumos de uma pesquisa marcada por afetos, visões de mundo, valores e comprometimento com as pessoas envolvidas, como também anunciam os caminhos outros que poderiam ter sido trilhados e que se apresentam, quiça, como suporte para a realização de pesquisas futuras.

O espaço da cidade com o paredão-obra de arte; os desafios, estratégias e lutas das mulheres em situação de rua; e a minha própria constituição de pesquisadora na relação com as pessoas envolvidas e contexto pesquisado, não estavam previstas como foco de discussão da

pesquisa quando esta foi pensada e planejada na forma de projeto. As temáticas que constituem este artigo emergiram das relações estabelecidas com as pessoas participantes da pesquisa circunscrita pelas condições em que os sentidos foram coletivamente produzidos, bem como pelos limites e possibilidades do contexto histórico e cultural em que esta ocorreu e as escolhas que fui fazendo no calor dos encontros.

A assunção do pesquisar como experiência a ser também analisada, juntamente com as relações construídas com os participantes do processo, foi o que possibilitou, a partir das afecções e afetos destas advindas, a narrativa que busquei apresentar. Quem sabe esta narrativa venha a se tornar, como cita Benjamin (1994, p. 221), “um produto sólido, útil e único” no encontro com cada leitora ou leitor que se disponha a escutá-la. Quem sabe o que aqui foi narrado possa vir a ser incorporado, de alguma maneira, às experiências que carrega aquela/e que a lê, assim como eu as carrego em minha trajetória de vida. Quem sabe...

Referências

- Amorim, M. (2016). Cronotopo e Exotopia. In: Brait, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave* (95-114). São Paulo, Brasil: Contexto.
- Assis, N. & Zanella, A.V. (2016). Lixo: outras memórias da/na cidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v.28, p.195-203.
- Bakhtin, M. (2013). Problemas da poética de Dostoiévski. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.
- Bakhtin, M. (2003). Metodologia das ciências humanas. In: Bakhtin, M. *Estética da criação verbal* (393-410), São Paulo: Martins Fontes.
- Benjamin, Walter. (1994). *Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas*; v. 1. São Paulo: Brasiliense.
- Cabral, O. R. (1979). *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

- De Antoni, C.; Munhós, A. A. R. (2017). As violências institucional e estrutural vivenciadas por moradoras de rua. *Psicologia Em Estudo*, 21(4), 641-651. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i4.31840>
- Flach, Guilherme Augusto, & Paulon, Simone Mainieri. (2019). Da impossibilidade de conter: intervenções urbanas e produção de subjetividade em Porto Alegre. *Horizontes Antropológicos*, 25(55), 291-317. Epub December 02, 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832019000300011>
- Frangella, S. M. (2004). *Corpos urbanos errantes: Uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo* (Tese de doutorado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, SP, Brasil).
- Ganegbin, J. M. (2018). *Walter Benjamin: Os Cacos da História*. São Paulo: N-1 Edições.
- Geertz, C. (1998). O dilema do antropólogo entre "estar lá" e "estar aqui". *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 7(7), 205-235. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v7i7p205-235>
- Groff, Apoliana Regina, Maheirie, Kátia, & Zanella, Andréa Vieira. (2010). Constituição do(a) pesquisador(a) em ciências humanas: Constitution of the researcher in human sciences. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(1), 97-103. Recuperado em 07 de maio de 2022, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672010000100011&lng=pt&tlng=pt.
- Hissa, C. E. V. & Nogueira, M. L. M. (2013). CIDADE-CORPO. *Rev. ufmg*, Belo Horizonte, 20(1), 54-77.
- Larrosa, J. (2015). *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Machado, V. A. S., & Linhares, V. L. (2018). Corpo e subjetividade: espaços e experiências. *Scripta*, 22(44), 45-56. <https://doi.org/10.5752/P.2358-3428.2018v22n44p45>
- Malheiro, L. S. B. (2020). *Tornar-se Mulher Usuária de Crack: trajetórias de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas*. Rio de Janeiro: Telha.
- Mizoguchi, D. H. (2015). Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa. *ECOS- Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 5(2).
- Nogueira, M. L. M. (2009). Subjetividade e materialidade: cidade, espaço e trabalho. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(1), 69-85. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000100006>
- Nór, S. ., Cavanus, A. V. ., & Araújo de Souza, G. R. F. . (2018). O Instituto Arco-íris e uma crítica ao Projeto Urbano em Florianópolis. *arq.Urb*, (21), 76–88. Recuperado de <https://revistaarqurb.com.br/arqurb/article/view/86>
- Novaes, E. D. (2015). Entre o público e privado: O papel da mulher nos movimentos sociais e a conquista de direitos no decorrer da história. *História e Cultura*, Franca, SP, 4(3), 50-66. <https://doi.org/10.18223/hiscult.v4i3.1691>
- Pereira, M. V. (2012). O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pro-Posições*, 23(1), 183-198.

- Quiroga, J.; Novo, M. (2009). Elas da Rua: População em Situação de Rua e a Questão de Gênero. In: Cunha, J. V. Q. da; Rodrigues, Mônica. (org.). *Rua: Aprendendo a Contar. Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua*. Brasília: Brasil, 2009. p. [155-188].
- Rosa, A. S.; Bretas, A. C. P. (2005). A violência na vida das mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, SP, v. 19, n. 53, p. 275-285. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.022>
- Sanchotene, I. P., De Antoni, C., & Munhós, A. A. R. (2019). MARIA, MARIA: concepções sobre ser mulher em situação de rua. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), 18(1), 146-160. <https://doi.org/10.15448/1677-9509.2019.1.29297> Secretaria de Administração e Gestão da Informação - SAGI - MDS, 2009.
- Santos, N. A. dos, & Zanella, A. V. . (2021). Pessoas em situação de rua e o “centro do universo”: tensões entre a cidade planejada e a cidade praticada . *RUA*, 27(2), 239–264. <https://doi.org/10.20396/rua.v27i2.8667736>
- Santos, G. C., Baptita, T. W. de F. & Constantino, P. (2021). “De quem é esse bebê?”: desafios para o direito à maternidade de mulheres em situação de rua. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 37(5), 1-17. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00269320>
- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia e Sociedade* (Impr.); 15(2), 18-42, jul.-dez.
- Spinoza, B. (2016). *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Torres, N. P. (2019). Nem anônimas nem invisíveis: cidade e mulheres escritoras de graffiti. *Horizontes Antropológicos*. 25(55), 243-262. URL: <http://journals.openedition.org/horizontes/3828>
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *Criação e imaginação na infância*. São Paulo, Brasil: Ática.
- Vigotski, L. S. (2001). A Educação Estética. In: Vigotski, L. S. *Psicologia Pedagógica* (323-363), São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Zanella, A. V.; Sais, A, P. (2008). Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. *Análise Psicológica*, 26(4), 679-687.
- Zanella, A.V., Alves Brito, R. de V., Carvalho, R. e Rozenfeld, T. (2014). O projeto ArteUrbe: tecnologia e produção de subjetividade / ArteUrbe Project: technology and production of subjectivity. *Revista Polis e Psique*. 4, 3 (set. 2014), 217–233. DOI:<https://doi.org/10.22456/2238-152X.44998>.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada foi constituída no diálogo com pesquisadoras/es e autoras/es e se construiu com palavras, calor e afeto. Trata-se de “pesquisa-vida”, uma maneira particular e sensível de “produzir conhecimentos sobre o, com o e no vivido” (Zanella, 2020, p. 24). Ao longo da escrita busquei investigar a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro na cidade e dar visibilidade para o que se produziu via encontros que compuseram estas experiências e o próprio pesquisar, aquilo que nos transformou - a mim e às pessoas envolvidas -, afetou e mobilizou e que certamente nos acompanha na forma de marcas e cicatrizes como as que apresentei no terceiro artigo desta dissertação.

Objetivar o vivido na forma de escrita é tarefa difícil, envolve elaboração do que foi sentido na carne e alguns tormentos da criação (Vigotski, 2009). Revelam também as escolhas de um percurso, escolhas éticas e políticas balizadas pela própria condição e posição assumida para com o mundo, a vida, nas relações e na ciência.

Analisar a experiência de pessoas em situação de rua com o teatro na cidade e viver com, tendo como guia as afetações que constituíram e mobilizaram o vivido, possibilitou discutir e conhecer de que modo têm sido estabelecidas as relações entre cidade, PSR e arte em produções divulgadas no Portal de Periódicos e banco de teses e dissertações da CAPES; analisar os sentidos atribuídos por PSR à criação e apresentação de peças teatrais no contexto urbano, a vida na rua e o olhar sobre si, a experiência estética e seus efeitos; debater temáticas que emergiram no calor dos encontros como o espaço da cidade como potência de encontros, os desafios e lutas das mulheres em situação de rua. Tratam-se de “pontos de chegada que imediatamente se pulverizam em múltiplas possibilidades de novas partidas” (Zanella, 2020, p. 23).

Esta pesquisa apresenta também lacunas, limitações e brechas que não foram exploradas e que podem, quem sabe, vir a ser. Dentre elas o próprio acontecimento das apresentações das peças de teatro, as relações com os espectadores, com a própria cidade, as tensões que se produzem neste encontro, entre outros.

Quem sabe o que foi produzido possa balizar pesquisas futuras, inspirar profissionais para a investida no trabalho com experiências estéticas na medida em que se apresentam significativas quando são oportunizadas possibilidades de criar e de se reconhecer no que se cria. Quem sabe possa contribuir para novos modos de olhar para a cidade e para as pessoas que habitam as ruas. Talvez estes sejam alguns desejos que comigo seguem neste encerrar, que o vivido aqui objetivado possa ressoar e reverberar em outros espaços e em outras pessoas, produzir novos movimentos nos campos da ciência-vida e arte.

8. REFERÊNCIAS

- Almeida, S. F. de; Junior, D. R. "Souza, R. P. (2016). A rua como espaço e tempo de possibilidades educativas. *Revista Inter Ação*, 41(2), 323-336. <https://doi.org/10.5216/ia.v41i2.40776>
- Amorim, M. (2016). Cronotopo e Exotopia. In: Brait, B. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave* (95-114). São Paulo, Brasil: Contexto.
- Arruda, A. E., Modesto, A. L., & Dias Júnior, C. S. (2018). Trajetória em narrativas: loucuras e a cidade de Belo Horizonte, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1201-1210. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018234.10722016>
- Assis, N. de. (2016). A Cidade Polifônica: indícios de memórias outr.as na paisagem. Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bakhtin, M. (2003). Metodologia das ciências humanas. In: Bakhtin, M. *Estética da criação verbal* (393-410), São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Bakhtin, M. (2013). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.
- Berri, B. Zanella, A. V. & Assis, N. de. (2015). Imagens da cidade: o projeto Arte Urbe. *Rev. Polis e Psique*, 5(2), 123-149.
- Borysow, Igor da Costa, Conill, Eleonor Minho, & Furtado, Juarez Pereira. (2017). Atenção à saúde de pessoas em situação de rua: estudo comparado de unidades móveis em Portugal, Estados Unidos e Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(3), 879-890. <https://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017223.25822016>
- Britto, Fabiana Dultra, & Jacques, Paola Berenstein. (2009). Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. *Fractal: Revista de Psicologia*, 21(2), 337-349. <https://dx.doi.org/10.1590/S1984-02922009000200010>
- Canevacci, M. (2004). *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo, Brasil: Studio Nobel.
- Carneiro, K. G. (2019). Perigosos ou úteis?: Os moradores de rua e a produção do espaço urbano em Belo Horizonte e Bogotá. *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, 19(1), 45-61. doi: <https://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2019.1.30907>
- Carreira, A. L. A. N. (2005). Reflexões sobre o conceito de Teatro de Rua. In: Telles, N. & Carneiro, A. (Org.). *Teatro de Rua: Olhares e Perspectivas* (20-38). Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais.
- Cartaxo, Z. (2009). Arte nos espaços públicos: a cidade como realidade. *O Percevejo*, periódico do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UNIRIO, 1(1), 1-16.

- Caruso, Haydée Glória Cruz. (2015). A ordem e a desordem de ontem e de hoje: notas etnográficas sobre a polícia na Lapa carioca. *Civitas*, Porto Alegre, 15(1), 66-83.
- Corrêa, J. K. (2009). O psicólogo de instituição socioeducativa para pessoas em situação de rua: um estudo sobre sua identidade. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em educação da Pontífica Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
- Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm
- Delfin, L., Almeida, L. A. M. de, & Imbrizi, J. M. (2017). A rua como palco: arte e (in)visibilidade social. *Psicologia & Sociedade*, 29, e158583. Epub July 10, 2017. doi:<https://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29158583>
- Delgado, Y. A., & Pereira, P. G. (2019). Uma antropologia do “fluxo”: reflexões sobre dependência no contexto do crack. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, 16(1), 121-142. doi:<https://doi.org/10.5007/1807-1384.2019v16n1p121>
- Faraco, C. A. (2009). *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo, Brasil: Parábola Editorial.
- Frangella, S. & Rui, T. (2017). Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade. *Política & Trabalho Revista de Ciências Sociais*, 47, 27-38.
- Freire, C. (2006). *Arte Conceitual*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Frehse, F. Da desigualdade social nos espaços públicos centrais brasileiros. (2016). *Sociologia & Antropologia*, 6(1), 129-158.
- Galvani, D. (2008). Pessoas em situação de rua na cidade de São Paulo: itinerários e estratégias na construção de redes sociais e identidades. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Ciências da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, Brasil.
- Gomes, R. de C. M. (2006). Gente-Caracol: A cidade contemporânea e o habitar as ruas. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.
- Hissa, C. E. V. & Nogueira, M. L. M. (2013). CIDADE-CORPO. *Rev. ufmg*, Belo Horizonte, 20(1), 54-77.
- Goffman, E. (1982). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Brasil: Zahar.
- Goldberg, R. (2006). *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo, Brasil: Lopes, João Teixeira. Andante, andante: tempo para andar e descobrir o espaço público. *Sociologia*, v. 17, n. 18, p. 69-80.

- Macerata, I., Soares, J. G. N., & Ramos, J. F. C. (2014). Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 18(Supl. 1), 919-930. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622013.0210>
- Machado, K.S, Simas, R.S. (2017). Redução de danos, insumos e experiência estética: uma análise da prática no consultório na rua do município do Rio de Janeiro. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.* Rio de Janeiro, 1(1): 67-83.
- Maraschin, C. (2004). Pesquisar e intervir. *Psicologia & Sociedade*, 16(1), 98-107.
- Oliveira, M. M. (2015). “Acham que brotamos das fontes dessa cidade?” Uma etnografia sobre o cotidiano de sobrevivência de pessoas em situação de rua em Natal/RN. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, Brasil.
- Oliveira, R. (2018). Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. *Saúde e Sociedade*, 27(1), 37-50. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170915>
- Pereira, M. V. (2012). O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. *Pro-Posições*, 23(1), 183-198.
- Pereira, A., & Dantas, B. (2018). Os laços entre memória e ideologia: as narrativas da população de rua. *Athenea Digital. Revista De Pensamiento E Investigación Social*, 18(3), e2083. doi:<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2083>
- Pimenta, C. A. M. & Alves, C. P. (2010). Políticas públicas & desenvolvimento regional. Campina Grande: EDUEPB.
- Rancière, J. (1996). *O desentendimento - política e filosofia*. Tradução de Ângela Leite Lopes. São Paulo : Ed. 34.
- Rancière, J. (2005). *A Partilha do Sensível: estética e política*. São Paulo, Brasil: Ed. 34.
- Rancière, J. (2010). Política da Arte. Tradução de Mônica Costa Netto. *Urdimento*, Florianópolis, 2(15), 45-59.
- Rancière, J. (2012). *O Espectador Emancipado*. São Paulo, Brasil: WMF Martins Fontes.
- Rosa, A. da S., & Brêtas, A. C. P. (2015). A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo, Brasil. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 19(53), 275-285. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0221>
- Santos, M. (2014). *Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Santos, H. V., Schicchi, M. C. da S. (2016). Os espaços públicos como unidade de preservação do patrimônio: estudo de caso de Barra Mansa, no Rio de Janeiro. *Arquitetura Revista*, 12(2), 165-174. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1936/193650603004.pdf>

- Sawaia, B. (Org.) (1999). *As artimanhas da Exclusão: Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*, (4ª ed.). Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Sennett, R. (2003) *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro, Brasil: Record.
- Sobral, A. & Giacomelli, K. (2016). Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. *Revista Domínios de Linguagem*, 10(3), 1076-1094.
- Sicari, A. A. (2018) A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Sicari, A. A., & Zanella, A. V. (2018). Pessoas em Situação de Rua no Brasil: Revisão Sistemática. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 38(4), 662-679. <https://dx.doi.org/10.1590/1982-3703003292017>
- Silva, M. L. L. (2006). Mudanças recentes no mundo do trabalho e o fenômeno população em situação de rua no Brasil 1995-2005. Dissertação de mestrado apresentada ao programa de Pós-Graduação em Política Social do Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília. Brasília, DF, Brasil.
- Silva, J. A., & Lima, E. M. F. de A. (2013). Habitando uma vitrine-membrana: entre dentro e fora. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 17(45), 497-509. <https://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832013000200023>
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *Criação e imaginação na infância*. São Paulo, Brasil: Ática.
- Vigotski, L. S. (2001). A Educação Estética. In: Vigotski, L. S. *Psicologia Pedagógica* (323-363), São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Volochinov, V. & Bakhtin, M. (1976). Discurso na Vida e Discurso na Arte (Sobre Poética Sociológica). Tradução de Cristovão Tezza e Carlos Alberto Faraco. Título Original: Discourse in Life and Discourse en arte - Concerning Sociological Poetics. In: Voloshinov, V. N., *Freudism*, New York: Academic Press.
- Koller, S. H., Couto, M. C. de P. & Hohendorff, J. V.. (2014). Manual de produção científica. Porto Alegre: Penso.
- Villar, A. da S., & Bernardes, A. G.. (2018). Modos de subjetivação dos artesãos de rua: estética da existência e precariedade. *Análise Social*, (227), 416-437. <https://dx.doi.org/10.31447/AS00032573.2018227.07>
- Voloshinov, V. N. (2013). Palavra na vida e a palavra na poesia. Introdução ao problema da poética sociológica. In: Voloshinov, V. N. *A construção da enunciação e outros ensaios*, (página). São Carlos, Brasil: Pedro & João editores.

- Wedekin, L. M. (2015). *Psicologia e arte: os diálogos de Vigotski com a arte russa de seu tempo*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.
- Zanella, A. V.; Reis, A. C. dos; Camargo, D. de; Maheirie, K.; França, K. B. & Da Ros, S. Z. (2005). Movimento de objetivação e subjetivação mediado pela criação artística. *PsicoUSF*, 10(2), 191-199.
- Zanella, A. V., Reis, A. C. dos, Titon, A. P., Urnau, L. C., & Dassoler, T. R. (2007). Questões de método em textos de Vygotski: contribuições à pesquisa em psicologia. *Psicologia & Sociedade*, 19(2), 25-33.
- Zanella, A. V. (2020). *ArteUrbe: Jovens, Oficinas Estéticas e Cidade*. Curitiba: Appris.
- Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014) Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>
- Zwetsch, B. E. (2012). *Limiares urbanos: a necessária precariedade à existência*. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Psicologia Social Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

9. ANEXO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

APÊNDICE 1

(Participante)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa: **TENSÕES E POTÊNCIAS DA ARTE DA PERFORMANCE PROTAGONIZADA POR PESSOAS EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS-SC**. Esta pesquisa está associada ao projeto de mestrado de **Amanda Moreira Teixeira**, no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a **Andréa Vieira Zanella**.

A) A pesquisa tem como objetivo principal investigar o que a arte da performance protagonizada por artistas pessoas em situação de rua provoca no contexto da cidade. Pretendemos, com esta pesquisa, contribuir nas discussões entre Psicologia Social e Arte, possibilitando a produção de conhecimento científico para a qualificação de profissionais que trabalham nestes campos, bem como efetuar uma análise e registro do que a arte protagonizada por pessoas em situação de rua possibilita para as relações estabelecidas na/com a cidade. Nesse sentido, a pesquisa contribuirá para a produção de memória e conhecimento no que se refere às pessoas em situação de rua da cidade de Florianópolis -SC e suas relações com a arte e o

contexto urbano, podendo também trazer contribuições para o Movimento Nacional da População de Rua de Santa Catarina (MNPR-SC) em sua luta por direitos.

B) Sua participação na pesquisa será por meio de:

B.1) Participação em entrevistas individuais com a pesquisadora em que você responderá a perguntas sobre sua relação com a experiência de criar e protagonizar e/ou assistir uma performance no contexto urbano. Por serem realizadas durante encontros com a pesquisadora, a depender das condições, as entrevistas serão anotadas em um diário de campo pela pesquisadora. A participação nas entrevistas dependerá da possibilidade de agendamento entre participante e pesquisadora.

C) A pesquisa foi organizada para não gerar nenhum tipo de desconforto ou constrangimento às/aos participantes. Não são previstos nenhum tipo de riscos a que as/os participantes possam estar sujeitas/os. Porém, possíveis alterações emocionais provocadas pelas narrativas de experiência das/os participantes; modificações na visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função das reflexões que podem advir no percurso da pesquisa. Entretanto, caso surjam essas situações adversas no decorrer da pesquisa, você será acompanhada(o), inicialmente pela pesquisadora Amanda Moreira Teixeira, que lhe prestará toda a assistência necessária ou acionará serviços competentes para o atendimento específico de sua demanda. Sinta-se à vontade para procurar a pesquisadora a qualquer momento caso tenha alguma dúvida sobre os procedimentos, entrando em contato por telefones ou e-mails disponibilizados no fim deste documento.

D) Você será esclarecida(o) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e a

qualquer momento. Você também é livre para recusar-se a participar, retirar o seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. Sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo.

E) Os dados produzidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos. Comporão esses dados: as anotações feitas pela pesquisadora em seus diários de campo, fotografias e vídeos realizadas pela pesquisadora e auxiliares da pesquisa.

F) O sigilo sobre sua identidade, se assim o desejar, será mantido e garantido pelo pesquisador. A opção pela manutenção do sigilo, com indicação ou não de um pseudônimo, ou sua identificação, deverá ser assinalada abaixo, em campo específico. Essa decisão poderá ser tomada e/ou alterada a qualquer momento pelo participante, sem quaisquer prejuízos à sua participação na pesquisa, mediante comunicação a um dos pesquisadores. Sua escolha será respeitada e seguida pelos pesquisadores que procederão resguardando sua identidade, caso seja essa sua escolha, em todas as informações produzidas, sendo que em nenhum momento, nem em materiais publicados ou na apresentação oral desta pesquisa, ela será revelada. Caso opte pela identificação, seu nome será informado nos textos que serão produzidos para a composição da dissertação ou em alguma produção acadêmica desta decorrente.

G) Uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido será arquivada pelos pesquisadores e outra será fornecida a você, pois contém informações importantes de contatos e de seus direitos ao participar desta pesquisa.

H) A sua participação na pesquisa se dará de forma voluntária e não lhe será concedida nenhuma forma de compensação financeira (pagamento ou bens materiais). Sua participação

na pesquisa ocorrerá nos períodos de ensaio e da oficina de teatro no Instituto Arco-Íris e, caso necessário, em outros horários em que você esteja disponível para participar dos encontros com o pesquisador, sem prejuízo a suas demais atividades. Você não terá nenhuma despesa ou custo ao participar da pesquisa ou do que seja advinda dela e, caso alguma despesa extraordinária associada à pesquisa venha a ocorrer, esta será ressarcida com recursos das despesas previstas no projeto. No caso de algum eventual dano material ou imaterial decorrente da pesquisa você também poderá solicitar a indenização conforme a legislação vigente.

As pesquisadoras responsáveis por esta pesquisa, Prof.^a Dr.^a **Andréa Vieira Zanella**, que também assinam este documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconizam as Resoluções CNS 466/12 e 510/16, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais.

Eu, _____,
RG _____, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecida(o) e optar por livre e espontânea vontade participar da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações ou retirar meu consentimento, se assim o desejar, assim como a qualquer momento poderei alterar minhas opções assinaladas abaixo mediante comunicação de meu desejo aos pesquisadores. As pesquisadoras certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais, caso essa seja minha opção expressa no campo abaixo, e me forneceram uma cópia do termo de consentimento livre e esclarecido, contendo as informações de contatos e de meus direitos ao participar desta pesquisa.

1) Autorizo a utilização das informações cedidas por mim no âmbito desta pesquisa às

pesquisadoras Amanda Moreira Teixeira e Andréa Vieira Zanella, cedendo a elas totalmente o conteúdo das entrevistas exclusivamente para fins acadêmicos e científicos.

Sim

Não

2) Indico abaixo minha opção referente ao sigilo ou não de minha identidade:

Opto pelo sigilo de minha identidade. Pseudônimo a ser adotado para identificar o conteúdo das minhas entrevistas:

Opto por minha identificação em trabalhos acadêmicos e científicos a serem produzidos pelos pesquisadores, pois compreendo que minha identificação enquanto participante da pesquisa não me trará nenhum constrangimento ou dano, tendo em vista os objetivos do estudo e sua proposta de produção de conhecimento.

3) Quaisquer mudanças quanto à opção pelo sigilo ou identificação do participante, ou quanto à cessão de direitos patrimoniais autorais para fins acadêmicos e científicos será registrada nesse campo, com rubrica do participante e pesquisadores:

Em caso de dúvidas entre em contato com a pesquisadora Amanda Moreira Teixeira pelo telefone (48) 99600-3989 em qualquer horário, com retorno de ligação caso o pesquisador não possa atender, ou pelo e-mail amoreirate@gmail.com; contate a professora orientadora, Andréa Vieira Zanella, no telefone (48) 3331-8566, em horário comercial, no telefone (48) 3331-8566. Além desses, pode contatar também o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC (CEPSH/UFSC), no telefone (48) 3721-6094. O CEPSH/UFSC é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Nome Completo	Assinatura	Local
Data	(Participante)	

Nome Completo	Assinatura da pesquisadora	Local
Data	(Amanda Moreira Teixeira)	

Nome Completo	Assinatura da Pesquisadora Responsável	Local
Data	(Andréa Vieira Zanella)	

Endereços para contato:

Pesquisadora Amanda Moreira Teixeira

Endereço: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, Trindade, Florianópolis/SC, CEP:88040-970.

E-mail: amoreirate@gmail.com / Telefone: (48) 99600-3989

Prof.^a Dra. Andréa Vieira Zanella - orientadora

Endereço: Departamento de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,

Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, Trindade,

Florianópolis/SC, CEP:88040-970.

E-mail: azanella@cfh.ufsc.br / Telefone: (48) 3331-8566

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC

Endereço: Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, 222, sala 401,

Trindade, Florianópolis/SC, CEP: 88040-400

E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br / Telefone: 48-3721-6094